

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

ISABELLA MAGEDANZ PESCE

**ÉTICA E SENSACIONALISMO EM MEIO A TRAGÉDIAS: AS COBERTURAS DAS
REVISTAS ELETRÔNICAS SEMANAIS FANTÁSTICO E DOMINGO ESPETACULAR SOBRE
A TRAGÉDIA DA ESCOLA PROFESSOR RAUL BRASIL, EM SUZANO**

Porto Alegre
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ISABELLA MAGEDANZ PESCE

ÉTICA E SENSACIONALISMO EM MEIO A TRAGÉDIAS:
AS COBERTURAS DAS REVISTAS ELETRÔNICAS SEMANAIS FANTÁSTICO E
DOMINGO ESPETACULAR SOBRE A TRAGÉDIA DA ESCOLA PROFESSOR
RAUL BRASIL, EM SUZANO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo pela Escola de Comunicação,
Artes e Design - Famecos da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Orientação: Prof. Me. Fabio Canatta de Souza

Porto Alegre

2019

ISABELLA MAGEDANZ PESCE

ÉTICA E SENSACIONALISMO EM MEIO A TRAGÉDIAS:
AS COBERTURAS DAS REVISTAS ELETRÔNICAS SEMANAIS FANTÁSTICO E
DOMINGO ESPETACULAR SOBRE A TRAGÉDIA DA ESCOLA PROFESSOR
RAUL BRASIL, EM SUZANO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo pela Escola de Comunicação,
Artes e Design - Famecos da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Me. Fabio Canatta de Souza - PUCRS

Profa. Dra. Cristiane Finger Costa - PUCRS

Prof. Dr. Cláudio Costa Mércio - PUCRS

Agradecimentos

Sou grata a Deus por Ele ter escolhido para mim um caminho de privilégios e por ter me dado sabedoria para colocá-los em perspectiva e valorizá-los. Por ter me feito nascer em uma família tão especial, em que jamais passei por necessidades. Por eu ter uma casa segura para morar, uma cama confortável para dormir e água quente para tomar um banho depois de um dia exaustivo de estudo ou trabalho. Não fossem esses privilégios, eu não estaria concluindo uma segunda graduação em uma universidade particular.

Agradeço a meu pai por, mesmo não concordando com minha louca ideia de largar a advocacia e cursar Jornalismo, ter dado o apoio necessário para a conclusão do curso. Por ter me ouvido no rádio durante suas viagens e pelo seu jeito amoroso de me criticar.

Agradeço a minha mãe pelo apoio incondicional que deu desde que eu disse a ela: “Estou infeliz. Vou parar de estudar para concursos e começar a fazer Jornalismo.” Dedico o meu diploma a essa mãe, Dulce Magedanz, que dividiu comigo as dores de algumas decepções ao longo do curso, mas também as alegrias por cada nova conquista, especialmente quando entendemos que tudo o que aconteceu foi para o meu bem.

Sou grata a meu irmão por ter sido o primeiro jornalista da família. Foram as experiências dele na Famecos que me fizeram sonhar em concluir o mesmo curso que ele, na mesma Faculdade. Não poderia ter uma pessoa mais especial para entregar meu diploma no dia da formatura.

Ao meu namorado Raphael Baldi, por ser uma das pessoas que mais acredita no meu potencial e que faz questão de me dizer, sempre, que não há barreiras para os meus sonhos no jornalismo. Agradeço pelos mimos durante os estudos para esse TCC, desde os cafés na mesa até a gin tônica da recompensa.

Ao meu orientador, Fabio Canatta, pela dedicação ao corrigir cada detalhe desse trabalho e por me fazer refletir sobre o que estava escrevendo, e a todos os professores da Famecos, lugar em que passei quatro anos muito felizes e de onde saio com o orgulho de dizer #EuSouFamecos.

O que com amor faço, não sinto cansaço.

Celita Meinen Magedanz

RESUMO

O presente trabalho analisa a cobertura jornalística realizada pelas revistas eletrônicas semanais Fantástico, do Grupo Globo, e Domingo Espetacular, da Record TV, sobre a tragédia da Escola Professor Raul Brasil, em Suzano, no interior de São Paulo. A finalidade é compará-las e descobrir se as emissoras respeitaram suas normas internas e os princípios éticos do jornalismo, ou se foram sensacionalistas. A pesquisa bibliográfica é utilizada para refletir sobre a importância da televisão atualmente, assim como para elucidar o que é um bom jornalismo, de acordo com os pesquisadores da área. Para isso, a reflexão teórica envolve a discussão de conceitos como Sensacionalismo (BOURDIEU, 1997), Indústria Cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1995) e Sociedade do Espetáculo (DEBORD, 1997), bem como considerações a respeito da ética no jornalismo brasileiro (CHRISTOFOLETTI, 2008). A técnica da Análise de Imagens em Movimento (ROSE, 2003) é utilizada para a análise comparativa das coberturas jornalísticas, com o objetivo de evidenciar características das reportagens relacionadas ao texto e às imagens que possam ajudar na solução do problema de pesquisa. Conclui-se que o Fantástico, de um modo geral, esteve atento aos princípios éticos da profissão, mas violou um princípio interno de seu manual que prevê que todos os ângulos de uma reportagem devem ser retratados. Já o Domingo Espetacular utilizou recursos sensacionalistas em todas as reportagens sobre a tragédia, mas seguiu orientações de seu próprio manual.

Palavras-chave: Tragédia. Ética. Sensacionalismo.

ABSTRACT

This paper analyzes the journalistic coverage by the weekly electronic magazines Fantástico, from Grupo Globo, and Domingo Espetacular, from Record TV, about Professor Raul Brasil School's tragedy, in Suzano, São Paulo. The purpose is to compare and to discuss if broadcasters respect their internal norms and the ethical principles of journalism, or if they are sensationalist. Bibliographic research is used to talk about the importance of television today, such as to elucidate what is to make good journalism, according to researchers in the field. To this, a theoretical reflection involves a discussion of concepts such as sensationalism (BOURDIEU, 1997), The Culture Industry (ADORNO; HORKHEIMER, 1995) and The Society of the Spectacle (DEBORD, 1997), as well as considerations about the respect of ethics in Brazilian journalism (CHRISTOFOLETTI 2008). Analysis of moving images (ROSE, 2003) is used for a comparative examination of journalistic coverage to demonstrate the characteristics of the news coverage related to the text and the images they use. The conclusion suggests Fantástico, in general, was attentive to the ethical principles of the profession but violated an internal principle of its manual, which states that all points of view must be respected during a journalistic coverage. Domingo Espetacular, on the other hand, uses sensationalist features in all of the tragedy's reports but follows directions from its manual.

Keywords: Tragedy. Ethics. Sensationalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estúdio do Fantástico.....	45
Figura 2 - Câmera de Segurança da Escola I	47
Figura 3 - Câmera de Segurança da Escola II	47
Figura 4 - Reprodução de ligação telefônica	48
Figura 5 - Salas de aula após o ataque.....	49
Figura 6 - Reconstituição policial.....	50
Figura 7 - Foco nos machucados I.....	51
Figura 8 - Foco nos machucados II	52
Figura 9 - Reencontro das amigas	53
Figura 10 - Jovens emocionados em homenagem.....	54
Figura 11 - Câmera de Segurança da Escola III	55
Figura 12 - Vítima morta no chão	55
Figura 13 - Vítima machucada no hospital	57
Figura 14 - Foto de arquivo de Guilherme.....	57
Figura 15 - Homenagens em frente ao muro da escola	58
Figura 16 - Estúdio do Domingo Espetacular.....	59
Figura 17 - Entrevista com o pai do assassino Guilherme	60
Figura 18 - Entrevista com o pai do assassino Luiz Henrique.....	60
Figura 19 - Jogo de videogame violento.....	61
Figura 20 - Tentativa de entrevista com mãe do assassino Guilherme.....	62
Figura 21 - Foto de Arquivo de Guilherme II	62
Figura 22 - Foto de arquivo de Guilherme III.....	63
Figura 23 - Encenação com pessoa mascarada	65
Figura 24 - Fotos dos assassinos.....	65
Figura 25 - Conversas na deep web	66
Figura 26 - Pessoa emocionada em frente à escola	67
Figura 27 - Arma do policial.....	68
Figura 28 - Assassinos mortos no chão	69
Figura 29 - Policial emocionado	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 POR QUE FALAR SOBRE A TELEVISÃO	12
2.1 Do analógico à multiplicidade de telas	12
2.2 Elogios e críticas à televisão: democrática ou opressiva?.....	15
2.3 A popularização da televisão e o sensacionalismo no Brasil.....	20
<i>2.3.1 Da Escola de Frankfurt ao Showrnalismo.....</i>	<i>22</i>
3 A ÉTICA NO JORNALISMO	26
3.1 Uma abordagem teórica	26
3.2 Os códigos que regem o Jornalismo	31
<i>3.2.1 Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Fenaj)</i>	<i>31</i>
<i>3.2.2 Código de Ética da Radiodifusão Brasileira (Abert).....</i>	<i>34</i>
3.3 Princípios Editoriais do Grupo Globo.....	36
3.4 Normas para Telejornalismo Regional da Rede Record	38
4 ANÁLISE DA COBERTURA DA TRAGÉDIA DE SUZANO PELOS PROGRAMAS FANTÁSTICO E DOMINGO ESPETACULAR.....	40
4.1 Quadro de comparação objetiva das reportagens do Fantástico e Domingo Espetacular	41
4.2 Cobertura da revista eletrônica Fantástico	45
<i>4.2.1 O passo a passo do ataque.....</i>	<i>46</i>
<i>4.2.2 A história das Amigas Sobreviventes</i>	<i>50</i>
4.3 Cobertura da revista eletrônica Domingo Espetacular	53
<i>4.3.1 O passo a passo do ataque.....</i>	<i>53</i>
<i>4.3.2 Reportagem com os familiares dos atiradores</i>	<i>59</i>
<i>4.3.3 Reportagem sobre a Deep Web.....</i>	<i>64</i>
<i>4.3.4 Reportagem exclusiva: entrevista com policial à paisana.....</i>	<i>67</i>

4.4 Análise de resultados: as reportagens do Fantástico e do Domingo Espetacular e o respeito (ou não) aos Códigos de Ética	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	77
APÊNDICES	81
APÊNDICE A - DECUPAGEM DAS REPORTAGENS DO FANTÁSTICO SOBRE A TRAGÉDIA DE SUZANO, NO PROGRAMA DO DIA 17 DE MARÇO DE 2019	81
APÊNDICE B - DECUPAGEM DAS REPORTAGENS DO DOMINGO ESPETACULAR SOBRE A TRAGÉDIA DE SUZANO, NO PROGRAMA DO DIA 17 DE MARÇO DE 2019	97

1 INTRODUÇÃO

“E que 2019 é esse?” Essa foi uma das perguntas que mais ecoou entre os brasileiros já nos três primeiros meses do ano. De janeiro a março não faltaram tragédias: a morte de pelo menos 229 pessoas pelo rompimento de uma barragem da mineradora Vale do Rio Doce, em Brumadinho, Minas Gerais¹; a morte de dez jovens jogadores do Flamengo no Ninho do Urubu, enquanto dormiam²; o acidente de helicóptero que vitimou o jornalista Ricardo Boechat³; as mortes causadas pela maior chuva do Rio de Janeiro nos últimos 22 anos⁴. O ano de 2019 entrava no terceiro mês quando mais uma notícia surpreendeu o país: o assassinato de cinco alunos e duas funcionárias da Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano, interior de São Paulo, em 13 de março. Um massacre coordenado por dois jovens ex-alunos da instituição que, antes de chegarem à escola, ainda executaram o tio de um deles.

A sucessão de tragédias envolvendo a terra, o fogo, a água e o ar trouxeram reflexões à tona. Como futura jornalista, a autora pensa no peso e na obrigação que o profissional carrega ao ter de noticiar esses acontecimentos, pois são de interesse público e do público. A obrigação de informar tragédias, entretanto, não perdoa a falta de humanidade e o sensacionalismo que alguns veículos de comunicação utilizam como estratégia para aumentar suas audiências. O uso dos privilégios de trabalhar com a informação merece um estudo aprofundado, o que pode ser feito através da análise de casos, por exemplo. Esta monografia pretende identificar bibliograficamente o que se entende por boas condutas jornalísticas, apontando o que dizem os códigos de ética da profissão e das emissoras de telejornalismo, e analisar se, na prática, elas respeitam tais condutas na cobertura jornalística de tragédias.

O objeto de pesquisa escolhido pela autora foi o massacre de Suzano devido à repercussão que o caso teve na mídia brasileira e nas consequências da sua

¹ CHEGA a 229 o número de mortos em rompimento de barragem da Vale em Brumadinho. **G1**, Belo Horizonte, 15 abr. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/2pM0Bw5>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

² FLAMENGO de luto: incêndio deixa 10 mortos no Ninho do Urubu. **G1**, Rio de Janeiro, 8 fev. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/34tYLyA>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

³ MORRE o jornalista Ricardo Boechat: Apresentador do Jornal da Band estava em helicóptero que caiu no começo da tarde no Rodoanel. **BAND**, São Paulo, 11 fev. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/36EhA3Y>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

⁴ MAIOR chuva em 22 anos no Rio causa 10 mortes, deixa bairros submersos e provoca destruição. **G1**, Rio de Janeiro, 9 abr. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/33mqNvV>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

massiva exposição, como a geração de tentativas de ataques semelhantes em outras escolas do país, por exemplo⁵. As coberturas jornalísticas analisadas são as das revistas eletrônicas semanais Fantástico, do Grupo Globo, e Domingo Espetacular, da Record TV, emissoras que constantemente estão no topo da audiência da televisão aberta. O período analisado compreende as edições do dia 17 de março de 2019, o domingo posterior ao massacre.

A monografia utiliza, inicialmente, o método de pesquisa bibliográfica, que ajuda na construção dos capítulos 2 e 3, em que a autora promove uma discussão teórica acerca dos assuntos pertinentes ao tema pesquisado.

O segundo capítulo aborda a importância da televisão atualmente, trazendo uma contextualização dessa mídia na era digital (JENKINS, 2009), assim como as críticas ao aumento do uso das ferramentas tecnológicas na TV (WOLTON, 2010). O capítulo introduz reflexões sobre o Sensacionalismo e a Sociedade do Espetáculo, a partir das definições de Bourdieu (1997) e Debord (1997), respectivamente. Traz, ainda, reflexões sobre a Indústria Cultural, conforme estudos de Adorno e Horkheimer (1995) e uma visão do que se entende por *showrnlismo* (ARBEX JR, 2001).

O capítulo três fala sobre a ética no jornalismo e os códigos que regem a profissão, destacando-se as pesquisas de Christofletti (2008), o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007) e o Código de Ética da Radiodifusão Brasileira (ABERT, 1993). Antes de dar início à análise das coberturas da tragédia de Suzano pelas revistas eletrônicas semanais do Grupo Globo e da Record TV, destacam-se disposições que ambas as emissoras utilizam na edição de suas coberturas jornalísticas: o Código de Ética da Rede Globo (2019) e as Normas para Telejornalismo Regional da Rede Record⁶ (2006).

O quarto capítulo faz uma análise da cobertura jornalística realizada pelos programas Fantástico e Domingo Espetacular no dia 17 de março de 2019, quatro dias depois da tragédia de Suzano. Para facilitar a comparação, a autora transcreveu todas as reportagens na íntegra, em texto e imagens, como sugere a metodologia da

⁵ A autora apurou que, no mês subsequente à tragédia de Suzano, pelo menos 12 notícias relativas a massacres foram publicadas no estado do Rio Grande do Sul. Em seis publicações, os envolvidos explicitamente mencionaram o caso da Escola Professor Raul Brasil.

⁶ Em que pese exista um manual da Record TV a nível nacional, ele não está disponível para acesso na Internet, tampouco foi autorizado pela emissora seu envio à autora para a realização deste trabalho. Dessa maneira, foram analisadas disposições das normas regionais, disponíveis na web e utilizadas pela emissora nos Estados, como confirmou Camila Model, produtora da Record TV no Rio Grande do Sul.

Análise de Imagens em Movimento (ROSE, 2003). Além de apontar critérios objetivos de comparação, foram analisados critérios subjetivos, observados pela autora durante as inúmeras vezes que assistiu aos programas e por meio das transcrições feitas.

O capítulo final compreende as considerações finais, em que se compara o que dizem os códigos de ética da profissão e das próprias emissoras com o que foi analisado na cobertura jornalística dos programas estudados.

2 POR QUE FALAR SOBRE A TELEVISÃO

2.1 Do analógico à multiplicidade de telas

A pesquisa mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o uso de Internet, televisão e celular no Brasil data de 2017 e aponta que apenas 3,3% dos domicílios particulares permanentes visitados não estão equipados com televisão⁷ (IBGE, c2018). O que muda ao longo dos anos não é a presença do aparelho, mas o tipo de TV: saem os televisores de tubo e entram os de tela fina.

Os dados e as pesquisas recentes mostram que a televisão não está morrendo, mas a sua relação com o público é que está diferente. O cofundador do Programa de Estudos de Mídia Comparativa do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Henry Jenkins, defende a convergência das mídias, e não a exclusão de uma após o surgimento de outra mais nova:

Desde que o som gravado se tornou uma possibilidade, continuamos a desenvolver novos e aprimorados meios de gravação e reprodução do som. Palavras impressas não eliminaram as palavras faladas. O cinema não eliminou o teatro. A televisão não eliminou o rádio. Cada meio antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes." (JENKINS, 2009, p. 41)

Para Palácios e Ribas (2007, p. 35), as características do jornalismo na Internet aparecem, majoritariamente, “como continuidades e potencializações e não, necessariamente, como rupturas com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores.” Na capa da obra *Cultura da Convergência*, Jenkins (2009) ressalta o principal diferencial da mídia na era digital: “As mídias tradicionais são passivas. As mídias atuais, participativas e interativas. Elas coexistem e estão em rota de colisão. Bem-vindo à revolução do conhecimento. Bem-vindo à cultura da convergência.” E explica:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações

⁷ Domicílio particular permanente é o domicílio que foi construído para servir exclusivamente à habitação e, na data de referência, tinha a finalidade de servir de moradia a uma ou mais pessoas. Na pesquisa realizada no quarto trimestre de 2017, foram visitados 70.382 domicílios, sendo que em apenas 3,3% não havia televisão.

tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2009, p. 29)

De acordo com Finger e Souza (2012, p. 374), a televisão segue sendo um veículo único que, a partir da evolução das necessidades sociais e da concorrência tecnológica, proporciona uma experiência mais interativa e complexa de audiência. Ao analisarem os novos modos de assistir à televisão a partir da convergência com a Internet, os autores adaptam os termos *crossmedia* e *transmedia*, citados por Jenkins no âmbito da Indústria Cultural, ao jornalismo:

Na crossmedia há um processo de difusão de conteúdo em diversos meios. O material não necessariamente deve ser idêntico, muitas vezes, o que é divulgado em uma mídia completa o que está presente em outra. Assim, pode existir uma diferenciação no texto, com acréscimo de imagens e arquivos em áudio. O objetivo é criar uma interação do público com o conteúdo. (...) Já a transmedia é a integração de conteúdos e meios com o objetivo de evidenciar a colaboração do usuário, que passa a ter vez e voz. Ele é o foco das atenções, como inventor de produtos e narrador de experiências. (FINGER; SOUZA, 2012, p. 377-378)

A televisão aberta tem acompanhado tais evoluções, à medida que oferece ao público sua programação ao vivo também nos meios digitais, além de conteúdos exclusivos e adaptados para o consumidor digital. Como exemplo, podemos citar os aplicativos *Globoplay*, dos canais Globo, e o *Play Plus*, da Record, ambos serviços de *streaming* e vídeo sob demanda. Silva e Rocha (2010, p. 198) observam que as produções de conteúdos para a TV e para a *web* devem ser complementares entre si, respeitando-se as características próprias de cada mídia e aumentando as possibilidades de participação do telespectador em *chats*, fóruns e enquetes.

Através de novos canais e de múltiplas telas, a televisão na era digital promove a cooperação em grupo. Jenkins (2009, p. 44) destaca que a vida, os relacionamentos, as memórias, as fantasias e os desejos também flutuam pelos canais de mídia e em múltiplas plataformas. Ele observa, ainda, a intenção da mídia em manter uma relação duradoura com o público, que pode descobrir mais sobre um conteúdo ao navegar por diferentes dispositivos:

A indústria da televisão concentra-se cada vez mais em compreender os consumidores que tenham uma relação prolongada e um envolvimento ativo com o conteúdo das mídias e que demonstrem disposição em rastrear esse conteúdo no espectro da TV a cabo e outras plataformas. (JENKINS, 2009, p. 104)

Apesar das mudanças na era da convergência, a televisão ainda é um veículo que aproxima as pessoas e as faz compartilharem experiências. Uma das mudanças trazidas pela era digital foi o aumento da interação entre os telespectadores através da Internet, por meio de uma segunda tela:

A segunda tela pode ser qualquer dispositivo que permita o acesso à Internet como smartphones, tablets, notebooks, entre outros, usados de forma simultânea à programação da TV. Essa navegação paralela permite o consumo de conteúdos complementares (saber mais sobre a história, os atores, a trama, trilha sonora, ou, simplesmente, onde comprar as roupas utilizadas pelos protagonistas) e a interação com outras pessoas. (FINGER; SOUZA, 2012, p. 384)

Ou seja, “embora em diferentes graus de status e influência, caminhamos para a formação de uma massa de telespectadores participantes, interessados em expandir a experiência de consumo.” (FINGER; SOUZA, 2012, p. 385) Também nesse sentido, observam Silva e Rocha (2010, p. 209) que a evolução da televisão se dá em razão da integração entre as mídias sonora, visual e de dados. Segundo as autoras, a incorporação desses recursos pelos telejornais, a fim de estimular a participação do público, interessa também às próprias empresas, que passam a conhecer mais de perto seu público e perceber quais são suas preferências:

O diferencial da presença dos telejornais na Internet é a possibilidade de oferecer ao telespectador a oportunidade de ter uma parcela de participação no telejornal. Por meio de *chats*, fóruns, enquetes e salas de bate-papo, os telespectadores convertidos em usuários e internautas podem enviar perguntas, sugestões, emitir opiniões e estabelecer uma relação mais próxima com os produtores e convidados dos telejornais. Por sua vez, a equipe responsável pelo telejornal pode conhecer mais de perto o seu público e perceber quais são suas preferências, o que pode favorecer a busca pela qualidade e audiência do programa televisivo. (SILVA; ROCHA, 2010, p. 211)

Se por um lado, muitos autores enxergam como positiva a apropriação da Internet pela televisão em termos de consumo de conteúdo e colaboração da audiência, há, por outro, quem navegue na contramão. Wolton (2010, p. 13) repensa a comunicação a partir do triunfo da informação e das tecnologias que a acompanham. O autor entende que o aumento de ferramentas tecnológicas não significa um avanço na comunicação e compreensão entre os indivíduos, até porque isso subordinaria o avanço da comunicação humana e social ao progresso das tecnologias (WOLTON, 2010, p. 29).

O usuário fica tão ligado à velocidade, performance, interatividade e à sensação de liberdade trazidas pela tecnologia que, muitas vezes, não percebe a

dependência resultante (WOLTON, 2010, p. 32). Ficar preso ao digital, segundo o pesquisador, prejudica a comunicação humanizada e social. Nesse sentido, ele defende a “destecnificação” da comunicação:

Lembrar que os avanços da comunicação humana não são proporcionais aos avanços técnicos. Separar comunicação e tecnologia mesmo se nos últimos 200 anos elas estiveram ligadas num mesmo movimento pela emancipação. O progresso tecnológico não é mais sinônimo de progresso da comunicação, assim como informar não é comunicar. Essa onipresença das tecnologias engoliu todo o espírito crítico a tal ponto que para muitos a comunicação sem tecnologia tornou-se impossível. A palavra *rede* tornou-se mágica. (WOLTON, 2010, p. 46)

Importante salientar que Wolton não é avesso à tecnologia, mas a favor de colocá-la sob um olhar crítico. Nesse sentido, defende a televisão como um meio de união dos indivíduos e de promoção da democracia através do trabalho de mediação, seleção, hierarquização e validação das informações pelo jornalista.

2.2 Elogios e críticas à televisão: democrática ou opressiva?

Desde seu surgimento, a televisão é alvo de estudos e críticas. De acordo com Machado (2003, p. 17-18), em seus primórdios ela foi tratada de duas maneiras distintas. Nos anos 50, “congenitamente má” na visão de Adorno, filósofo alemão, expoente da Escola de Frankfurt. Já nos anos 70, entendida de modo oposto por McLuhan, teórico canadense, que viu na televisão um meio capaz de proporcionar uma experiência extremamente profunda. No século XXI, Machado (2003) propõe uma nova maneira de pensar a TV:

É tempo, pois, de promover uma mirada retrospectiva e tentar redescobrir essa arte negligenciada. É tempo de resgatar a inteligência, a criatividade, o espírito crítico e tudo isso que tem ficado reprimido na maioria das abordagens tradicionais, mas que não é, como muitos podem pensar, uma tendência recente na história da televisão, ou um privilégio restrito apenas a algumas televisões públicas ou canais de cabo (pagos). (MACHADO, 2003, p. 21)

O autor começa uma de suas obras questionando o público se é possível amar a televisão, fazendo uma crítica àqueles que dizem que nela só existem banalidades. Segundo Machado (2003, p. 9), “o fenômeno da banalização é resultado de uma apropriação industrial da cultura e pode ser hoje estendido a toda e qualquer forma de produção intelectual do homem.” Nesse sentido, diz que a televisão não deve pagar

sozinha por ter assumido essa característica. Nessa abordagem mais positiva, o pesquisador entende que “se pode amar a televisão sem necessariamente precisar fazer concessões de qualquer espécie e sem correr o risco de se passar por ignorante.” (MACHADO, 2005, p. 10)

Sobre a importância da televisão à sociedade, fundamental destacar a obra de Wolton, que enaltece seu papel social e democrático:

A televisão é atualmente um dos principais laços sociais da sociedade individual de massa. Aliás, ela é também uma figura desse laço social. [...] a televisão é a única atividade compartilhada por todas as classes sociais e por todas as faixas etárias, estabelecendo, assim, um laço entre todos os meios. (WOLTON, 2004, p. 135)

A ideia de laço social é amplamente trabalhada por Wolton em suas pesquisas. Em *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*, defende o conceito no sentido de que “o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo, assim, como ele, uma espécie de laço invisível.” (WOLTON, 1996, p. 124)

Nessa obra, o pesquisador defende a televisão como atividade livre e igualitária, à medida que cada pessoa a assiste quando quiser e aos programas que quiser. E complementa: “O acesso à imagem é mais fácil que o acesso ao texto.” (WOLTON, 1996, p. 68) Ainda sobre as características da televisão, Wolton a destaca como um espelho da sociedade:

Se ela é seu espelho, significa que a sociedade se vê - no sentido mais forte do pronome reflexivo - através da televisão, que esta lhe oferece uma representação de si mesma. E ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente. Ela é, além disso, um dos únicos exemplos em que essa sociedade se reflete, permitindo que cada um tenha acesso a essa representação. (WOLTON, 1996, p. 124)

Especificamente em relação ao Brasil, o pesquisador atribui à televisão um fator de identidade cultural e de integração social, “o que é paradoxal neste caso, tendo em conta as grandes distâncias sociais entre os mais pobres, analfabetos e os mais ricos, geralmente voltados para os modelos ocidentais.” (WOLTON, 1996, p. 155) Em consonância com os pensamentos do autor, Finger e Souza (2012) trazem a pesquisa para a atualidade e refletem sobre a força do laço social criado pela televisão em tempos de convergência com a Internet:

O fato de o indivíduo assistir televisão o integra, ao menos potencialmente, a um imenso grupo de outros indivíduos. Um grupo que também assiste televisão naquele mesmo momento. Uma característica exclusiva da televisão. A experiência em comum dessas pessoas em torno da TV é o que os une num espaço coletivo, mesmo que virtual. (FINGER; SOUZA, 2012, p. 386)

Segundo os autores, são características como essas que a tornam um veículo único e longe da extinção. Na esteira das características positivas, que transformam a televisão um meio de aproximação social, Jost (2010, p. 46) aponta que a “capacidade da televisão de pôr qualquer telespectador em contato com os mais variados pontos do globo é uma fonte contínua de admiração e, até mesmo, de narcisismo.” Ainda que seja um veículo de massa, o autor reforça a relação de intimidade que ela cria com o público, o que propicia uma “ligação próxima de conversação, o que supõe uma troca franca, olhos nos olhos.” (JOST, 2010, p. 47)

Enquanto Wolton e seguidores exaltam o laço social que essa mídia cria entre as mais diferentes pessoas em todo o mundo, Bourdieu (1997, p. 13) espera que aquilo “que poderia ter se tornado um extraordinário instrumento de democracia direta não se converta em instrumento de opressão simbólica.” Segundo o autor, a televisão se utiliza de mecanismos que oferecem perigos à vida democrática e política:

A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos. (BOURDIEU, 1997, p. 23-24)

Entre os perigos ressaltados por Bourdieu, está o que chama de *efeito do real*, no sentido de que “a televisão pode fazer ver e fazer crer no que faz ver.” (BOURDIEU, 1997, p. 28) Ao deter essa força, o veículo ganha um poder de mobilização e de fazer existir ideias ou representações:

E, insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação de realidade. Caminha-se cada vez rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão. A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política. (BOURDIEU, 1997, p. 29)

Ao falar sobre a televisão no Brasil, Rezende concorda parcialmente com uma ideia de Bourdieu, na medida que a televisão “desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população.” (REZENDE, 2000, p. 23) Entretanto,

o autor é mais otimista em relação a essa mídia, destacando os aspectos positivos que a tornam um dos principais meios de democratizar a informação:

O telejornalismo cumpre uma função social e política tão relevante porque atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia, mas que tem de vê-la, enquanto espera a novela. Em relação aos meios impressos, acontece o contrário: o leitor só lê o que lhe interessa. É justamente por causa desse telespectador passivo que o telejornalismo torna-se mais importante do que se imagina, a ponto de representar a principal forma de democratizar a informação. (REZENDE, 2000, p. 23-24)

Apesar de enxergar na televisão um papel importante à sociedade, o pesquisador pondera que o telejornalismo não está cumprindo sua missão social, por estar preso a grandes corporações “que controlam as estações de TV, motivadas muito mais por seus interesses econômicos e políticos do que pelas necessidades das camadas populares.” (REZENDE, 2000, p. 24) E complementa:

O reinado do consumo e do lucro torna-se mais transparente nos programas de audiência gigantesca e heterogênea, exibidos no horário nobre. À mercê da implacável orientação ditada pelos índices do Ibope, os produtores desses programas se veem obrigados a agradar a “gregos e troianos”, representados por um tipo de telespectador médio, definido pelos departamentos de pesquisa e marketing das emissoras. (REZENDE, 2000, p. 25)

Outra questão amplamente abordada nas críticas sobre a televisão é a sua relação com o real: seria ela um espelho da realidade ou uma mídia que ajuda a construir essa realidade? Ao longo do século XX, o jornalismo como estudo científico perpassou por diversas teorias, não no sentido de um conjunto elaborado e interligado de princípios e preposições, mas de uma explicação interessante e plausível sobre o porquê as notícias são como são (TRAQUINA, 2005, p. 146). Dentre esses estudos, está a Teoria do Espelho, que entende o jornalismo como uma transmissão não expurgada da realidade, um espelho:

Central à teoria é a noção-chave de que o jornalista é um *comunicador desinteressado*, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de *informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doa a quem doer*. (TRAQUINA, 2005, p. 147)

Durante esse período, reina o conceito de objetividade, influenciado pelo positivismo do século XIX e o contexto americano dos anos 20 e 30. Também pelo jornalista Walter Lippmann e a certeza de que “os jornalistas precisavam procurar no

método científico e nos procedimentos profissionais o antídoto para a subjetividade.” (TRAQUINA, 2005, p. 148). Segundo os preceitos da Teoria do Espelho:

(...) a legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estão assentes na crença social de que as notícias refletem a realidade, que os jornalistas são imparciais devido ao respeito às normas profissionais e asseguram o trabalho de recolher a informação e de relatar os fatos, sendo simples mediadores que “reproduzem” o acontecimento na notícia. (TRAQUINA, 2005, p. 149)

A partir do século XXI essa teoria começa a ser ultrapassada. Um dos expoentes que pensam o oposto da Teoria do Espelho é Bourdieu, que enxerga a televisão como um meio que produz o efeito do real com um poder de mobilização social, e não como um espelho da realidade:

Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas, etc. capazes de desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo-ódio do estrangeiro, e a simples narração, o fato de relatar, *to record*, como *repórter*, implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou desmobilização). (BOURDIEU, 1997, p. 28)

Vizeu (2003) segue essa linha de pensamento, no sentido de que o jornalismo é uma construção social da realidade, e não um espelho dela, como pensaram alguns teóricos tradicionais da área. Ao longo de sua pesquisa, mostra a dicotomia entre as abordagens mais tradicionais do jornalismo em contraponto com visões mais atuais, como a da socióloga Gaye Tuchman. Na percepção da autora, os homens e as mulheres constroem e constituem os fenômenos sociais coletivamente. Cada uma dessas perspectivas ao atuar sobre os atores sociais determina uma abordagem diferente da notícia. (TUCHMAN, 1983, apud VIZEU, 2011, p. 107)

O pesquisador sustenta seus argumentos com base na interação social, identificando os ouvintes da notícia como participantes ativos da comunicação verbal. “O interlocutor é constitutivo do próprio ato de produção da linguagem, de certa maneira ele é co-enunciador do texto e não um mero decodificador de mensagens.” (VIZEU, 2011, p. 108) E complementa:

A imagem que a mídia constrói da realidade é resultado de uma atividade profissional de mediação vinculada a uma organização que se dedica basicamente a interpretar a realidade social e mediar os que fazem parte do *espetáculo mundano* e o público.” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 13)

As visões contemporâneas do jornalismo entendem a Teoria do Espelho como ultrapassada, mas os estudos e críticas aprofundadas sobre a televisão persistem, seja para defendê-la como um meio de comunicação que aproxima globalmente todas as classes da sociedade, seja para criticá-la como parte da Indústria Cultural e como um risco ao pensamento crítico.

2.3 A popularização da televisão e o sensacionalismo no Brasil

Sensacionalismo. Segundo o dicionário Michaelis (c2019): “Uso, efeito e divulgação de notícias exageradas ou que causem sensação, que choquem o público, sem nenhuma preocupação com a verdade.” No jornalismo, matérias sensacionalistas são aquelas que exploram os detalhes das histórias humanas e ressaltam as cargas apelativas capazes de chocar a audiência. Na visão de Amaral (2006, p. 21) o fenômeno está ligado “à valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão de conteúdo pela forma”. Segundo Góes (2013, p. 2), isso acontece em razão da lógica empresarial que rege a profissão, como um elemento importante de uma estratégia mercadológica “que transforma a notícia num produto espetacular, barato, rápido e de fácil consumo por um público que supostamente pertence às camadas populares.”

Estudos de Guimarães (2014, p. 104) apontam que o sensacionalismo no jornalismo brasileiro tem relação com as *faits divers*, termo francês que traduz “notícias sem critério, recorrentes em jornais, que vão de crimes a suicídios, acidentes a acontecimentos fantásticos, em uma longa enumeração de temas”. A autora explica que foi a partir do século XIX, com crescimento das indústrias, que houve a expansão das cidades brasileiras e um maior espaço para a vida em sociedade, gerando mais curiosidade a noticiários populares, divertimentos e espetáculos. Essas características, assim como a inspiração da imprensa brasileira na internacional, geraram o crescimento do sensacionalismo nos jornais nacionais.

As primeiras notícias sensacionalistas, *faits divers*, estavam presentes inicialmente no jornalismo impresso e refletiam a cultura midiática do século e a paixão pelo sangue no papel, “ganhando muitas vezes a primeira página, muitas colunas, títulos escandalosos em grandes manchetes, boxes, ilustrações e fotografias.” (GUIMARÃES, 2014, p. 109) O sensacionalismo na televisão passa a ser mais

expressivo no século XX, especialmente entre os anos de 1994 e 1998, quando houve uma estabilização da economia brasileira e um aumento do consumo de bens, horizontalizando a posse de televisores (TONDATO; LOPES, 2017). Esse processo de popularização abriu o acesso para as classes D e E, enquanto a C começou a migrar para a televisão por assinatura.

O aumento das vendas de aparelhos de TV para as classes C, D e E, e “a migração da classe média para os canais por assinatura” fazem com que as emissoras tradicionais mudem o perfil de sua programação. Se grande parte dos consumidores de TV ainda não tem acesso às novas tecnologias, a TV de sinal aberto leva uma opção até elas. Os programas trazem recortes de notícias, ficção, anúncios, música, tudo numa só seqüência, que ‘informa’, diverte e ‘instrui’ o telespectador. (TONDATO; LOPES, 2017, p.2).

Ainda segundo as autoras, a agenda da televisão aberta acaba se voltando para o entretenimento do público, “seja ele na forma de humorismo, telenovela ou programas de auditório, numa mistura de jornalismo com entretenimento, muitas vezes em forma de sensacionalismo”. (TONDATO; LOPES, 2017, p. 3) O surgimento de programas desse gênero foi destacado por Bourdieu no clássico Sobre a Televisão (1997), em que aponta a busca dos telejornais por notícias de variedades e sensacionalistas com a finalidade de aumentar a audiência e o lucro:

Tomemos o mais fácil: as notícias de variedades, que sempre foram o alimento predileto da imprensa sensacionalista; o sangue e o sexo, o drama e o crime sempre fizeram vender, e o reino do índice de audiência devia alçar à primeira página, à abertura dos jornais televisivos, esses ingredientes que a preocupação de respeitabilidade imposta pelo modelo da imprensa escrita série levava até então a afastar ou relegar. (BOURDIEU, 1997, p. 22)

No Brasil, o final dos anos 90 foram marcados por muitos programas telejornalísticos pautados pelo espetáculo, como é o caso do extinto Linha Direta, da Rede Globo. Atualmente, programas similares de empresas diferentes concorrem para ver quem veicula mais notícias de caráter apelativo. O Brasil Urgente, da TV Bandeirantes, expõe a violência com riqueza de detalhes e forte apelo emocional. Na rede Record, é o Cidade Alerta que assume essa característica. A própria chamada do programa no site da empresa é apelativa: “Cidade Alerta – Notícias, violência urbana e crimes – Rede Record”. Além disso, cada estado tem uma versão local do programa Balanço Geral, sob a mesma chamada.

Programações como as recém citadas exploram as emoções e o sentimentalismo do espectador, que assiste a tudo passivamente. Para Bourdieu (1997, p. 15), a televisão “convida à *dramatização*, no duplo sentido: põe em cena, em

imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o carácter dramático, trágico”. Programas assim, segundo os críticos, nada mais querem que transformar notícias em shows que rendam lucro.

2.3.1 *Da Escola de Frankfurt ao Showrnlismo*

Em meados dos anos 1940, Adorno e Horkheimer, pensadores da conhecida Escola de Frankfurt, elaboraram a Teoria Crítica, incorporando a ela o conceito de Indústria Cultural, que denunciava uma sociedade movida pelo consumo. Os pesquisadores fugiram da Alemanha na época da ascensão do nazismo e se exilaram nos Estados Unidos, onde encontraram uma sociedade capitalista em estado bastante avançado. Nesse contexto, os meios de comunicação eram dominados por poucos, e, segundo os pensadores, produziam bens culturais como mercadoria, prejudicando a capacidade crítica da sociedade:

Os frankfurtianos várias vezes fizeram afirmações grosseiras e taxativas sobre o significado das comunicações na sociedade, como, por exemplo, as de que “o entretenimento popular responde em realidade a uma necessidade criada artificialmente pela indústria cultural, manipulada e por conseguinte depravada por ela”; de que “os produtos da cultura de massa carecem de todos os traços da genuína arte, limitando-se a reproduzir a realidade através do uso de instrumentos tomados de empréstimo”; enfim, de que o sistema da indústria cultural como um todo massifica e “impede a formação de indivíduos autônomos e independentes, capaz de julgar e de decidir por si mesmos”. (ADORNO; HORKHEIMER. apud RÜDIGER, 1999, p. 8-9)

Os excertos acima constam originalmente na obra *Dialética do Esclarecimento* (1995), um clássico de Adorno e Horkheimer. O livro não chega a estudar a televisão e tampouco a Internet, mas as análises feitas podem ser transportadas para a atualidade. Muitos autores entendem que o sensacionalismo é um produto da Indústria Cultural, já que as notícias se transformam em objetos de desejo cada vez mais procurados pelo espectador, muitas vezes sem que ele perceba. É como se estabelecesse um círculo no qual as imagens noticiadas são passadas com poder de realidade e os telespectadores buscam consumi-las mais e mais. (RODRIGUES et al., 2008)

Outro crítico que relaciona o sensacionalismo com a necessidade de vender um produto das emissoras é Bourdieu, que critica duramente a televisão, dizendo que ela causa perigo à vida política e à democracia, apontando como um motivo a pressão que sofre do campo comercial. No âmbito da filosofia, Debord escreveu duras críticas

ao espetáculo na sociedade contemporânea dos anos 1960. Apesar de possuir pouco mais de meio século de existência, a obra *A Sociedade do Espetáculo* se torna cada vez mais atual. Em suma, ela diz que as relações sociais são mediadas por imagens, que são vistas a todo momento: em casa, em comerciais que passam a ser espetáculos para prender a atenção, assim como em novelas e filmes, com personagens que se tornam modelos de existência:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. (DEBORD, 1997, p. 24)

O próprio ser humano, que a todo momento é filmado ou fotografado, tornou-se uma imagem. Debord afirma que há um problema nisso, pois passamos a ser espectadores, a assistir a imagens espetaculares de acidentes, escândalos de corrupção, guerras, cenas de morte, humilhação, miséria e pobreza. São imagens que cativam a um público passivo, influenciado pelos meios de massa. Segundo o autor, o espetáculo “nada mais é que a economia desenvolvendo-se por si mesma. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetificação infiel dos produtores.” (DEBORD, 1997, p. 17-18)

Na obra *Tirania da Comunicação*, Ramonet faz uma análise de um novo sistema de informação após o advento do digital e das multimídias. Segundo o pesquisador, a informação é, antes de tudo, “considerada como uma mercadoria, e que este caráter prevalece, de longe, sobre a missão fundamental da mídia: esclarecer e enriquecer o debate democrático.” (RAMONET, 2001, p. 8). Ao se expressar sobre as produções sensacionalistas, faz uma analogia da televisão com o mundo cinematográfico:

Consequência desta nova situação, deste fascínio pelo direto, pelo “ao vivo”, pelo tempo real: a mudança de modelo de representação do telejornal. Este espetáculo estruturado como uma ficção sempre funcionou como uma dramaturgia de tipo hollywoodiano. É um relato dramático onde se sucedem, numa miscelânea de gêneros, lances de teatro e mudanças de tom - em torno de três registros centrais: morte, amor, humor - e que repousa na atração principal de uma estrela, o apresentador (ou a apresentadora) único: Walter Cronkite ontem, Peter Jennings ou Dan Rather hoje. (RAMONET, 2001, p. 33)

O pesquisador aponta que a televisão é essencialmente um divertimento e um espetáculo que se nutre de sangue, violência e morte. Reflete que a concorrência

desenfreada entre as empresas contribui para a busca do sensacional a qualquer preço. Ao citar Langlois, destaca outros fatores que contribuem para o sensacionalismo.

Nas condições atuais de produção os repórteres não têm mais tempo de investigar, de refletir, de aprofundar, de colocar os fatos num contexto. Isto por causa do progresso das técnicas de comunicação, das transmissões, dos satélites...Agora, tudo acontece muito rápido e mais depressa ainda por causa do peso e dos efeitos atrativos da televisão. E isto sem falar dos danos da concorrência, da necessidade de ser o primeiro e o mais espetacular, o que se traduz em fatias de mercado, e por conseguinte em receita publicitária. (LANGLOIS apud RAMONET, 2001, p. 102)

O jornalista e pesquisador brasileiro Arbex Jr. aponta na obra *Showrnalismo: a notícia como espetáculo* (2001), que a televisão contamina a cultura e a todo o momento passa pela sanção do mercado. A notícia, como produto final, "é o resultado de um pacto de cumplicidade: o mercado se vê refletido por uma mídia que, por sua vez, dá visibilidade aos eventos que reforçam a estrutura de mercado" (ARBEX JR., 2001, p. 97). O autor foi correspondente da Folha de São Paulo na cobertura de alguns eventos marcantes na história, como a queda do muro de Berlim. Ao longo da obra, ele faz uma crítica a sua própria produção jornalística durante os quase 10 anos em que foi correspondente internacional:

Ao ler, hoje, aquilo que escrevi, comparando as convicções que tive à época e a sua transformação (ou permanência) com o passar do tempo, fazendo um contraste entre aquilo que, como jornalista, tentei mostrar aos leitores e os fatos encadeados pela própria vida, tenho a rara oportunidade de fazer uma análise crítica sobre o meu lugar como agente produtor de textos noticiosos e divulgador de fatos históricos, mas também - sobretudo, aliás - como objeto de uma ampla rede empresarial, cultural e tecnológica de percepções que condiciona, em dado momento, a minha capacidade de enxergar e analisar os fatos. (ARBEX JR, 2001, p. 28-29)

O estudioso destaca as consequências da transmissão ao vivo da Guerra do Golfo, a primeira guerra a ser transmitida em tempo real, graças a um satélite. "A cobertura 'ao vivo' do conflito consagrou, definitivamente, a 'espetacularização' da notícia. E, exatamente por ser um espetáculo, a transmissão das imagens submeteu-se às mesmas regras que se aplicam a um show." (ARBEX JR, 2001, p. 31)

A partir dessa transmissão, a relação da televisão com a notícia e com o público, segundo o pesquisador, mudou. A TV adquiriu o poder de definir o que será ou não um acontecimento político, que adquire características de um show. "Ora, uma das consequências da prática de apresentar o jornalismo como o "show-rnalismo" é o

enfraquecimento ou o total apagamento da fronteira entre o real e o fictício. (ARBEX JR, 2001, p. 32) Em suas considerações finais, ele pondera que essa lógica prejudica o pensamento crítico em favor do lucro:

Ora, o modo autoritário, sedutor e persuasivo de reconstruir diariamente o mundo por meio de técnicas de publicidade e propaganda implica, necessariamente, a supressão da reflexão, da crítica, da memória. Na mídia contemporânea, a imagem fabricada não se limita a “embelezar” a dura realidade da vida, mas a substitui pela relação entre homem e vida encenada pela mídia. (ARBEX JR., 2001, p. 268)

Dos estudos da Escola de Frankfurt ao conceito de Showrnalismo, podemos entender que o sensacionalismo não é um fenômeno novo. A busca pela audiência, em programas pautados por imagens espetaculares, é a alma do negócio, não importando os meios pelos quais essa audiência seja conquistada.

3 A ÉTICA NO JORNALISMO

3.1 Uma abordagem teórica

O jornalismo tem um papel central na divulgação de informações à sociedade. Ao selecionar notícias e descartar outras, tem o poder de moldar o imaginário do público. Tamanho poder, entretanto, traz preocupações de natureza moral e ética. Segundo Christofolletti (2008, p. 11), “repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus compromentimentos e valores.”

Definir a ética jornalística não é fácil. Por vezes, o profissional se encontra em meio a um dilema. Christofolletti (2008, p. 33) diz que não se pode esquecer que o jornalista é também um cidadão, mas que, por vezes, precisa escolher entre tornar públicas informações que podem prejudicar o país ou ignorá-las e deixar de lado valores caros a atividade profissional. Sem ignorar a complexidade de tais decisões, o pesquisador justifica o que entende como um jornalismo ético, que leva as pessoas a praticarem o bem:

Tomemos como bom jornalismo aquele cuja prática é correta tecnicamente, cuja conduta se pauta por valores positivos e senso ético e em que há comprometimento social, isto é, exercício jornalístico a serviço da coletividade. As virtudes são as boas qualidades; os pecados jornalísticos, o seu oposto. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 33)

Para promover um bom jornalismo, é preciso combinar a técnica (fazer bem) com a ética (fazer o bem): “É resistindo às pequenas e grandes corrupções diárias e mantendo-se firme na direção do profissionalismo e da função social, por exemplo, que jornalistas conseguem se manter no caminho do meio.” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 34)

Ao tratar sobre os valores e a credibilidade no jornalismo, o autor reflete sobre alguns mitos que cercam o tema e “fantasmas que assombram as redações e as cabeças dos profissionais. A objetividade plena, a imparcialidade total, o *glamour* da carreira, o poder ilimitado da mídia (...) são mitos que ainda perduram por aí.” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 27) Ao longo da pesquisa, ele desmistifica essas questões e aponta uma certeza:

O jornalismo não combina com a ilusão ou a mentira. Por princípio, ele é contrário a isso. Desde que passamos a considerar o jornalismo como uma prática de caráter social voltada para o coletivo, vinculamos as atividades jornalísticas à verdade e à fidelidade dos fatos e versões. O entendimento geral é de que o noticiário nos auxilia a compreender o mundo ao redor e que as manchetes permitem alguma organização dos acontecimentos passados. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 27)

O jornalismo se depara com questões éticas a todo momento. Quando opta por publicar ou não a foto do suspeito de um crime, manter ou não o sigilo da fonte de um caso político importante, e até omitir a identidade profissional em prol de uma informação. Dúvidas como essa, segundo Christofolletti (2008, p. 31), mostram que a “mídia contribui para o julgamento social de pessoas e organizações, às vezes, decidindo sua imagem atual ou mesmo seu futuro imediato.” Nesse sentido, produzir uma reportagem com boa qualidade técnica é tão importante quanto agir com retidão e comprometimento ético durante a sua produção.

A ética jornalística não diz respeito tão somente ao profissional ou à organização em que trabalha. O autor reflete sobre o vínculo que a sociedade cria com a imprensa, ao tomar como verdade e referência as impressões captadas pelos repórteres: “Consciente ou inconscientemente, firmamos um pacto de confiança com a mídia, porque acreditamos que o jornalismo é uma forma de narrativa do presente que tem correspondência com o que entendemos por realidade.” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 28)

Em *Televisão, Audiência e Ética*, Vizeu (2008) exalta a importância da televisão como um meio que coloca grande parte da população em contato com a realidade que a cerca, ressaltando, por isso, a força do vínculo do jornalismo com o público e a obrigação profissional de prestar contas à sociedade, em prol do bem social.

Seu objeto de estudo são os editores de texto, responsáveis pelo que vai ao ar nos telejornais. Ao contrário do jornal impresso, o autor entende que, na televisão, é mais fácil que o jornalista cometa deslizes de ordem ética, já que esse meio descreve “algo mais diretamente temático e melodramático – adornando o espetáculo dos dramas nacionais do todo e das partes do conflito e do consenso, da guerra e da paz, do perigo e da vitória, do triunfo e da derrota.” (VIZEU, 2008, p. 9)

Quando não respeita os princípios éticos, o jornalismo faz vítimas, muitas vezes motivado pela ambição do furo jornalístico. Na visão de Kosovski (1995), um dos crimes mais graves da profissão é a divulgação de informações falsas sobre uma pessoa:

Categoria mais importante de vítimas da imprensa é o das pessoas a respeito de quem se noticiam fatos falsos, sem maior investigação, levemente, sem testar as fontes, atingindo a sua honra, dignidade, reputação e bom nome. Todos sabemos que isto constitui crime e, antes de mais nada, mesmo com o risco de perder um “furo” (às vezes literalmente furado) deve-se minimizá-lo perseguindo insistentemente a verdade (...) A investigação ética é uma das maiores glórias do jornalismo atual. (KOSOVSKI, 1995, p. 27)

No Brasil, um dos casos mais conhecidos sobre a falta de ética jornalística e suas consequências devastadoras é o da Escola Base, em São Paulo. Em 1994, o Jornal Nacional, da rede Globo, divulgou precipitadamente a notícia de uma suspeita de abuso infantil na Escola, o que causou revolta da população, tentativas de linchamento e depredação do local. Apesar de os suspeitos terem sido soltos por falta de provas, “morreram socialmente. Foram acusados injustamente, tiveram suas reputações arrasadas e sofreram danos morais e materiais.” (CHRISTOFOLETTI, p. 62)

Injustiças como as cometidas pela Rede Globo nesse caso decorrem do poder da mídia e da força da informação. O direito de informar, ainda que garantido legalmente, deve respeitar limites. Dentre os exemplos de violação à ética, comumente cita-se a dicotomia entre o direito de informar e o direito à privacidade. Segundo Kosovski (1995, p. 31), “cabe à sensibilidade e ao senso ético do jornalista não invadir a privacidade, que é um bem jurídico tutelado pela constituição e pelo código penal no capítulo dos crimes contra a liberdade individual (...)”

Ao tratar sobre o tema, Gomes (2008, p. 52-53) ressalta que a informação privada só merece exploração quando se cruza com o interesse público e quando, em razão disso, tiver primazia sobre a lei que defende a privacidade. Nesses casos, por interesse público entende-se “o benefício auferido com a informação, e não simplesmente seu desfrute com a curiosidade alimentada.” O limite entre divulgar uma informação com ética e usá-la com exageros é tênue:

O jornalismo na figura da empresa, o jornalista como seu agente e como agente individual são constantemente convidados a fazer esse julgamento, que muitas vezes oscila entre a probidade e o sensacionalismo. Tal julgamento demanda uma posição ética e implica uma aproximação ética do assunto. (GOMES, 2002, p. 53)

O que não se pode esquecer é que ser jornalista significa seguir as regras do mercado, afinal, a concorrência é grande e a procura pela audiência é constante. A busca pela informação exclusiva, muitas vezes, traz tentações ao profissional, que

precisa se manter firme aos princípios éticos, sem confundi-los com as regras de etiqueta:

Esse percurso exige disciplina, vontade de acertar, consciência do papel social que a profissão encerra, convicção moral e uma certa blindagem contra o deslumbramento e arrogâncias. A profissão oferece uma farta quantidade de oportunidades de cair na tentação e se desviar no caminho. Resistir é preciso, mas nada fácil. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 34)

Na mesma linha de Christofoletti, na obra *Sobre Ética e Imprensa*, Bucci (2008) diferencia a etiqueta da ética jornalística:

Debatem-se boas maneiras dos repórteres, se eles tratam bem o entrevistado, se se apresentam corretamente como jornalistas, se ouvem os dois ou mais lados do tema que estão cobrindo, se invadem a privacidade da atriz que depois decide processar a revista (...) - e assim por diante. Tudo isso é importante, claro, mas é pouco diante das faltas éticas que vitimam a sociedade brasileira. (BUCCI, 2008, p. 32)

Ainda que a etiqueta seja importante, ela pode ser deixada em segundo plano, ocasionalmente, quando da necessidade de uma abordagem mais rápida e direta em determinadas situações. Ainda assim, o autor aponta que na maior parte das vezes os deslizamentos éticos são cometidos pelas empresas, como faltas institucionais, e não pelos redatores, em desvios pessoais. Segundo Bucci (2008, p. 32), tanto os jornalistas, quanto os patrões e as corporações devem se subordinar a ética na imprensa, já que o objetivo de todos tem o mesmo interessado:

Jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão dedicados ao jornalismo, assim como os sites informativos na Internet, nada disso deve existir com a simples finalidade de gerar empregos, fortunas e erguer os impérios da mídia: deve existir porque os cidadãos têm o direito à informação. (BUCCI, 2008, p. 33)

Vizeu (2008) aponta como uma das causas do sensacionalismo e da falta de ética profissional a pressão que o mercado faz aos jornalistas para cativarem a audiência. Cita as ideias de Bourdieu no sentido de que os jornalistas adotam o critério de índice de audiência em suas produções, preocupados com a venda das notícias. Apesar disso, é mais otimista do que o francês. Segundo ele, “uma das alternativas é um amplo debate, um amplo fórum de discussão entre empresas jornalísticas, jornalistas e sociedade para discutir o tema.” (VIZEU, 2008, p. 9)

No final das contas, quem está mais interessado em um jornalismo feito com ética é a sociedade. Segundo Bucci (2008, p. 36), “o único interessado é o cidadão

como outro qualquer, aquela pessoa comum que consome as notícias e que, no fim, é beneficiário final do jornalismo de qualidade - ou a vítima do jornalismo vil.”

Tanto Bucci, quanto Christofolletti abordam a ética do jornalismo brasileiro, afirmando que o debate sobre esse assunto no país é ainda recente. Christofolletti observa um avanço depois do final do regime autoritário, quando o jornalismo encontrou um novo papel na vida social. Foi nos anos 90 que as discussões sobre ética na profissão se tornaram mais frequentes, marcadas por casos como o já citado da Escola Base: “jornalistas e meios de comunicação erraram, deixando vítimas por toda a parte.” (CHRISTOFOLLETTI, 2008, p. 14)

Na visão de Bucci (2008, p. 40), os jornalistas agem com arrogância quando o tema é a ética na profissão. As razões para isso passam pelo sentimento de que o jornalista é independente e não precisa prestar contas para ninguém. Nas raízes dessa arrogância, destaca o autoritarismo da ditadura militar. Diz ele que os jornalistas criaram uma “casca grossa” para se proteger da prepotência do Estado e do tráfico de influência dos corruptos:

Pelo menos, com arrogância ou não, os jornalistas se protegeram para fazer jornalismo. Fizeram-no sem ter de falar de ética. Em lugar de falar, agiram eticamente ao realizar boas reportagens e dar notícias relevantes. Além de informar o público, garantiram com seu trabalho a construção da democracia contemporânea e a liberdade de imprensa. Não fossem as reportagens que expuseram a prática da tortura, as mordomias e a corrupção, entre tantas outras, o regime militar talvez durasse um pouco mais do que durou. (BUCCI, 2008, p. 41)

Passada a ditadura, o autor entende que é preciso um jornalismo que discuta sobre a ética, inclusive a da própria profissão:

Fazer jornalismo sem refletir sobre jornalismo já não basta. Se há razões que explicam a má vontade dos jornalistas quando o assunto é ética da imprensa - razões que podem ser atribuída à tradição da cultura política no Brasil e à vigência de regimes autoritários -, a persistência da má vontade num ambiente relativamente mais democrático já não aparece como sinal de força, mas enfraquece a imprensa. (BUCCI, 2008, p. 46)

Nesse sentido, importante destacar os códigos de ética jornalística em vigor no Brasil, assim como manuais internos das emissoras e os princípios que orientam a profissão.

3.2 Os códigos que regem o Jornalismo

O Jornalismo, assim como outras profissões que influenciam a sociedade, é limitado pela lei, por convenções sociais, além de códigos de conduta e pelos valores e princípios morais dos profissionais. Apesar de imporem limites, essas orientações, tácitas ou expressas, também são garantidoras de direitos:

Em todos os casos, esses conjuntos de regras - escritos ou não - funcionam como balizas, sinalizadores de direção no meio do caminho. Alguns indicam que não se deve ir em frente, outros, que é necessário manter a marcha e não se desviar do traçado. Embora elas sejam formas de controlar o comportamento humano, de frear nossos ímpetos, o fato é que não é possível viver em sociedade sem regras. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 79)

Os códigos que pautam a atuação profissional na prática diária são chamados de Códigos Deontológicos. Segundo o Observatório da Ética Jornalística (OBJETHOS, c2019), “eles são discutidos e elaborados no âmbito da própria profissão, são ditados por empresas ou associações de classe, ou ainda constam de documentos internos de organizações jornalísticas.”

No Brasil, entre os documentos mais conhecidos estão o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, assinado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), e o Código de Ética da Radiodifusão Brasileira, da Associação de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert).

3.2.1 Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Fenaj)

O primeiro Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros surgiu em 1949, três anos após a criação da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), entidade sindical que “congrega Sindicatos de Jornalistas do Brasil e representa os jornalistas, em nível nacional, para defesa dos seus interesses profissionais, lutas e reivindicações” (FENAJ, 2010).

A primeira reforma ocorreu no auge da ditadura militar, em 1969. Nesse período, houve a regulamentação da profissão, mas foi apenas no período da redemocratização, em 1986, que um novo código foi promulgado, já semelhante ao atual:

Na redemocratização do Brasil, especialmente durante o processo da Assembleia Nacional Constituinte, a FENAJ coordenou a Frente Nacional por

Políticas Democráticas de Comunicação formada para garantir, na Carta Magna, dispositivos que perpetuassem salvaguardas para estimular a democratização da informação. (FENAJ, c2019)

O atual Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros está em vigor desde 2007. Segundo Christofolletti (2007), “como os avanços no jornalismo e na tecnologia foram muitos nessas últimas duas décadas, era mesmo necessário revisar o código, modernizando alguns trechos e incluindo cláusulas e cuidados sobressalentes.” O autor entende, entretanto, que o novo código não fez alterações significativas no que se refere à ética jornalística:

Diferente de outras profissões, os jornalistas – mesmo que causem o pior dos prejuízos morais, por exemplo – não correm o risco de perder seus registros profissionais por agirem de forma antiética. As sanções chegam, no máximo, a uma advertência pública ao profissional faltoso. Se comparado a outros casos, como o dos médicos, engenheiros e advogados – que podem ser impedidos de atuarem profissionalmente –, o código dos jornalistas dispõe de poder limitado. (CHRISTOFOLETTI, 2007)

Atualmente o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros é composto por 19 artigos, divididos em cinco capítulos: Do Direito à Informação, Da Conduta Profissional do Jornalista, Da Responsabilidade Profissional do Jornalista, Das Relações Profissionais e Da Aplicação do Código de Ética. As transgressões aos dispositivos do documento serão apuradas, apreciadas e julgadas por comissões de ética, órgãos independentes escolhidos junto com as direções dos sindicatos e da Federação Nacional dos Jornalistas.

Entre as mudanças do novo código, destaca-se a inclusão do artigo 13, a chamada Cláusula de Consciência, que permite que o jornalista não violente suas convicções em nome dos interesses da empresa para a qual trabalha. Na teoria, esse artigo assegura que um profissional se escuse de fazer pautas “jabás” (que adulam anunciantes ou pessoas influentes de interesse da empresa) ou que contrariem suas convicções. Não justifica, entretanto, que o jornalista deixe de ouvir pessoas com opiniões divergentes das suas. Na prática, “sabe-se que o mercado e o empresariado do setor são bastante resistentes a isso, fator que deve dificultar a implementação desse ponto do código.” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 87)

Outra mudança significativa se deu em razão dos avanços tecnológicos que atingiram, também, o jornalismo. O artigo 11 proíbe o uso de informações obtidas de maneira inadequada, como com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas e microfones ocultos. O artigo prevê ressalva quando imperar o interesse público, por

exemplo. No mesmo artigo, o código dispõe que o jornalista não divulgue informações “de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes.” (FENAJ, 2007)

Christofoletti (2008, p. 86-87) ressalta algumas das práticas mais condenadas pelo atual Código de Ética. Entre elas, a já citada rejeição ao sensacionalismo. O código condena também: o impedimento da manifestação de opiniões divergentes; a exposição de pessoas ameaçadas, exploradas ou sob o risco de vida; o uso do jornalismo para incitar a violência, a intolerância e o crime; a cumplicidade com a censura ou omissão diante dela e a divulgação de informações visando a interesses.

Sobre a atualização do Código de Ética, Ferreira (2007) ressalta que ele “reafirma valores que são essenciais para o exercício do jornalismo, recordando à mídia sua função informativa, cidadã e educativa, possibilitando à sociedade um debate mais amplo e verdadeiro sobre a comunicação”. Entre as críticas, Christofoletti (2008, p. 86) destaca a unilateralidade na sua criação e nas revisões, cujas cláusulas “foram redigidas sem uma negociação formal com as empresas, condição que também deforma o processo: é o jornalismo que ignora (ou despreza) a influência das empresas nas práticas diárias.”

Bucci reflete sobre a utilidade dos códigos de ética, apontando que não servem para a educação dos profissionais, já que “os princípios, os valores e as condutas do jornalismo se sedimentam mais pelos costumes do que pelas normas explícitas, grafadas em letras grandes e penduradas na parede do chefe.” (BUCCI, 2000, p. 205) O autor aponta, entretanto, as vantagens de se ter alguns princípios sacramentados em um documento:

Um iniciante que seja apresentado a ele não tem mais a prerrogativa de dizer que o ignora. Nesse sentido, normas sobre conflitos de interesses, por exemplo, especialmente as que estipulam proibições a que se aceitem presentes caros das assessorias de imprensa ou a que o jornalista exerça, nas “horas vagas”, alguma função profissional de assessor de imprensa, podem ser de alguma eficácia. (BUCCI, 2000, p. 205)

Os códigos de ética não têm força de lei, são recomendações que dependem mais da consciência do profissional e do livre arbítrio de cada um. Apesar dos códigos existentes a nível nacional e nas redações jornalísticas, muitos desvios e falhas éticas são cometidas pelos jornalistas.

3.2.2 Código de Ética da Radiodifusão Brasileira (Abert)

O Código de Ética da Radiodifusão Brasileira é de autoria da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert). Entrou em vigor em 1993 e é mais robusto que o Código de Ética do Jornalismo Brasileiro. Ele contém 34 artigos, divididos em seis capítulos. Além de manifestar a defesa de valores, normatiza a conduta dos profissionais que trabalham sob sua guarda.

Segundo Christofolletti (2008, p. 84), o documento tem “um timbre bastante moralista, prescrevendo como devem ser os conteúdos veiculados pelas empresas de rádio e TV.” Já na abertura do código, a Abert destaca princípios gerais que devem ser observados por seus associados:

(...) transmitir apenas o entretenimento sadio e as informações corretas espelhando os valores espirituais e artísticos que contribuem para a formação da vida e do caráter do povo brasileiro, propondo-se sempre a trazer ao conhecimento do público os elementos positivos que possam contribuir para a melhoria das condições sociais. (ABERT, 1993)

Os seis capítulos são compostos de Princípios Gerais, da Programação, da Publicidade, dos Noticiários, do Relacionamento com as Emissoras e do Processo e das Disposições Disciplinares. Já no primeiro capítulo, há o compromisso de defender a liberdade de imprensa e a expressão do pensamento. Seguem no próximo título preceitos fundamentais, como o artigo 7: “os programas transmitidos não advogarão discriminação de raças, credos e religiões, assim como o de qualquer grupo humano sobre o outro.” (ABERT, 1993)

Em relação à exploração e divulgação da violência pela mídia, destacam-se os artigos 10 e 11:

Art. 10 - A violência física ou psicológica só será apresentada dentro do contexto necessário ao desenvolvimento racional de uma trama consistente e de relevância artística e social, acompanhada de demonstração das conseqüências funestas ou desagradáveis para aqueles que a praticam, com as restrições estabelecidas neste Código.
Art. 11 - A violência e o crime jamais serão apresentados inconseqüentemente. (ABERT, 1993)

Dentre os artigos, chamam a atenção proibições como a divulgação do curandeirismo, charlatanismo e programas de cunho obsceno, como os que transmitem a “promiscuidade ou qualquer forma de perversão sexual, admitindo-se as sugestões de relações sexuais dentro do quadro da normalidade e revestidas de sua

dignidade específica (...)” (ABERT, 1993, art. 8) Escrito nos anos 90, o código ainda proíbe o que chama de apologia ao homossexualismo.

Especificamente em relação aos noticiários, o Código de Ética da Radiodifusão Brasileira estimula a autorregulação das empresas, deixando a “critério da emissora a exibição, ou não, de imagens ou sons que possam ferir a sensibilidade do público” (ABERT, 1993, art. 18) e orientando que se observe o espírito do código. O capítulo aborda o sensacionalismo também em tom de autorregulação:

- 3) As emissoras deverão exercer o seu próprio critério para não apresentar imagens que, ainda que reais, possam traumatizar a sensibilidade do público do horário.
- 4) As notícias que puderem causar pânico serão dadas de maneira a evitá-lo. (ABERT, 1993, art. 19)

Diferentemente do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007), o da Radiodifusão Brasileira prevê sanções que vão da advertência sigilosa e da suspensão das transmissões impugnadas até a expulsão do profissional dos quadros da associação (ABERT, 1993, art. 27). Na crítica de Christofolletti (2008, p. 85), entretanto, a sanção parece não causar tanto temor: “Descontentes com os rumos da radiodifusão nacional, algumas emissoras abandonaram a entidade para criar a Associação Brasileira de Radiodifusores (Abra).”⁸

Além dos códigos de Ética dos Jornalistas Brasileiros e da Radiodifusão, outros documentos servem de orientação à atuação jornalística, como o Código de Ética da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), da Society of Professional Journalists (SPJ) e a Declaração de Chapultepec, em que empresários da mídia de toda a América, associados à Sociedade Interamericana de Imprensa, subscreveram uma Declaração de Princípios sobre a atividade jornalística.

No Brasil, os manuais de redação adotados por jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão também tratam de comportamento profissional, com desdobramento na esfera dos procedimentos éticos em relação ao trabalho cotidiano. Em alguns códigos internos, os procedimentos ou princípios gerais para o jornalismo têm muito

⁸ A Abra foi fundada em 2005, quando seu presidente, João Carlos Saad, comunicou a cisão entre a Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão) e as principais redes que disputam o mercado com a Rede Globo de Televisão. O comunicado foi assinado pelo SBT, Record, RedeTV! e Bandeirantes.

ABRA vs. ABERT - Interesse público e o racha das entidades. 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2CImKnS>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

em comum com os códigos produzidos pela categoria profissional da área. Em outros, são totalmente opostos.

3.3 Princípios Editoriais do Grupo Globo

Na sua criação, no ano 1925, a então “Organizações Globo” não contava com princípios editoriais formalizados em um código. Esperava-se que o bom jornalismo fosse praticado intuitivamente, passado de geração a geração. (GLOBO, 2019, p. 431)

Com o crescimento dos meios digitais nas redações, o Grupo se atualizou e lançou os Princípios Editoriais do Grupo Globo, com o intuito de “facilitar o julgamento do público sobre o trabalho dos veículos, permitindo, de forma transparente, que qualquer um verifique se a prática é condizente com a crença.” (GLOBO, 2019, p. 431) O material é disponibilizado ao público por meio do site oficial da empresa⁹.

O texto é dividido em três seções: a) Os atributos da informação de qualidade; b) Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha; e c) Os valores cuja defesa é um imperativo do jornalismo.

Para o Grupo Globo (2019, p. 433), “jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas.” Não importa se essas atividades são simples ou complexas, mas que atinjam qualquer pessoa, desde uma descoberta científica ou desastre ambiental, até um acidente de carro ou um buraco na rua:

O jornalismo é aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade. (GLOBO, 2019, p. 433)

Ao falar sobre os atributos da informação de qualidade (isenção, correção e agilidade), o Grupo diferencia o “fazer jornalismo”, com o propósito de produzir conhecimento e informar, do “fazer propaganda”, quando a ideia é convencer e atrair adeptos (GLOBO, 2019). A empresa admite que não há 100% de isenção no jornalismo, já que é impossível alguém se despir totalmente do subjetivismo.

⁹ Princípios Editoriais do Grupo Globo. Disponível em: <<https://grupoglobo.globo.com/principios-editoriais/>>. Acesso em: 24 set. 2019.

Para manter o máximo possível de isenção, entretanto, a Globo aponta alguns princípios a serem seguidos (GLOBO, 2019, p. 435-436). Entre eles: retratar os diversos ângulos de uma reportagem, ouvindo todas as versões do fato e garantindo a expressão dos pontos de vista; fazer relatos assertivos, sem o uso de verbos condicionais; não criar assuntos tabus (tudo o que é de interesse público deve ser discutido); não perseguir ou privilegiar pessoas que participem ou se recusem a participar de uma reportagem; não utilizar critérios pessoais para eleger o que é ou não notícia; respeitar as hierarquias da empresa, mas ter ouvidos abertos a críticas e argumentações contrárias; compor uma redação diversa em termos de gostos, crenças, tendências políticas, orientação sexual, origens social e geográfica.

Ainda em relação à isenção, o Grupo Globo (2019, p. 436) afirma: ser apartidário, ser laico, repudiar o preconceito, ser independente de governos e de grupos econômicos, e ser entusiasta do Brasil e de sua cultura. Alguns compromissos são firmados em relação aos jornalistas, como: inadmitir reportagens em benefício próprio, não poder o profissional se engajar em campanhas políticas, não aceitar convites e presentes e agir sempre dentro da lei.

O segundo atributo que confere qualidade a uma informação é a correção, entendida como algo que dá credibilidade ao jornalismo. A Globo admite que o jornalismo não é imune a erros, mas diz procurar descrever e analisar os fatos da maneira mais acurada:

O jornalista investiga os fatos, pouco a pouco, e vai montando um quebra-cabeça. O retrato final estará ainda incompleto, à espera da História, mas terá de ser já, necessariamente, uma silhueta com contornos visíveis. Não há fórmula, e nem jamais haverá, que torne o jornalismo imune a erros, porém. Quando eles acontecem, é obrigação do veículo corrigi-los de maneira transparente, sem subterfúgios, num movimento que é ele próprio essencial à busca da informação correta. (GLOBO, 2019, p. 438)

Os princípios que orientam um jornalismo correto, segundo o Grupo, tem as seguintes características: ouvir o maior número de fontes, publicar imagens do público apenas após averiguação, ter rigor com minúcias como nomes e datas, nunca publicar uma reportagem sem revisão, consultar os bancos de dados da empresa e consultar fontes técnicas para assuntos técnicos.

A agilidade é o último atributo de uma informação com qualidade: “é a celeridade que traça o primeiro retrato dos fatos que ao mesmo tempo dá utilidade à produção jornalística e justifica as suas lacunas. A notícia tem pressa.” (GLOBO, 2019,

p. 441) Para um trabalho ágil, o Grupo se compromete a investir em tecnologia e a perseguir o furo jornalístico e a informação exclusiva, mas nunca agindo com precipitação ou falta de apuração.

Na seção dedicada a como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha, importante destacar o repúdio ao sensacionalismo e à exploração de cenas chocantes:

c) Nenhum veículo do Grupo Globo fará uso do sensacionalismo, a deformação da realidade de modo a causar escândalo e explorar sentimentos e emoções com o objetivo de atrair uma audiência maior. O bom jornalismo é incompatível com tal prática. Algo distinto, e legítimo, é um jornalismo popular, às vezes com um toque de humor, mas sem abrir mão de informar corretamente.

d) A sensibilidade do público será levada em conta. Cenas chocantes receberão o tratamento devido de acordo com as características do público-alvo. Quanto mais indistinto o público, mais cuidados são necessários. Nesses casos, o público deve ter sempre a confiança de que não será surpreendido por cenas que afrontem os valores médios presumidos da sociedade. A título de exemplo, talvez seja necessário mostrar o vídeo ou a foto de um homem-bomba explodindo, mas a cena pode ser congelada segundos antes do dilaceramento. Em resumo, a decisão de publicar ou não cenas potencialmente chocantes e de como tratá-las deve sempre levar em conta a sua relevância para o entendimento da questão abordada. A melhor saída é submeter a decisão à opinião do maior número de jornalistas de uma redação. De um grupo, sempre emerge mais facilmente o bom senso; (GLOBO, 2019, p. 443)

Ao final das disposições, os Princípios Editoriais do Grupo Globo indicam que nenhum jornalista poderá justificar falhas alegando desconhecer o código.

3.4 Normas para Telejornalismo Regional da Rede Record

Apesar de possuir um manual de telejornalismo, a Rede Record não o disponibiliza virtualmente, tampouco foi autorizado pela emissora o seu envio para a utilização neste trabalho¹⁰. Os documentos que serão analisados para os fins dessa pesquisa são as Normas para Telejornalismo Regional Rede Record (2006).

O manual tem 22 páginas e trata sobre dez temas: foco na comunidade, edição de matérias, cabeça de matérias, espelho, *links*, escaladas, figurino-visual, normas de GC, padrão de ficha técnica e agradecimentos. As normas destacam que o factual

¹⁰ A autora ligou para a produção do programa Domingo Espetacular para obter o código de ética da emissora, entretanto foi informada pela produtora Maiela que o envio não foi autorizado pela chefia. A produtora da Record TV no Rio Grande do Sul, Camila Model, confirmou que o código regional é usado pela emissora nos Estados, e que suas orientações decorrem das disposições do código de nível nacional.

deve ser uma prioridade nas matérias jornalísticas do telejornal, apontando como exemplos “assaltos espetaculares ou dramáticos (com reféns), manifestações, greves em serviços essenciais, casos individuais de apelo humano.” (NASSER; TOSTES, 2006, p. 7)

Quanto à edição de matérias, o código recomenda que o jornalista utilize bastante o chamado “sobe-som”, especialmente quando houver barulho de tiros, gritos e ruídos do ambiente registrado. Determina também que, quando um fato alterar a vida da sociedade ou chamar muito a atenção da população, haja uma virada no telejornal, a fim de que esse acontecimento tome a maior parte do tempo do noticiário. Os exemplos citados nesse sentido são as “enchentes, manifestações, crimes espetaculares, decisões polêmicas do poder público e brigas de torcida.” (NASSER; TOSTES, 2006, p. 14) Ao final das breves disposições, o documento encerra agradecendo aos profissionais do Departamento de Jornalismo da Rede Record.

4 ANÁLISE DA COBERTURA DA TRAGÉDIA DE SUZANO PELOS PROGRAMAS FANTÁSTICO E DOMINGO ESPETACULAR

A tragédia de Suzano foi um massacre que aconteceu na Escola Estadual Raul Brasil, na cidade de Suzano, em São Paulo, na manhã do dia 13 de março de 2019. Dois ex-alunos da instituição, o adolescente Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e o jovem Luiz Henrique de Castro, de 25, entraram na escola com uma arma de fogo e uma arma medieval do tipo besta e mataram sete pessoas, cinco alunos e duas funcionárias. Antes do massacre, mataram o tio do adolescente na loja de automóveis da qual era dono. Com a chegada da polícia no local, os rapazes se suicidaram. O massacre foi registrado pelas câmeras de segurança da escola.

O Fantástico e o Domingo Espetacular são programas de televisão que vão ao ar todos os domingos pelas emissoras Globo e Record, respectivamente. Ambos se intitulam como revistas eletrônicas semanais que trazem entretenimento e informação aos telespectadores, como reportagens especiais e um panorama do que foi notícia durante a semana. Quatro dias depois do massacre na Escola Estadual Raul Brasil, os dois programas colocaram no ar uma ampla cobertura sobre o caso, objeto de estudo deste capítulo.

Para analisar a cobertura jornalística feita pelas duas revistas eletrônicas, optou-se por utilizar a técnica de Análise de Imagens em Movimento. A técnica é descrita por Rose (2003, p. 343-364), que defende a complexidade dos meios audiovisuais e a necessidade de se levar em consideração tal característica quando se pretender analisar seu conteúdo ou estrutura.

Para dar início à análise de um conteúdo audiovisual, a autora sugere como primeiro passo a seleção do material a ser estudado, delimitando-se o quando e o quanto tempo registrar. A presente pesquisa pretende descobrir se as coberturas da tragédia de Suzano pelo Fantástico e pelo Domingo Espetacular foram sensacionalistas e se observaram os códigos de ética vigentes, tanto os da profissão quanto os das emissoras. Em razão desse objetivo, foram estudados os programas veiculados no dia 17 de março de 2019, domingo posterior à tragédia, já que foi nessas edições o maior tempo dedicado à cobertura do massacre. Todas as reportagens sobre a tragédia nesse período de tempo fazem parte da análise.

O próximo passo, após a delimitação de objeto e tempo de análise, é a transcrição do material a ser analisado, incluindo o conteúdo visual e o verbal, em

duas colunas: a da esquerda descreve o aspecto visual da história, e a da direita uma transcrição literal do material verbal¹¹. Na visão de Rose (2003), transcrever um material televisivo é muito mais complexo do que apenas decodificar o texto, devendo-se levar em conta elementos como pausas, hesitações, leiaute, títulos e fotografias, por exemplo.

Para os fins deste trabalho, foram analisadas mais de uma hora e vinte minutos de reportagens. Na transcrição, cada mudança de cenário caracterizou uma nova fase em um novo parágrafo, critério que Rose chama de unidade de análise (2003, p. 348).

Através da análise das transcrições, torna-se possível comparar as coberturas jornalísticas das revistas eletrônicas semanais do Grupo Globo e da Record, bem como descobrir se utilizaram ou não de recursos sensacionalistas e se foram editadas dentro dos parâmetros de ética da profissão.

4.1 Quadro de comparação objetiva das reportagens do Fantástico e Domingo Espetacular

Para dar início à análise das reportagens dos dois programas e para facilitar a posterior comparação, optou-se por fazer um quadro de comparação de critérios objetivos. Os primeiros critérios estão relacionados ao formato de cada programa e ao tempo que dedicaram à cobertura do massacre (número de reportagens, duração das matérias, apresentadores no estúdio e repórteres).

Na sequência foram eleitos critérios que permitem analisar o viés de cada reportagem, por meio da indicação das fontes ouvidas para cada assunto (vítimas, familiares, especialistas) e das palavras que cada programa utilizou ao fazer referência ao ataque, de modo a evidenciar se houve ou não uma carga emocional na escolha desses termos.

Os últimos critérios dizem respeito aos recursos visuais e sonoros escolhidos pela edição de cada programa, como o número de vezes em que as imagens das câmeras de segurança da escola e vídeos amadores foram utilizadas, o número de menções aos nomes completos dos assassinos e o número de vezes em que suas imagens foram reproduzidas ao telespectador. Esses apontamentos são importantes

¹¹ A transcrição, em texto e imagem, das duas reportagens do Fantástico e das quatro reportagens do Domingo Espetacular sobre a tragédia de Suzano estão disponíveis nos apêndices A e B, ao final deste trabalho. A autora optou por decupar o conteúdo de texto na coluna do lado direito e de imagens na coluna do lado esquerdo, não enxergando prejuízo ao trabalho em razão dessa inversão.

devido ao conteúdo violento das imagens e da exposição dos criminosos, que muitas vezes incitam violência nas fotos expostas.

Quadro 1 - Quadro de comparação objetiva das reportagens do Fantástico e Domingo Espetacular

	Fantástico	Domingo Espetacular
Número de Reportagens	2	4
Duração das Matérias	20 minutos e 25 segundos	1 hora e 1 minuto
Apresentadores	Tadeu Schmidt Poliana Abritta	Paulo Henrique Amorim Thalita Oliveira Janine Borba Edu Ribeiro
Repórteres	Ernesto Paglia Marcelo Canellas Elaine Bast (ao vivo)	Afonso Monaco Raul Dias Filho Helayne Cortez André Tao (apenas citado) Michael Keller Thatiana Brasil (reportagem + ao vivo)
Abordagem das Matérias	<ul style="list-style-type: none"> - Passo a passo do ataque - Ação policial - História de duas amigas sobreviventes - Stand Up com as últimas atualizações 	<ul style="list-style-type: none"> - Passo a passo do ataque - História dos sobreviventes - Matéria com os familiares dos assassinos - Matéria sobre a Deep Web - História do policial à paisana - Stand Up com as últimas atualizações
Fontes	Reportagem do passo a passo: Alunos sobreviventes Rhyllary Barbosa - aluna sobrevivente Rossieli Soares - Secretário de Educação de São Paulo Leandro Faria - amigo de uma das vítimas Ligação telefônica para os Bombeiros e Polícia Silmara de Moraes - merendeira	Reportagem do passo a passo e familiares das vítimas: Gersialdo Melquíades de Oliveira - pai da vítima fatal Samuel Melquíades de Oliveira João Antônio Ribeiro - pai da vítima fatal Cleiton Antônio Ribeiro Rhyllary Barbosa - aluna sobrevivente Professora não identificada da

	<p>Lilian Keli de Lima - vice-diretora Sargento Camargo Cabo Diniz Cabo Ariana</p> <p>Reportagem com as amigas sobreviventes: Beatriz Fernandes - vítima sobrevivente Letícia Michael Umezu - filho de vítima fatal Vinícius Umezu - filho de vítima fatal Lauro Umezu - marido de vítima fatal Natali Costa - professora da escola</p>	<p>escola Alunos não identificados Paulo Ongarelli - dono do estacionamento em frente à escola Sandra Regina Ramos - mãe de José Vitor, vítima sobrevivente Marco Antônio Lemos - pai de José Vitor, vítima sobrevivente José Vitor - vítima sobrevivente Paulo Xavier - amigo de uma das vítimas fatais Leandro Beguoci - historiador Silmara de Moraes - merendeira Agatha de Moraes - filha da merendeira Silmara de Moraes</p> <p>Reportagem com familiares dos assassinos: Pai de Luiz Henrique de Castro, um dos assassinos (25 anos) Tio de Luiz Henrique de Castro, um dos assassinos (25 anos) Pai de Guilherme Tauci Monteiro, um dos assassinos (17 anos) Funcionárias de Lan House onde os assassinos jogavam Mãe de Guilherme Tauci Monteiro, um dos assassinos (17 anos) Avó de Guilherme Tauci Monteiro, um dos assassinos (17 anos) Amigo dos assassinos Antônio de Pádua Serafim - neuropsicólogo Cristiano Nabuco - psicólogo</p> <p>Reportagem sobre a Deep Web: Rafael Libardi - especialista em segurança digital Paulo Marco Lima - procurador de Justiça de São Paulo Fonte que não quis se identificar Rodrigo Machado - psiquiatra</p> <p>Reportagem com o policial à</p>
--	--	---

		paisana: Eduardo Andrade - policial militar em licença médica
Palavras que referenciam o ataque	Massacre na escola Horror em Suzano Tragédia Manhã de terror	Massacre na escola Tragédia
Recursos visuais utilizados	Entrevistas Imagens de arquivo, coloridas e preto e branco Imagens aéreas da escola Imagens câmera de segurança da escola e da rua Reprodução de ligações telefônicas Imagens de homenagens póstumas Imagens do Google Earth Imagem planta da escola em 3D	Entrevistas Imagens de arquivo de vítimas e dos assassinos Imagens dos assassinos mortos Imagens de vítimas mortas Imagens aéreas da escola Imagens das câmeras de segurança Imagens amadoras do massacre, com áudio Fotos da perícia Imagens de homenagens póstumas
Recursos sonoros utilizados	Músicas ao fundo e gravações telefônicas	Som das imagens amadoras, gritarias, tiros Som de jogos de videogame com tiros de metralhadoras
Imagens da câmera segurança da escola mostrando violência (nº)	8 vezes	27 vezes
Imagens amadoras (nº)	Nenhuma	4 vezes, com som original
Menção ao Nome Completo dos Assassinos (nº)	Uma, com nomes completos e idades	9 vezes: 5 vezes o nome completo de Guilherme e 4 o de Luiz Henrique
Fotos dos Assassinos	Nenhuma	32 vezes as fotos de Guilherme 17 vezes as fotos de Luiz Henrique

Fonte: A autora

4.2 Cobertura da revista eletrônica Fantástico

As reportagens do fantástico são divididas em três eixos principais: o passo a passo do massacre, a história de duas amigas que sobreviveram ao ataque e um *link* ao vivo com a atualização do caso, somando 20 minutos e 25 segundos de material.

O programa inicia com a imagem de alunos sobreviventes lendo uma carta coletiva escrita após a tragédia. Enquanto os adolescentes leem o texto, intercalam fotos e vídeos de arquivo dos jovens. É uma contraposição das imagens coloridas, em que eles estão tristes enquanto leem a carta, com imagens em preto e branco, revendo momentos do passado em que estavam sorrindo, dançando e fazendo brincadeiras na escola. Após a leitura da redação dos alunos, o programa abre com uma frase do apresentador Tadeu Schmidt, lida em off: “Domingo, 17 de março. Na semana em que o país chorou as mortes de oito inocentes vítimas do horror em Suzano.” (APÊNDICE A, p. 81) Enquanto essa frase é dita, imagens da escola em preto e branco são mostradas.

Ao final da abertura, surgem os apresentadores Tadeu Schmidt e Poliana Abritta no cenário do Fantástico, à frente de um cenário virtual em que se lê MASSACRE NA ESCOLA. Entre uma matéria e outra, esse é o cenário que aparece no estúdio:

Figura 1 - Estúdio do Fantástico



Fonte: ENTENDA (2019)

Nota: Inclui a imagem do estúdio do Fantástico ao longo das reportagens sobre o massacre

Para fazer referência ao ataque, o apresentador Tadeu Schmidt menciona termos como “horror em Suzano” e “tragédia”. Em relação às atitudes dos assassinos, são usadas as palavras “violência” e “crueldade”. Antes de chamar a primeira matéria, sobre o passo a passo do ataque, o apresentador anuncia que as imagens vão

percorrer “as salas e corredores que naquela manhã de quarta-feira foram tomadas pelo mais absoluto desespero”. (APÊNDICE A, p. 82)

4.2.1 O passo a passo do ataque

O diferencial do Fantástico em relação a outras emissoras de televisão foi o acesso exclusivo às dependências da escola Raul Brasil, em Suzano, onde ocorreu o massacre. E é esse o cenário utilizado para narrar o passo a passo da manhã da tragédia.

Quem faz essa narrativa é o repórter Ernesto Paglia, a partir das informações fornecidas pelo Secretário da Educação de São Paulo, Rossieli Soares, uma das primeiras autoridades a entrar na escola após a tragédia. O repórter se refere ao crime como imagens “trágicas” e “terríveis”, além de usar os termos “covardemente” e “sinais da fúria dos assassinos” para se referir às ações dos atiradores. Os três policiais que combateram a tragédia dentro da escola também são levados de volta ao cenário, e apresentados pelo repórter como “a equipe que salvou centenas de vidas.” (APÊNDICE A, p. 83)

Após uma breve fala do Secretário de Educação, a reportagem passa para uma análise mais objetiva do passo a passo dos assassinos, utilizando as câmeras de segurança da rua para mostrar o local de onde saíram e o caminho que percorreram até a chegada na escola. Nesse momento, são exibidas as imagens das câmeras de segurança da escola, que mostram um dos assassinos entrando no saguão e apontando para os alunos que lá estavam. Antes do disparo, a imagem congela.

Figura 2 - Câmera de Segurança da Escola I



Fonte: ENTENDA (2019)

Nota: Inclui imagem captada por câmera de segurança da escola Raul Brasil, em que aparece um dos assassinos pronto para efetuar o primeiro disparo

A imagem que aparece na sequência já é da ação do segundo assassino, que agride com socos, pontapés e puxões de cabelo uma aluna que tenta escapar. Além de mostrar esse combate, a imagem ainda revela um corpo no chão do saguão, a coordenadora vítima do primeiro assassino a entrar na escola, imagem que foi borrada para a transmissão ao público.

Figura 3 - Câmera de Segurança da Escola II



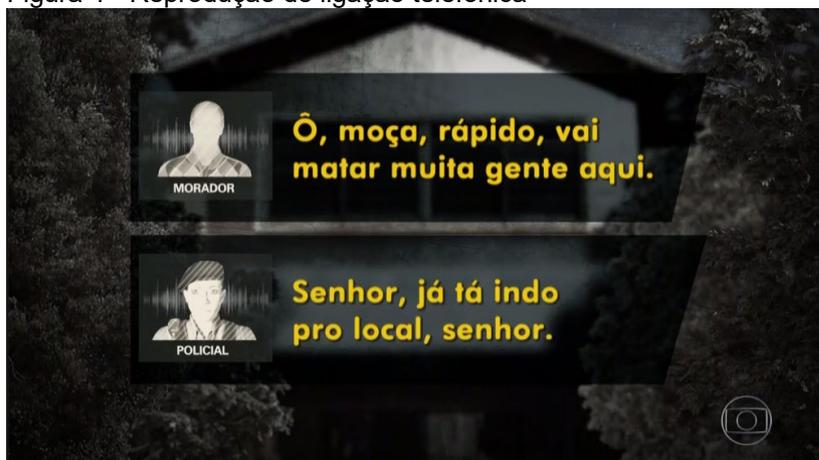
Fonte: ENTENDA (2019)

Nota: Inclui imagem da câmera de segurança em que o assassino maior de idade agride uma aluna no saguão da escola

As imagens das câmeras de segurança da escola são repetidas oito vezes ao longo dos 20 minutos de reportagens. Em todas as ocasiões, elas foram utilizadas para ilustrar exatamente o que estava narrando o repórter. O Fantástico não fez uso de imagens amadoras registradas pelo celular de alunos e funcionários, assim como em nenhum momento manteve o som ambiente do massacre.

Para remontar o passo a passo da tragédia, o Fantástico utilizou os seguintes recursos: imagens de câmeras de segurança, imagens de satélite do *Google Earth* para localizar a escola e mostrar os caminhos percorridos pelos assassinos e uma maquete da escola em três dimensões para mostrar os ambientes em que houve o ataque. Em relação à composição sonora, além de trilhas musicais em tom de suspense, foram utilizadas em duas oportunidades a reprodução de chamadas telefônicas de alunos e de moradores para a polícia e bombeiros.

Figura 4 - Reprodução de ligação telefônica



Fonte: ENTENDA (2019)

Nota: Inclui imagem de conversa telefônica entre morador e policial durante o massacre

O acesso exclusivo do Fantástico às dependências da escola possibilitou que o repórter cinematográfico captasse imagens de como ficaram as salas de aula depois da tragédia. Essas imagens são mostradas durante a fala do Secretário de Educação de São Paulo, que percorre a escola com o repórter Ernesto Paglia e comenta as cenas que viu quando entrou no local logo após o crime:

Secretário de Educação: Aqui a porta se fechou com os nossos alunos e a professora dentro. O personagem que veio com a machadinha tentou arrombar, quebrar a porta.

Repórter Ernesto Paglia: E aqui a sala de aula ficou do jeito que estava, né. Aula de espanhol, como se vê pelo material da professora, os óculos dela ainda aqui. 'Miércoles, 13 de marzo de 2019: quarta-feira, em espanhol'. (APÊNDICE A, p. 87)

Figura 5 - Salas de aula após o ataque



Fonte: ENTENDA (2019)

Nota: Inclui imagem da porta de uma sala de aula avariada com machadadas

Para mostrar como o massacre terminou, o repórter Ernesto Paglia pede aos três policiais que estiveram no local que reproduzam as ações que tomaram no dia do massacre, especialmente quando se dirigiram ao Centro de Línguas, local em que os assassinos se suicidaram. Os PMs se abaixam, fazem de conta que estão com as armas na mão. Um deles faz um escudo de proteção para os outros que estão atrás. A imagem mostra a ação dos policiais até chegarem ao centro de línguas. Eles correm um atrás do outro, se protegendo, até chegarem ao local. Toda essa movimentação é narrada pelos policiais, com interferências do repórter:

Policiais: Eles foram correndo e nos indicando pra onde tinham corrido, por isso nós tomamos essa direção. Aqui os sinais eram os corpos, existiam mais três corpos. Tinham vários jet loaders espalhados, aquele instrumento pra recarregar rápido o revólver

Repórter Ernesto Paglia: Os PMS mostram como se aproximaram do centro de línguas, no fundo da escola, onde os assassinos estavam. Naquele dia, eles usaram um escudo à prova de balas.

Policiais: Nós paramos aqui, fizemos a proteção. Pedimos pros adolescentes sair. Quando saiu o último, nós ouvimos os dois tiros. Quando ouvimos os tiros, aí a gente acelerou. A gente acelerou pra chegar.

Repórter Ernesto Paglia: Este foi o momento em que o assassino mais novo atirou no comparsa e em seguida se matou.

Policiais: Viu que tava no solo. Eles no solo já não tinha mais o que fazer. Já não tinha mais perigo iminente. É feita uma varredura. (APÊNDICE A, p. 89)

Figura 6 - Reconstituição policial



Fonte: ENTENDA (2019)

Nota: Incluir imagem de policiais reconstituindo as ações que tomaram no dia do massacre

Ao final da entrevista, os policiais falam sobre os momentos que os emocionaram, como quando alunos os agradeceram pelo trabalho depois do fim da tragédia e os chamaram de heróis:

“Teve uma criança que conseguiu parar e, nesse momento, ele pegou no meu braço, pegou no braço do sargento, e nesse momento ele agradecia intensamente pela nossa presença. E algumas delas gritavam: vocês são nossos heróis. E isso realmente marca a vida da gente. Pra gente isso ai não tem preço.” (APÊNDICE A, p. 89)

O programa volta ao estúdio, onde os apresentadores Tadeu Schmidt e Poliana Abritta chamam uma reportagem sobre os “heróis que se arriscaram para evitar mais mortes”. (APÊNDICE A, p. 89)

4.2.2 A história das Amigas Sobreviventes

A reportagem do jornalista Marcelo Canellas encerra a cobertura do Fantástico sobre a tragédia de Suzano. Ele conta a história das amigas Beatriz e Letícia, que sobreviveram ao massacre, mesmo atingidas por diversos disparos. O repórter utiliza adjetivos com tom emocional como “coragem” e “heroísmo” para descrever a história “de um amor profundo entre duas amigas”. (APÊNDICE A, p. 90)

A narrativa principal é de Beatriz, a adolescente que esteve o tempo inteiro com a amiga Letícia, portadora de uma doença cardíaca, durante os ataques. Séria e objetiva, ela conta todas as ações dos assassinos, inclusive quando um deles atirou

nela, acertando seu braço. O repórter complementa a narrativa com comentários como “foi nesse momento que elas acharam que iam morrer.” (APÊNDICE A, p. 91)

Beatriz: Ele tava atirando na cabeça dos alunos, então o alvo dele também era na nossa cabeça. Foi aí que ele atirou e aí passou por mim, que tá aqui esse machucado, e passou por mim. Era pra ser na minha amiga.

(...)

Beatriz: E na hora eu dei um grito: Letícia! Porque eu vi ela caindo na minha frente. E nisso que ela foi caindo eu fui pra frente dela. E dei a mão pra ela e fiquei de frente e falei: para de fazer isso, ela tem problema no coração. Para. Aí ele olhou pra mim, fez mira pra atirar na minha cabeça, mas ele errou e atirou no meu braço. Aí entrou, mas eu não senti nada hora, tanto é que eu fechei os olhos, mas eu achei que ele tinha errado. Eu continuei brigando com ele e dizendo: para de fazer isso! Você vai acertar ela, para! Aí ele me deu um outro tiro, que foi aqui na boca, mas eu não senti saindo nem entrando.

Repórter Marcelo Canellas: Foi nesse momento que elas acharam que iam morrer. (APÊNDICE A, p. 91)

Letícia, em um tom mais doce, fala da proteção da amiga durante todo o tempo. Além da entrevista das duas amigas, nesse trecho também são mostradas imagens das câmeras de segurança da escola e da rua, além de imagens aéreas da movimentação em frente à escola após o massacre. Poucas imagens de apoio são utilizadas durante a entrevista com as adolescentes. O repórter as instiga a contar como foi o encontro cara a cara com os assassinos. Enquanto elas falam, a câmera percorre seus corpos, em diversos momentos fazendo foco e *zoom* nas marcas de tiro e nas bandagens que cobrem os machucados.

Figura 7 - Foco nos machucados I



Fonte: CONHEÇA (2019)

Nota: Inclui imagem com foco nos curativos do rosto da vítima Beatriz

Figura 8 - Foco nos machucados II



Fonte: CONHEÇA (2019)

Nota: Inclui imagem da vítima Letícia com a camiseta levantada para mostrar o machucado nas costas

A fala das duas adolescentes é bastante impactante, já que narram os momentos de desespero que passaram juntas dentro da escola, até o encontro com um dos assassinos, que atirou em ambas, acertando Beatriz no rosto e no braço, e Letícia na barriga. O repórter Marcelo Canellas utiliza de algumas frases de impacto, como na abertura da reportagem: “Diante do assassino armado, Beatriz já se preparava para o pior” (APÊNDICE A, p. 89). Já no encerramento da matéria com as adolescentes, diz:

Repórter Marcelo Canellas: O tiro acertou sua bochecha em dois lugares, sem quebrar um dente sequer. E o que entrou em Letícia pela lombar atravessou seu corpo de um lado a outro sem atingir a coluna nem órgãos vitais. Sempre de mãos dadas, até o final. (APÊNDICE A, p. 92)

A história das duas adolescentes encerra a matéria de Canellas sobre a tragédia em Suzano. A reportagem promove um encontro entre as duas, que não haviam mais se visto após o massacre. No encontro, Beatriz é levada até a casa de Letícia.

Beatriz: Oi! Oi, meu amor. Como você tá, você tá bem?

Letícia: Tô bem.

Beatriz: Que bom que você tá bem. Você não sabe como eu tô aliviada em saber que você tá bem.

Repórter Marcelo Canellas: Eu acho que agora não se desgrudam nunca mais. (APÊNDICE A, p. 95)

O repórter observa de longe enquanto a jovem chega na sala. Ambas se abraçam e choram. O encerramento tem um tom feliz e de brincadeira, fechando com

uma frase descontraída do repórter: “Eu acho que agora não se desgrudam nunca mais”, seguida da risada de todos.

Figura 9 - Reencontro das amigas



Fonte: CONHEÇA (2019)

Nota: Inclui imagem das amigas Beatriz e Letícia em reencontro após o massacre

4.3 Cobertura da revista eletrônica Domingo Espetacular

A reportagem do Domingo Espetacular inicialmente é focada na cobertura factual e na exploração da personalidade dos assassinos e de seus familiares. A primeira matéria narra com detalhes o passo a passo do massacre, utilizando, ao longo de 19 minutos, o depoimento de 14 pessoas, desde vítimas, até familiares e moradores da região.

A reportagem seguinte explora as histórias das famílias dos assassinos, procurando desvendar o que levou os jovens a realizarem o massacre. O programa ainda traz matérias de apoio sobre assuntos ligados à tragédia, como a recuperação da história de outros massacres no Brasil e no mundo e uma matéria sobre a *deep web*. Ao todo, o programa dedicou uma hora e um minuto ao massacre da escola Raul Brasil, em Suzano.

4.3.1 O passo a passo do ataque

A primeira matéria é do jornalista Afonso Monaco, que, em off, anuncia: “Suzano, grande São Paulo. Quarta-feira, 13 de março. O último dia de vida de oito inocentes”. (APÊNDICE B, p. 97) A reportagem começa mostrando fotos de arquivo de cada uma das vítimas do massacre, intercalando-as com depoimentos de amigos

e familiares. Logo após surge a cena da homenagem feita do lado de fora da escola após a tragédia, em que uma pessoa da comunidade grita: “Raul Brasil” e todos, emocionados, respondem: “Pra sempre presente”, choram muito e aplaudem. (APÊNDICE B, p. 98) A câmera filma as emoções de todos frontalmente:

Figura 10 - Jovens emocionados em homenagem



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem de três jovens chorando durante homenagem em frente à escola após o massacre

Logo após a homenagem, a reportagem foca e faz *zoom* no rosto de seis pessoas, adolescentes e adultos, chorando em frente à escola. Para narrar o percurso dos assassinos até à escola, são utilizadas imagens das câmeras de segurança da rua. Ao mencionar pela primeira vez o nome do assassino Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, a reportagem mostra uma foto sua, de arquivo. Durante toda a cobertura do Domingo Espetacular, o nome completo de Guilherme será mencionado cinco vezes, e sua imagem aparecerá em 32 oportunidades, das quais em 10 vezes a imagem mostra o adolescente vestido com máscara de caveira e apontando uma arma para a câmera. As câmeras do colégio mostram o jovem entrando no saguão da escola e sacando a arma para efetuar o primeiro disparo, mas a imagem é congelada antes dele apertar o gatilho:

Figura 11 - Câmera de Segurança da Escola III



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem captada por câmera de segurança da escola Raul Brasil, em que aparece o primeiro assassino pronto para efetuar o primeiro disparo

Para descrever o que aconteceu depois dos primeiros disparos, a reportagem utiliza imagens amadoras, registradas pelos próprios alunos e funcionários durante a tragédia. Apesar da maior parte das cenas estarem borradas, é possível ver que corpos no chão, sangue e muitas pessoas correndo. Além das imagens, a reportagem mantém o som ambiente, enquanto o repórter diz “é possível ouvir o pânico de alunos e funcionários”. (APÊNDICE B, p. 98) São 12 segundos de gritos na primeira vez que esse tipo de imagem é utilizado. Seguem entrevistas feitas com sobreviventes logo após a tragédia, imagens dos jovens tremendo e chorando ao narrarem o que viram dentro do colégio. Depois de uma sequência de depoimentos, surgem mais imagens amadoras, com o som original do massacre, por mais 12 segundos.

Figura 12 - Vítima morta no chão



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem de câmera amadora, em que aparece o corpo de uma vítima morta no chão do pátio da escola

Depoimentos de vítimas são utilizados para mostrar, com mais detalhes, como foram as cenas dentro da escola. Chama atenção o enquadramento da câmera durante a entrevista de uma estudante, não identificada. Ela está de costas para a câmera, em frente a um cartaz. O enfoque da câmera seleciona as palavras “sangue” e “amigos” durante sua fala:

Vítima não identificada: Eu tava paralisada e tipo, eu tava fazendo fila pra comer. E aí na hora eu só ouvi o disparo. E na hora quando eu saí eu vi ela caída no chão, realmente. Ela era legal, conversava com a gente, dava conselho pra gente quanto mais a gente precisava. Ela chegava, conversava, tudo isso. Cheguei eu achava que ia ser um dia normal pra mim, tudo isso, mas por fim, acontece isso. (APÊNDICE B, p. 99)

O nome do assassino Luiz Henrique de Castro, maior de idade, é mencionado pela primeira vez aos 5m04s de reportagem, seguido de uma foto sua, no formato 3cmx4cm. Ao longo do Domingo Espetacular, seu nome completo será mencionado quatro vezes, enquanto suas imagens serão reproduzidas em 17 oportunidades.

Para descrever a ação do criminoso, são utilizadas apenas imagens da câmera de segurança da escola, sem cortes, totalizando 55 segundos de vídeo contínuo. Nessas imagens, o jovem aparece entrando na escola e derrubando uma besta, instrumento medieval com gatilho e que dispara flechas, no chão. Quando ele iria atingir a cabeça de pessoas já mortas com um machadinho, a imagem congela e o repórter explica que é uma “atitude tão violenta que não vamos mostrar.” (APÊNDICE B, p. 100) Seguem imagens de Luiz Henrique dando socos, pontapés e puxões de cabelo em uma adolescente, que escapa, e acertando o ombro de um estudante com o machadinho. O jovem, machucado, foi entrevistado no leito do hospital:

Figura 13 - Vítima machucada no hospital



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem de vítima em uma cama de hospital, com um curativo no ombro, local onde levou uma machadada

Ao descrever a cena em que um dos assassinos atira no próprio tio, dentro de uma loja de carros, o jornalista Afonso Mênaco diz: “Ele entrou, chegou aqui, o tio estava aqui no escritório. Ele chegou sem dizer nada. Jorginho, Jorginho, bum! bum! Três tiros em cima do tio dele.” (APÊNDICE B, p. 103) A foto do adolescente aparece novamente no decorrer dessa cena. Além da *selfie* que já havia sido divulgada, a reportagem mostra pela primeira vez a foto em que o rapaz veste uma máscara de caveira e empunha um revólver:

Figura 14 - Foto de arquivo de Guilherme



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem de uma foto de arquivo de Guilherme, um dos assassinos, vestindo máscara de caveira e empunhando um revólver

Antes de encerrar a parte factual do massacre, o repórter instiga o telespectador a ficar assistindo ao programa: “Você vai ver mais detalhes sobre o desfecho do massacre daqui a pouco, na entrevista exclusiva do primeiro policial a

entrar na escola.” (APÊNDICE B, p. 105) Na sequência, passa a falar com especialistas para entender o que leva dois jovens a planejarem e executarem um massacre como o de Suzano. As imagens de apoio, durante essa entrevista, são genéricas, representando cenas corriqueiras em escolas, como jovens sentados e conversando.

Para finalizar a reportagem de 19m07s, o jornalista conta a história da merendeira Silmara de Moraes, que protegeu alguns alunos dentro da cozinha. Parte da entrevista é gravada dentro de sua casa, ao lado da família. A filha se emociona ao falar do heroísmo da mãe e lembrar que poderia ter sido uma das vítimas, já que também se formou na escola Raul Brasil. A reportagem encerra com imagens das homenagens no lado de fora da escola, com enfoque no abraço emocionado de adolescentes e nas flores brancas que muitos seguravam.

Figura 15 - Homenagens em frente ao muro da escola



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem do muro da escola Raul Brasil, em Suzano, e das flores colocadas em frente como homenagem às vítimas do massacre

É só depois desta primeira reportagem que surgem os dois primeiros apresentadores do Domingo Espetacular, os jornalistas Paulo Henrique Amorim e Thalita Oliveira. Ambos estão sentados, cumprimentam os telespectadores e passam a chamar a matéria seguinte, em que repórteres entrevistaram os pais dos assassinos. No telão ao fundo do estúdio, estão as fotos de ambos.

Figura 16 - Estúdio do Domingo Espetacular



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem do estúdio do Domingo Espetacular entre as reportagens sobre o massacre, em que as fotos dos dois assassinos são reproduzidas no telão ao fundo

4.3.2 Reportagem com os familiares dos atiradores

Esta é a segunda reportagem do Domingo Espetacular sobre o massacre de Suzano, com a duração de 15m11s. Nela os repórteres conseguiram entrevistar os pais dos atiradores, um tio e um avô. A perseguição de um repórter à mãe de um dos assassinos é mostrada na matéria, apesar de ela ter dito que não queria falar sobre o caso e tentar se esconder dentro de casa.

A primeira parte da matéria é do jornalista Raul Dias Filho, que entrevista o pai do adolescente Guilherme, um dos assassinos. Durante a entrevista, ele se mostra comovido: olha para baixo, esfrega as mãos, acena com a cabeça para o entrevistado. Durante todo o tempo, a câmera foca no jornalista e nas suas expressões, já que o rosto do familiar não é divulgado. Apesar de parecer comovido, ao entrevistar o pai do criminoso, indaga: “Seu filho era um monstro?” (APÊNDICE B, p. 111), seguida de uma pausa ao som de uma música de suspense. Essa frase é utilizada no início da matéria, como provocação ao telespectador, e no final, quando então é revelada a resposta do pai.

Figura 17 - Entrevista com o pai do assassino Guilherme



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem do repórter Raul Dias Filho entrevistando o pai do assassino Guilherme, quando pergunta: “Seu filho é um monstro?”

A repórter Helayne Cortez entrevista o pai de Luiz Henrique, o criminoso de 25 anos. Durante toda a entrevista, ela segura as mãos do entrevistado:

Figura 18 - Entrevista com o pai do assassino Luiz Henrique



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem da repórter Helayne Cortez entrevistando o pai do assassino Luiz Henrique e segurando sua mão

A conduta dos dois atiradores foi ligada ao hábito que tinham de jogar videogame:

Repórter Raul Dias Filho: Segundo as funcionárias da lan house que os dois assassinos frequentavam, os jogos preferidos deles eram de futebol e jogos online de combate. A personalidade calada da dupla mudava radicalmente lá dentro.

Funcionária 1: Eles não eram muito chegados a conversar, não conversavam de nada, mas jogando videogame eles eram muito bravos e xingavam o tempo inteiro.

Funcionária 2: Qualquer coisa que acontecia tinha um palavrão ali no meio. (APÊNDICE B, p. 114)

Por diversas vezes, a reportagem cobre parte das entrevistas com imagens de jogos, sempre mostrando cenas de tiroteio e violência. Em algumas cenas, o som do jogo foi mantido e até mesmo aumentado, podendo-se ouvir os barulhos de tiro de metralhadora e de explosões, por exemplo.

Figura 19 - Jogo de videogame violento



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem de um jogo de videogame violento, em que um assassino faz um homem refém e aponta uma pistola contra seu rosto

Ao retomar o comportamento de Guilherme, a reportagem mostra novamente a foto de arquivo em que o rapaz está vestindo máscara de caveira e empunhando um revólver. Logo em seguida, o repórter Raul Dias Filho volta a entrevistar o pai dele, que não é identificado por motivos de segurança. A reportagem ainda tentou contato com a mãe do assassino, usuária de craque, segundo a matéria. Apesar de ela não querer conceder entrevista, a matéria registrou o jornalista André Tao a abordando e entrando pelo portão de sua casa. O rosto da mulher é borrado na imagem, mas seu corpo é filmado por completo. A câmera entra por uma fresta do portão para gravar o que a mãe estava falando ao repórter, que deixa o microfone encostado em seu braço enquanto a ouve:

Repórter Raul Dias Filho: O repórter André Tao encontrou a mãe do Guilherme, também em Suzano. Ela é usuária de drogas e não quis gravar entrevista.

Mãe de Guilherme: Falar o que, meu Deus, nem se eu disser todas as coisas do mundo vai confortar ninguém, meu Deus, que é muito triste. (APÊNDICE B, p. 115)

Figura 20 - Tentativa de entrevista com mãe do assassino Guilherme



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem do repórter André Tao abordando a mãe do assassino Guilherme, usuária de drogas, enquanto ela caminha para sua casa

Mesmo contra a vontade da mãe, a reportagem a filma dentro do portão de casa, chorando. O jornalista Raul Dias Filho teve acesso ao quarto do adolescente, onde mostrou objetos pessoais e focou no computador, aparelho em que foram encontradas fotos do rapaz fazendo gestos obscenos e incitando violência, imagens que foram reproduzidas pela reportagem:

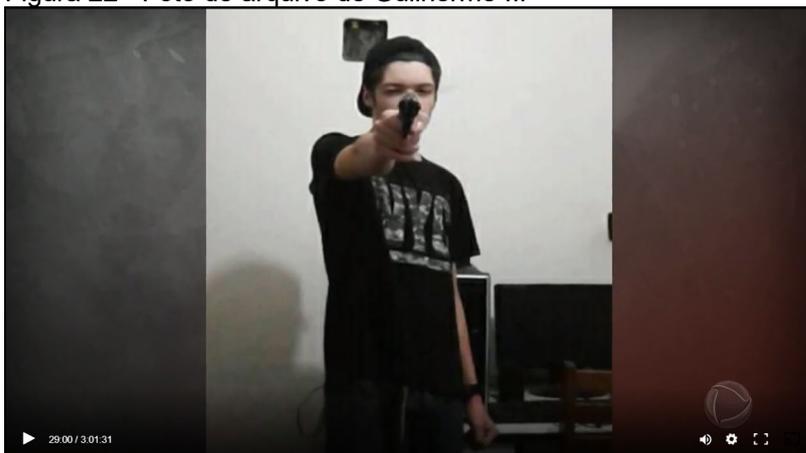
Figura 21 - Foto de Arquivo de Guilherme II



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem de uma foto de arquivo do assassino Guilherme, menor de idade, fazendo um gesto obsceno para a câmera

Figura 22 - Foto de arquivo de Guilherme III



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: inclui imagem de uma foto de arquivo do assassino Guilherme, menor de idade, apontando uma arma para a câmera

Antes de encerrar, a reportagem ouve alguns especialistas da área médica, que falam sobre a influência dos jogos de videogame na personalidade dos adolescentes. Inúmeras imagens de jogos violentos são usadas para cobrir essas entrevistas, muitas vezes com o som das armas. A cena final da matéria retoma a entrevista do jornalista Raul Dias Filho com o pai do adolescente Guilherme Taucchi Monteiro, quando ele pergunta: "Seu filho era um monstro?". (APÊNDICE B, p. 122)

A reportagem acaba bruscamente com a resposta do pai e uma foto dos dois assassinos, lado a lado. Após um corte seco, a câmera volta para o estúdio do Domingo Espetacular, em que estão de pé os apresentadores Janine Borba e Edu Ribeiro. Ambos estão sorridentes:

Apresentadora Janine Borba: Antes de chamar a próxima reportagem eu quero dizer que a partir de hoje meu querido Edu Ribeiro vai fazer parte do time de apresentadores do D.E. Seja muito bem-vindo.

Apresentador Edu Ribeiro: Obrigado, Janine. É uma honra pra mim fazer parte de uma equipe tão especial. E o Domingo Espetacular traz agora dois episódios do passado que vem sempre à nossa mente quando pensamos no que aconteceu em Suzano. O primeiro é o que citamos na reportagem que você acabou de ver, o de Columbine, nos Estados Unidos, onde dois jovens também se uniram pra atacar uma escola.

Apresentadora Janine Borba: O segundo ataque foi aqui mesmo, no Brasil, há oito anos. (APÊNDICE B, p. 122)

4.3.3 Reportagem sobre a Deep Web

Depois de uma reportagem sobre o massacre do colégio Columbine, nos Estados Unidos, e da escola Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, a escola Raul Brasil volta ao foco do Domingo Espetacular. Uma reportagem sobre a *deep web*, a parte escondida da Internet mundial, explica o termo e o vincula com o planejamento do massacre de Suzano pelos dois assassinos:

Repórter em Off: Numa mensagem compartilhada na Deep Web, seis dias antes do ataque, Guilherme teria escrito a um amigo virtual, identificado como DPR: “muito obrigado pelos conselhos e orientações, DPR. O contato nos trouxe tudo dentro dos conformes. Ficamos espantados com a qualidade, dignas de filmes de Hollywood. Infelizmente não existe locais para testarmos e tudo acontecerá de forma natural, com a aprendizagem no momento do ato. Fique com Deus, meu mentor.”

DPR se apresenta como um moderador de um *chan*, como são chamados os fóruns de disseminação de ódio e incitação a crimes que operam na Deep Web. Acredita-se que DPR tenha apresentado a Guilherme uma pessoa que forneceu armas e até mesmo as roupas usadas pelos assassinos. Na mesma mensagem, Guilherme teria prometido avisar sobre a proximidade do ataque. Ele escreveu: “o sinal será a música no máximo três dias depois estaremos diante de Deus, com nossas sete virgens.”

Os comentários dos participantes dos fóruns costumam misturar várias referências sem uma base coesa. No dia 11, dois dias antes do massacre, Guilherme teria publicado uma nova mensagem, o sinal que ele supostamente havia prometido: “Todos os meninos com os seus tênis bonitos é melhor correr bem mais que a minha arma! Todos os meninos com os seus tênis bonitos é melhor correr bem mais do que o meu tiro!” (APÊNDICE B, p. 124)

Nessa matéria predominam imagens montadas pela produção do programa, em que pessoas foram vestidas de um modo que, supostamente, caracteriza os usuários da *deep web*, completamente encobertas por roupas escuras e máscaras. Os ambientes de gravação são todos escuros. As filmagens usam efeitos visuais, como interferências, borrões, focos de luz nos encapuzados que mexem em computadores, além de predominar uma trilha de suspense.

Figura 23 - Encenação com pessoa mascarada



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Incluir imagem de uma pessoa mascarada e vestida de preto, para indicar o perfil de um usuário anônimo da deep web

No início, surgem as fotos e os nomes dos assassinos Guilherme Tauci Monteiro e Luiz Henrique de Castro, lado a lado. Também é usada a imagem em que o atirador adolescente entra na escola e faz o primeiro disparo, congelada quando ele aperta o gatilho. A reportagem dissecou o conteúdo dos fóruns acessados pelos assassinos durante o planejamento do massacre, mostrando a troca de mensagens que teriam tido com um mentor na *deep web*. Por diversas vezes, são reproduzidas as fotos de Guilherme vestindo máscara de caveira e empunhando um revólver.

Figura 24 - Fotos dos assassinos



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Incluir imagem dos dois assassinos, em fotos que estão lado a lado em uma tela, sendo a de Guilherme uma imagem sua vestida com máscara de caveira e empunhando uma arma

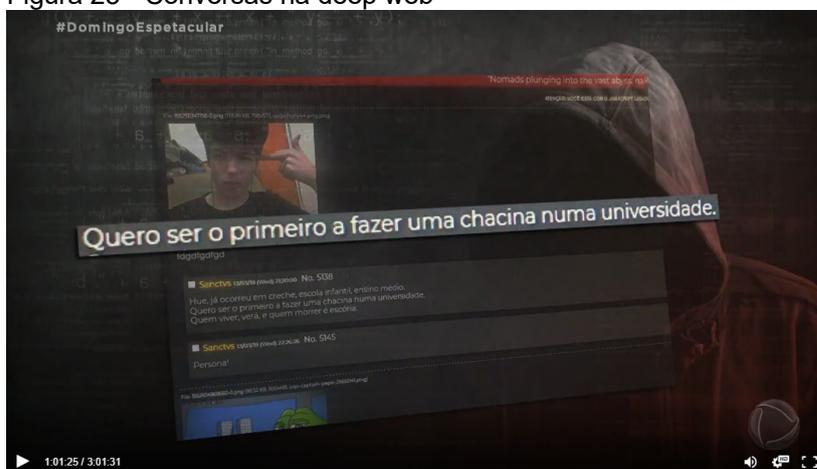
O repórter Michael Keller explica detalhadamente como as pessoas fazem para ter acesso à *deep web*, apontando a necessidade do uso de programas específicos e

alertando para a dificuldade da polícia em rastrear os usuários, devido a um sistema internacional de proteção dos dados:

Repórter Michael Keller: Para ter acesso à Deep Web é preciso ter um programa de computador específico. Alguns dos sites só permitem a entrada de convidados e exigem senhas dependendo do nível de segurança deles. Em casos extremos, até mesmo um equipamento especial é necessário para se conectar à rede. Quem tem um conhecimento mínimo de informática até consegue se conectar aos níveis da Deep Web mais superficiais, ou seja, menos seguros. Mas mesmo neles o rastreamento das autoridades é bastante complicado. Isso por causa de uma característica do sistema, que se utiliza de um grupo de computadores em várias partes do mundo para rebater o sinal. (APÊNDICE B, p. 126)

O jornalista entrevista um jovem, não identificado, que fazia uso da *deep web*. O rapaz revela o que era possível encontrar na rede profunda, como “venda de armas, venda de crianças pela Internet, venda de drogas, pessoas encomendando assassinatos”. (APÊNDICE B, p. 128) A reportagem explora comentários de internautas após o massacre da escola de Suzano, especialmente aqueles que incitam novos crimes:

Figura 25 - Conversas na deep web



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem da tela de um computador que frases ditas na *deep web* sobre o massacre

A reportagem de 14m28s minutos encerra com a reprodução da cena em que o assassino adolescente entra no saguão da escola e dispara pela primeira vez, seguida das filmagens das câmeras de segurança da rua, que mostram a correria dos estudantes para fora da escola. O encerramento mostra a imagem de pessoas se abraçando e chorando após a tragédia, assim como cartazes de protesto em frente ao colégio.

Figura 26 - Pessoa emocionada em frente à escola



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem de um homem chorando em homenagem feita na frente da escola após o massacre.

4.3.4 Reportagem exclusiva: entrevista com policial à paisana

A última reportagem do Domingo Espetacular sobre o massacre da Escola de Suzano é uma entrevista exclusiva da repórter Thalita Oliveira com o policial Eduardo Andrade, que morava próximo à escola Raul Brasil e estava de licença médica no dia da tragédia, mas foi o primeiro militar a chegar no local, à paisana.

Apresentador Paulo Henrique Amorim: Exclusivo! Você vai conhecer agora outro herói da tragédia de Suzano. Ele é um policial militar que estava de folga e foi o primeiro a chegar à escola, ainda durante o ataque.

Apresentadora Thalita Oliveira: Na entrevista à repórter Thatiana Brasil, ele conta que ficou cara a cara com um dos atiradores. (APÊNDICE B, p. 131)

A principal imagem utilizada nessa matéria é a da entrevista do policial, em um cômodo de sua casa. Para ilustrar a narrativa dele são utilizadas as imagens da câmera de segurança da escola, especialmente as que mostram o assassino adolescente chegando ao saguão para efetuar o primeiro disparo, o outro assassino chegando com a arma besta, e as filmagens da correria dos estudantes pela escola.

O PM descreve todas as ações que tomou ao suspeitar que estava acontecendo um tiroteio na escola, local a dois minutos de sua casa. Ele reproduz o movimento que fez para pegar a arma e o distintivo policial, cena que recebe o enfoque da câmera:

Policial Eduardo Andrade: Eu tava sentado do lado de fora da minha casa numa cadeira, olhando a rua.

Repórter Thatiana Brasil: A poucos metros da escola.

Policial Eduardo Andrade: Poucos metros da minha casa, não dá dois minutos da porta da escola. É, comecei a ouvir o que parecia ser disparos de armas de fogo. Um, dois, três, no quarto eu saí, olhei na rua e falei: “o que tá acontecendo, da onde vem?” Mas o que me levou a ser preciso na minha ação foi o pessoal do prédio do lado gritando: “é dentro da escola, tiro dentro da escola!” Aí eu não tive dúvida.

A minha arma sempre fica perto de mim, de pronto emprego. Eu peguei a arma e a única coisa que eu lembrei de pegar o distintivo e colocar, pro pessoal entender que eu era um policial entrando e não mais um participante do que houve. (APÊNDICE B, p. 132)

Figura 27 - Arma do policial



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem da arma do policial entrevistado, que a saca para mostrar à reportagem o que tinha consigo durante o ataque

A foto do atirador adolescente, vestido com máscara de caveira e empunhando um revólver, é reproduzida quando o policial o menciona. Câmeras de segurança da rua mostram o momento que o militar chegou no portão da escola, à paisana, e imagens amadoras são reproduzidas para ilustrar o que o PM viu ao entrar no local: são imagens de corpos no chão, borrados. A reportagem manteve o som ambiente das filmagens amadoras, em que se ouvem gritos de alunos em meio à correria da tragédia.

Policial Eduardo Andrade: Eu já me deparei com corpos no chão. Foi aonde aí eu tomei ciência da gravidade do que tava acontecendo.

Repórter Thatiana Brasil: Qual foi a primeira imagem que você viu?

Policial Eduardo Andrade: Foi a inspetora, mais dois alunos, um em cima do outro. Provavelmente eles já estavam sem vida, porque eu falei com eles, eu falei “olha pra mim, olha pra mim, responde!” Ninguém se mexeu.

Repórter Thatiana Brasil: Neste momento, Eduardo percebeu que uma das vítimas ainda estava viva.

Policial Eduardo Andrade: Foi aonde eu vi a Eliane ali.

Repórter Thatiana Brasil: Eliane era inspetora da escola. Uma das oito pessoas assassinadas durante o massacre.

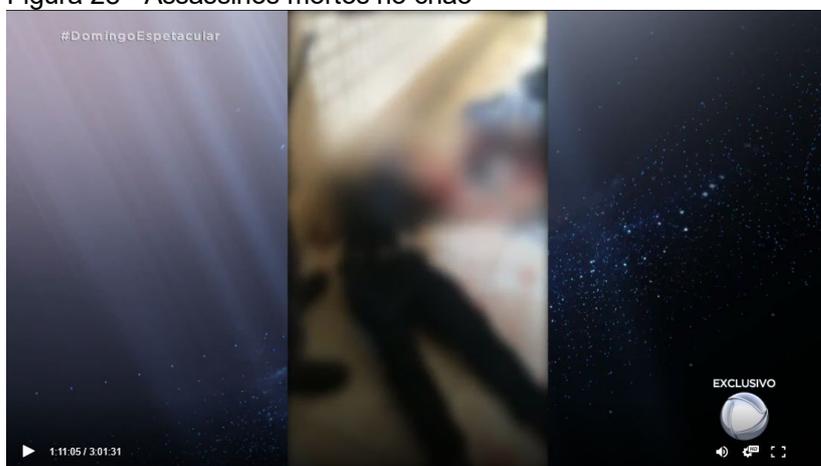
Policial Eduardo Andrade: E ela tava respirando ainda e tava baixinho, tava falando.

Repórter Thatiana Brasil: O que que ela falou?

Policia! Eduardo Andrade: “Me ajuda.” Ela tava pedindo ajuda. Ela só falava bem baixinho, a vozinha baixinha: “eu vou morrer, me ajuda.” Eu falei: “calma, a polícia chegou, calma a polícia chegou!” E eu falei: “tá bom, não vou sair daqui!” E ela falou: “fica aqui, fica aqui, não sai” Bem baixinho, não conseguia ter voz pra falar, ela tava se esvaindo, literalmente. (APÊNDICE B, p. 134)

Eduardo conta o momento em que o reforço policial chegou à escola, quando os dois assassinos ficaram encurralados e se suicidaram. Imagens dos jovens mortos e ensanguentados no chão são mostradas. Apesar de estarem borradas, é possível ver os corpos e a mancha vermelha ao redor.

Figura 28 - Assassinos mortos no chão



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem dos assassinos mortos no chão da escola, e vestígios de sangue ao redor

A reportagem de 11m18s encerra com o depoimento emocionado do policial militar, ao lembrar de alunos o chamando de herói e agradecendo. O momento de maior emoção é quando a repórter pergunta o que a filha dele, de sete anos, disse quando o pai retornou para casa: “Ela teve um acesso de carinho por mim. De me abraçar, de falar ainda bem que eu tô vivo, por que eu fiz isso? Mas ela ficou feliz, ela falou ‘meu pai faz de novo, porque você é um herói’.” (APÊNDICE B, p. 139)

Figura 29 - Policial emocionado



Fonte: MERENDEIRA (2019)

Nota: Inclui imagem do policial entrevistado chorando ao final da entrevista, quando lembra da filha

Após essa reportagem, a jornalista Thatiana Brasil entra ao vivo com a atualização da situação de saúde dos feridos, em frente ao Hospital de Clínicas de São Paulo, e das melhorias que estavam sendo feitas na escola para a sua reabertura.

4.4 Análise de resultados: as reportagens do Fantástico e do Domingo Espetacular e o respeito (ou não) aos Códigos de Ética

A técnica da análise de imagens em movimento possibilitou comparar a cobertura jornalística dos programas Fantástico e Domingo Espetacular em diversos âmbitos. Após a decupagem e análise aprofundada de cada programa, é importante identificar se os critérios de edição escolhidos em cada um deles respeitaram o que dizem os códigos de ética da profissão e os manuais das próprias empresas. Dessa maneira, é possível identificar se houve sensacionalismo nas reportagens ou se foram exibidas em sintonia com os princípios de ética em vigor.

Destaca-se, inicialmente, o tom que cada cobertura jornalística teve: a do Fantástico em tom de homenagem, enquanto a do Domingo Espetacular teve foco no factual, explorando o massacre em seus máximos detalhes, do passo a passo até a personalidade dos assassinos e de seus familiares. Em ambas as edições se observa uma carga emocional na descrição das cenas. No caso do Fantástico, “vítimas do horror em Suzano”, “tomados pelo mais absoluto desespero”, “imagens trágicas e terríveis”, assim como falas em off do repórter que provocam o telespectador, como as de Marcelo Canellas: “diante do assassino armado, Beatriz já se preparava para o pior” e “foi nesse momento que elas acharam que iam morrer”.

O Domingo Espetacular é mais objetivo com as palavras, muitas vezes fazendo o telespectador imaginar uma cena. Um exemplo é quando o jornalista Affonso Monaco diz “ele entrou, chegou aqui, o tio estava aqui, no escritório. Ele chegou sem dizer nada. ‘Jorginho, Jorginho’, bum, bum, três tiros em cima do tio dele.” Especialmente em relação ao Domingo Espetacular, é possível perceber nitidamente uma edição jornalística orientada para a exploração de imagens chocantes, o que não aconteceu no programa Fantástico.

As próprias Normas para Telejornalismo Regional da Rede Record (2006, p. 4) preveem que “seja priorizada a cobertura do factual durante as reportagens, especialmente quando houver casos individuais de apelo humano.” Não bastassem as imagens das câmeras de segurança da escola, suficientes para mostrar o momento em que os criminosos entraram no local e de que maneira se movimentaram, o programa da Record TV ainda abusou do uso de imagens amadoras, gravadas por alunos durante o massacre. Apesar de estarem borradas, é possível ver corpos no chão, ensanguentados. O que torna o uso dessas imagens ainda mais chocante é o fato de que o som original foi mantido, revelando os gritos desesperados de adolescentes.

A utilização desses recursos está prevista nas normas para Telejornalismo Regional da Rede Record, analisadas nesta monografia. O manual da emissora (2006, p. 6) recomenda que se utilize bastante o chamado “sobe-som”, especialmente quando houver barulho de tiros, gritos e ruídos do ambiente registrado. Apesar de estarem seguindo dispositivos internos, o uso dessas imagens amadoras por quatro vezes e a reprodução de seus áudios originais violam o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007, p. 2, art. 11, inciso II), que diz que o jornalista não deve divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista ou contrárias aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes. Importante ressaltar que não só as imagens das vítimas mortas foram divulgadas pela emissora, mas também as fotos dos próprios assassinos mortos, um adolescente e um jovem de 25 anos.

As reportagens do Grupo Globo em nenhum momento mostraram gravações amadoras e sequer divulgaram imagens dos assassinos: nem as de arquivo, muito menos deles mortos. Os próprios nomes dos criminosos foram mencionados pela emissora apenas uma vez, por completo, enquanto a concorrente utilizou suas fotos de arquivo 49 vezes e mencionou seus nomes completos em nove oportunidades.

Esses números são expressivos e mostram que a Record TV, além de detalhadamente descrever o passo a passo do crime, escolheu editar suas reportagens de maneira a explorar os criminosos e suas personalidades. Prova disso é o uso constante das fotos do adolescente Guilherme Tauci Monteiro, o mentor do massacre, vestindo uma máscara de caveira e empunhando um revólver. Em algumas imagens, o jovem aponta a arma para a câmera, dando a impressão de estar apontando para o telespectador.

A transmissão dessas imagens ao público é impactante, e elas novamente violam o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007, p. 2, art. 7º, inciso V) ao usarem o jornalismo para incitar a violência e o crime. Em relação ao código da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) há uma particularidade: suas normas orientam que as próprias empresas devem apontar critérios para divulgar imagens que possam traumatizar a sensibilidade do público do horário, passando uma ideia de autorregulação das emissoras em relação à ética. Nesse caso, observa-se que a edição do Domingo Espetacular julgou que as imagens de vítimas e dos assassinos mortos, assim como fotos de um deles apontando uma arma para a câmera, não seriam capazes de traumatizar o público. O Fantástico, por outro lado, pensou o contrário e optou por retratar o massacre de uma maneira mais sensível.

Ainda em relação ao uso de imagens chocantes de forma abusiva, destaca-se a perseguição do repórter André Tao, da Record TV, à mãe de um dos assassinos, que disse não querer dar entrevista. Ela é seguida pelo jornalista até a porta de sua casa, sem querer falar. O rosto dessa mãe é borrado na filmagem, mas a ação do jornalista em entrevistá-la contra sua vontade e mostrar sua imagem viola a sua intimidade, a privacidade e a honra, o que é vedado pelo artigo 6º, inciso VIII, do Código de Ética dos Jornalistas. O repórter ainda parece querer enganá-la, pois apoia o microfone no braço, como se não estivesse gravando, enquanto tenta conseguir uma fala. Enquanto isso, a câmera procura por uma fresta no portão de sua casa e flagra a mulher, chorando, ao entrar na residência.

Essa abordagem viola o que dizem os códigos da profissão, especialmente o da Fenaj (2007), que, no artigo 11, incisos II e III, proíbe o uso de informações obtidas de maneira inadequada, assim como condena o uso de informações contrárias aos valores humanos e de pessoas ameaçadas, exploradas ou sob o risco de vida. Em relação a esse tópico, não há o que falar sobre a edição do Fantástico, que sequer

mencionou os familiares das vítimas. São muitos os exemplos de abordagens desumanas durante a cobertura da tragédia de Suzano pela Record TV, mas, a título de amostragem, cita-se, ainda, a entrevista do repórter Raul Dias Filho com o pai do mentor do massacre. Depois de instigá-lo a falar sobre a personalidade do filho, ele pergunta: “seu filho era um monstro?”

De uma maneira geral, pelo menos em relação às imagens utilizadas, o Fantástico observou o que dizem os códigos de ética do jornalismo e os próprios princípios editoriais da Rede Globo, mas há um apontamento importante em relação à violação de suas próprias normas e dos princípios de ética jornalística: a emissora não ouviu o policial que, à paisana, entrou na escola antes de todos os outros, e sequer mencionou a sua existência na história e sua importância para evitar mais mortes na tragédia. Quem entrevistou essa fonte, com exclusividade, foi a Record TV.

Não falar sobre essa fonte viola um dos princípios do Grupo Globo, que, no capítulo da isenção, recomenda retratar os diversos ângulos de uma reportagem, ouvindo todas as versões do fato e garantindo a expressão dos pontos de vista. (GLOBO, 2019, p. 2, seção 1, letra b) Ainda que a entrevista exclusiva tenha sido feita pela concorrente, caberia ao Fantástico admitir que o policial estava presente na escola e foi essencial para um desfecho diferente da história. Quem assistiu apenas à cobertura da Globo não teve acesso a essas informações, essenciais para a compreensão dos fatos. Essa ocorrência é preocupante, tendo em vista ser a emissora uma líder de audiência, ou seja, formadora de opinião da maioria dos telespectadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia analisou a cobertura jornalística do massacre na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, sob a ótica dos programas Fantástico, do Grupo Globo, e Domingo Espetacular, da Record TV. O objetivo deste trabalho foi definir bibliograficamente o que é um bom jornalismo, o sensacionalismo e o que é a ética da profissão, trazendo os preceitos dos principais códigos de ética do jornalismo e também o que dizem os manuais internos das emissoras estudadas. A análise de reportagens teve como objeto as matérias do dia 17 de março de 2019, domingo posterior ao massacre, de ambos os programas. Este estudo culminou uma análise de resultados, em que se apontaram os momentos em que as coberturas jornalísticas foram sensacionalistas e os momentos em que houve respeito à ética profissional.

Os objetivos foram atingidos, apesar da dificuldade que a autora enfrentou em conseguir o manual interno de telejornalismo da Record TV. Em razão da negativa da emissora em enviar o material, utilizou-se o manual de nível regional, disponível em meios eletrônicos, e confirmado pela produção como sendo um dos documentos em vigor. Os princípios editoriais do Grupo Globo estão disponíveis ao público e foram essenciais para a análise das reportagens da emissora.

Os códigos de ética do jornalismo analisados nesta monografia foram os da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert). Os documentos são bastante genéricos, especialmente no que diz respeito à definição de sensacionalismo e à recomendação de condutas a serem observadas para que se evitem coberturas espetaculares ou desumanas. Uma descoberta importante foi a de que emissoras de grande expressão nacional, como Record, Rede TV e SBT, se desvincularam da Abert para fundar uma nova associação, a Associação Brasileira de Radiodifusores (Abra), que não tem um código de ética disponível para acesso.

Percebeu-se que não há disposições rigorosas sobre a ética no jornalismo brasileiro, apenas os poucos artigos da Fenaj, que não preveem sanções disciplinares graves, ou ainda os códigos de uma associação que não representa os interesses de todas as emissoras.

Para analisar as reportagens do Fantástico e do Domingo Espetacular, a autora utilizou a técnica da análise de imagens em movimento, consistindo na decupagem de todo o material em colunas de texto e imagem. Por meio dessa técnica, foi possível

analisar as reportagens quadro a quadro, apontando-se observações sobre os tipos de imagens utilizadas por cada emissora, como as de câmeras de segurança ou gravações amadoras, o enquadramento utilizado para mostrar cenas de violência e machucados, e até mesmo o material sonoro, como a reprodução fiel do áudio da escola durante o massacre pelo programa da Record TV, por exemplo.

O instrumento de análise utilizado foi útil, ainda, para contabilizar o número de vezes que as emissoras se valeram de determinados tipos de imagens ou de texto, como as fotos e os nomes completos dos assassinos, informações deixadas de lado pela Globo, mas reproduzidas em demasia pela concorrente. A definição desses critérios auxiliaram nas conclusões da análise, tendo em vista caracterizarem sensacionalismo e, muitas vezes, falta de sensibilidade da edição. Também ajudaram na comparação dos programas das duas emissoras, restando claro à autora que nas reportagens da revista eletrônica semanal da Record TV imperou o sensacionalismo e, muitas vezes, uma cobertura jornalística desumana, enquanto as matérias do Fantástico foram mais cuidadosas e menos chocantes ao telespectador.

O que se observou em relação à cobertura jornalística do massacre pelo programa foi uma certa romantização das histórias de heroísmo e de final feliz. Não houve exploração da execução e do sangue, mas sim das histórias dos sobreviventes, com uma narrativa carregada de emoções. A autora considera que as reportagens do Fantástico não tiveram um enfoque sensacionalista como as da concorrente, mas descobriu, ao comparar a edição das duas emissoras, que o Grupo Globo desrespeitou um princípio interno ao não contar a história do primeiro policial a chegar no massacre, algo que a Record TV fez com exclusividade. Considera-se grave o desrespeito à norma que prevê a exploração dos diversos ângulos de uma reportagem, ouvindo todas as versões do fato e garantindo a expressão dos pontos de vista, especialmente nesse caso, em que uma parte essencial para o desfecho da tragédia sequer foi mencionada ao público.

Por fim, observa-se que as normas de ética jornalística vigentes no Brasil não são efetivas para impedir a exibição de reportagens sensacionalistas. As emissoras acabam por se autorregular e criar manuais próprios, imperando - ou não - o bom senso de cada profissional, como dizem alguns pesquisadores da ética jornalística no Brasil. Os códigos internos variam entre extremos. De um lado, o extenso manual de princípios editoriais do Grupo Globo, que firma um compromisso dos profissionais com as normas e regras estabelecidas pela empresa, mas também um compromisso com

o público, a fim de facilitar o seu julgamento sobre o trabalho da emissora. Do outro lado, o manual da Record, que brevemente orienta os profissionais a produzirem reportagens espetaculares, citando exemplos práticos a serem seguidos.

É importante lembrar que esta monografia foi um recorte da apuração jornalística de duas emissoras concorrentes sobre uma tragédia que marcou o país em 2019. Estudar este objeto a fundo foi importante para elucidar como são comuns as abordagens sensacionalistas no jornalismo brasileiro, especialmente em razão da lógica do mercado e da busca constante por mais audiência.

Ao final desse estudo, a autora fica sentida por ver que o telespectador é quem sai prejudicado em razão dessa lógica, já que, na maior parte das vezes, se vincula à visão de uma emissora e passa a enxergar como real o que foi por ela transmitido. É importante que se discuta e se critique cada vez mais a ética no jornalismo brasileiro, primeiramente entre os próprios profissionais da área, para que posteriormente os resultados dessa reflexão beneficiem o público.

REFERÊNCIAS

ABERT. Código de Ética da Radiodifusão Brasileira, 1993.

ABRA vs. ABERT - Interesse público e o racha das entidades. 2004. Disponível em: <[https://www.agert.org.br/index.php/2-noticias/10300-Cis%C3%A3o-entre-a-Abert-\(Associa%C3%A7%C3%A3o-Brasileira-de-Emissoras-de-R%C3%A1dio-e-Televis%C3%A3o\)-e-as-principais-redes-que-disputam-o-mercado](https://www.agert.org.br/index.php/2-noticias/10300-Cis%C3%A3o-entre-a-Abert-(Associa%C3%A7%C3%A3o-Brasileira-de-Emissoras-de-R%C3%A1dio-e-Televis%C3%A3o)-e-as-principais-redes-que-disputam-o-mercado)>. Acesso em: 6 nov. 2019.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AMARAL, Márcia. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006

APRESENTAÇÃO. In: VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. 127 p.

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 2. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001. 290 p.

BOURDIEU. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 143 p.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 249 p.

CHRISTOFOLLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008. 121 p.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Código de Ética dos Jornalistas: Revisão bem-vinda, mas insuficiente**. 2007. Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=19691>>. Acesso em: 21 set. 2019.

CONHEÇA OS HERÓIS que se arriscaram para evitar mais mortes em escola de Suzano. **Fantástico**, Rio de Janeiro: Globo, 17 mar. 2019. 1 vídeo (8 min). Vídeo assistido na Globo Play mediante assinatura.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

ENTENDA O PASSO A PASSO do ataque em escola de Suzano com imagens exclusivas. **Fantástico**, Rio de Janeiro: Globo, 17 mar. 2019. 1 vídeo (11 min). Vídeo assistido na Globo Play mediante assinatura.

FENAJ. **A Federação**. c2019. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/fenaj/a-federacao/>>. Acesso em: 21 set. 2019.

FENAJ. **Estatuto**. 2010. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/fenaj/a-federacao/>>. Acesso em: 21 set. 2019.

FERREIRA, T., Observatório de imprensa: **Prática Jornalística**. Disponível em:
Acesso em: 21 set. 2019.

FINGER, Cristiane; SOUZA, Fábio Canatta de. Uma nova forma de ver TV no sofá ou em qualquer lugar. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p.373-389, 11 out. 2012. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12320>>.
Acesso em: 18 ago. 2019.

GLOBO, Memória (Org.). **JN: 50 anos de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. 457 p.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e jornalismo: uma cartografia dos valores**. São Paulo: Escrituras, 2002. 95 p.

GUIMARÃES, Valéria. Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais. **Artcultura**, Uberlândia, v. 16, n. 19, p.103-124, jul. 2014. Semestral. Disponível em:
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF29/11_Primordios_da_historia.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2017**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf> Acesso em: 12 ago. 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 432 p.

JORNALÍSTICA, Observatório da Ética. **Códigos**. 2019. Disponível em:
<<https://objethos.wordpress.com/codigos/>>. Acesso em: 21 set. 2019.

JOST, François. **Compreender a Televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2010. 165 p.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Formação e Ética Jornalística**. Disponível em:
<http://www.gersonmartins.jor.br/dados/aulas/turma1/formacao_etica_jornalistica_karam%5B5%5D.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019.

KEHL, Maria Rita. Imaginar e Pensar. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Rede Imaginária: Televisão e Democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 60-72.

KOSOVSKI, Ester (Org.). Ética, Imprensa e Responsabilidade Social: O Poder da Mídia. In: KOSOVSKI, Ester. **Ética na Comunicação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. p. 26-37.

LANGLOIS, Bernard. Plus on comunique, moins on informe. In: RAMONET, Ignacio. **A Tirania da Comunicação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 141 p.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2005. 243 p.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1986.

MEMÓRIA GLOBO (Rio de Janeiro). Apêndice: Princípios editoriais do Grupo Globo. In: GLOBO, Memória. **Jornal nacional: 50 anos de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. p. 431-452.

MERENDEIRA REVELA como salvou diversos alunos no massacre da escola de SUZANO. **Domingo Espetacular**, São Paulo: Record, 17 mar. 2019. 1 vídeo (3h01m31s). Vídeo assistido no Play Plus mediante assinatura.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sensacionalismo/>>. Acesso em: 21 out. 2019.

NASSER, Ailton Mineiro; TOSTES, Octavio. **Normas para Telejornalismo Regional Rede Record**. 2006. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/680797/normas-de-telejornalismo-regional-rede-record>>. Acesso em: 23 out. 2019.

PALÁCIOS, Marcos; RIBAS, Beatriz. **Manual de laboratório de jornalismo na Internet**. Salvador: EDUFBA, 2007. 91 p.

RAMONET, Ignacio. **A Tirania da Comunicação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 141 p.

RECORD TV. **Saiba mais sobre o programa Domingo Espetacular**. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/saiba-mais-sobre-o-programa-domingo-espetacular-13092018>>. Acesso em: 15 out. 2019.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria crítica da sociedade: Adorno e a Escola de Frankfurt**. Porto Alegre: Edipucrs, 1999. 209 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=xeNL1m4UvgMC&oi=fnd&pg=PA1&dq=escola+de+frankfurt&ots=zUZ1RQJJJeo&sig=gKeaxyjGTEnt8Uqg02-r99M6BZg#v=onepage&q=escola%20de%20frankfurt&f=false>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: Hohlfeldt, A.; Martino, L. C.; França, V. V. (orgs). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Cap. 14. p. 343-364.

SILVA, Edna de Mello; ROCHA, Liana Vidigal. Telejornalismo e Ciberespaço: convergência de tecnologias e informação. In: VIZEU, Alfredo et al (Org.). **60 Anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 197-214.

TONDATO, Márcia Perencin; LOPES, Carla de Arruda. **A produção do programa sensacionalista: expectativas e estratégias**. 2017. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/66010011185539177179520179629694739256.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

VIZEU, Alfredo. A produção de sentido no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p.107-116, dez. 2011. Quadrimestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3241/2501>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

VIZEU, Alfredo et al (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. 127 p.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo et al (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 1. p. 11-28.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 40, p.77-83, dez. 2009. Quadrimestral.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética**. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2019.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: Uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996. 319 p. (Temas).

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar: Tradução de Juremir Machado da Silva**. Porto Alegre: Sulina, 2010. 96 p.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003. 232 p.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. 548 p.

manchado pela violência, pela crueldade.

POLIANA: Pra entender passo a passo do ataque que deixou 10 mortos e 11 feridos e Suzano, a equipe do Fantástico teve acesso com exclusividade às dependências da escola Raul Brasil.

TADEU: O repórter Ernesto Páglia percorreu salas e corredores que naquela manhã de quarta-feira foram tomados pelo **mais absoluto desespero**.

REPORTAGEM ERNESTO PÁGLIA

ALUNA RHYLLARY Nove e meia foi o intervalo da escola e todo mundo saiu das salas. No primeiro tiro que eu ouvi, eu virei pra trás.

Eu vi que ele tava mirando nas pessoas e tava atirando ainda. Então eu já fiquei desesperada. E quando as pessoas depois no segundo tiro se deram conta de que era um massacre, todo mundo começou a correr...

ERNESTO Quando passou correndo pelo saguão da escola e foi agarrada pelo assassino, Rhyllary não hesitou, lutou para se livrar do invasor.

ALUNA RHYLLARY Eu pensei que eu poderia correr e ter uma chance ou eu poderia levar um tiro ou uma facada e morrer. Eu tive que arriscar.

ERNESTO É a primeira vez que uma equipe de reportagem entra no saguão, aquele que nos últimos dias a gente viu várias vezes em **imagens trágicas, terríveis**. Nós estamos aqui com o Secretário de Educação de São Paulo, e

Close na apresentadora Poliana

Close no apresentador Tadeu

Imagem do hall da escola, colorida, seguida da imagem da aluna sendo entrevistada. O ângulo mostra parte do repórter, de costas, e a menina de frente.

Imagem da **câmera de segurança da Escola mostra um dos assassinos sacando a arma** e se dirigindo às pessoas do hall. A imagem congela antes do primeiro disparo. A imagem volta, já com o primeiro corpo estendido no chão. **O corpo foi borrado na imagem.**

Seguem as imagens da câmera de segurança. Dessa vez, mostrando o momento que a aluna foi surpreendida pelo assassino. A imagem mostra o rapaz batendo nela e ela reagindo até conseguir se soltar. Na imagem um corpo já está no chão, borrado.

Esse ângulo mostra apenas a aluna, já não aparece o repórter. Ela está em uma posição lateral. Intercala a imagem do depoimento dela com a **repetição das imagens da agressão na escola.**

Repórter Ernesto Páglia está no saguão da escola, ao lado do secretário da Educação.

ele foi uma das primeiras autoridades a chegar aqui no dia do acontecido. O que que o senhor encontrou aqui?

SECRETÁRIO ROSSIeli SOARES São imagens que nunca sairão da cabeça de todos nós. Os corpos de alunos, de inspetora, da nossa coordenadora, em um ambiente aqui que deveríamos ter só como símbolo a aprendizagem dos nossos jovens...

ERNESTO: Manhã da última quarta-feira. **Guilherme Tauci Monteiro de 17 anos e Luiz Henrique de Castro, 25,** deixam o estacionamento onde guardam o carro alugado três semanas atrás. De lá vão à loja de carros do tio do assassino menor de idade, Jorge Antônio de Moraes, que leva um tiro e morre logo depois no hospital.

LEANDRO FARIA (amigo de Jorge Antônio) Não conheço nenhuma inimizade que teve, né. Uma pessoa do bem.

ERNESTO: A equipe que salvou centenas de vidas, e eu não tô exagerando, é formada por esses três policiais: o sargento Camargo, o cabo PM Diniz e a cabo Ariana.

Eles chegaram aqui muito rapidamente, porque eles tinham ido atender o primeiro episódio, em que o tio de um dos assassinos tinha sido baleado. Como foi dado esse primeiro alerta?

POLICIAL Nós colhemos informação no local a respeito das características dos indivíduos, que tinham saído de lá em um carro branco. Entramos na rua da escola,

A câmera percorre o saguão da escola em imagens coloridas atuais. **Já não há marcas de sangue ou vestígios do assassinato.** Intercala com imagens do secretário sendo entrevistado.

Imagem aérea da cidade de Suzano. Quando começa a narrativa sobre o passo a passo dos assassinos, surge uma imagem estilo “maquete” (por meio do Google Earth), mostrando a região da escola de cima, em preto e branco, e identificando os lugares por onde os assassinos passaram antes de chegar à escola. Um traçado em azul vai mostrando o caminho percorrido. Quando o nome de Jorge Antônio é citado, surge uma foto sua, com o GC de nome e idade.

Imagem com foco na testemunha

Repórter Ernesto Paglia aparece no canto direito. Logo atrás, os três policiais, fardados e armados, que chegaram à escola durante o massacre.

GC: 600 alunos e 40 funcionários estavam na escola.

Imagens de câmera de segurança mostram a movimentação em torno do local onde o tio de um dos assassinos foi morto.

Imagens mostram o estacionamento onde o tio de um dos assassinos foi morto. Volta a imagem da maquete (Google Earth) mostrando o percurso

<p>e desde a avenida Mogi das Cruzes até a escola não havia nenhum carro branco parado, somente este que estava na frente da escola</p> <p>ERNESTO Nove e meia da manhã. O assassino menor de idade é o primeiro a descer. Vai tentar realizar o massacre planejado por mais de um ano. O rapaz de 17 anos saca a única arma de fogo que a dupla conseguiu, um revólver calibre 38. Se vira e descarrega nas vítimas, que não reagem.</p> <p>Aqui foram assassinados os adolescentes Douglas Celestino, Caio Oliveira, a coordenador pedagógica Marilena Umezo e, logo em seguida, a inspetora Eliana Xavier.</p> <p>ALUNO GUILHERME DOS SANTOS: Ela fazia o trabalho dela com amor. Ela ajudava, aconselhava, ela brincava.</p> <p>ERNESTO: O atirador descarta a mochila e o moletom. Segue para o interior da escola em busca de mais vítimas.</p> <p>O segundo assassino chega depois e derruba o arsenal improvisado: reproduções de armas medievais, machadinhas e flechas, possivelmente inspiradas em videogames. Covardemente, atinge algumas vítimas que estão feridas no chão. Dentro da escola, o menor de idade armado continua tentando aterrorizar as pessoas.</p> <p>LIGAÇÃO PARA A EMERGÊNCIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bombeiros emergência. - Ô, eu preciso de ajuda na Escola Raul Brasil. Tem um menino atirando em todo mundo. Pelo 	<p>dos policiais até a escola.</p> <p>Imagem da câmera de segurança da rua mostra o carro branco estacionando em frente à escola. Segue a imagem da câmera da escola que mostra o rapaz entrando no saguão, sacando a arma e apontando para as vítimas. A imagem é congelada antes do primeiro tiro.</p> <p>Imagem estilo “maquete” pinta o hall da escola em azul, e coloca em cima a foto dos alunos e funcionárias assassinados naquele local.</p> <p>Imagem com foco no aluno (peito pra cima)</p> <p>Imagens da câmera de segurança da escola mostram o atirador descartando a mochila e o moletom. Na parte que fala “interior da escola”, aparecem imagens atuais do caminho que leva ao interior da escola.</p> <p>Imagens da câmera de segurança da escola mostram o segundo assassino entrando no hall, derrubando as armas no chão. O corpo da vítima que já estava no chão aparece borrado. A imagem mostra o rapaz pegando armas para atingir vítimas que já estavam no chão, mas não mostram o ato.</p> <p>A tela mostra a ligação telefônica de uma estudante para os bombeiros. A tela está dividida em dois. Enquanto a ligação telefônica é reproduzida, a imagem transcreve o que estava sendo dito.</p>
---	---

<p>amor de Deus, tem um monte de gente sangrando.</p> <p>ERNESTO: Nesta outra parte da escola, os assassinos mataram também Cleiton Antônio Ribeiro e Caio Lucas de Costa Limeira. Colegas dizem que o Samuel Oliveira morreu salvando a vida de uma amiga.</p> <p>GERSIALDO DE OLIVEIRA: O meu viveu pra ajudar pessoas e morreu salvando pessoas.</p> <p>ERNESTO: Ainda no saguão, o segundo invasor se atrapalha. É quando uma aluna sai correndo e ele tenta agarrá-la, mas se dá mal. Ele pega a Rhyllary.</p> <p>RHYLLARY: Tava todo mundo em choque, parado. E eu sabia que alguma coisa tinha que acontecer pra mudar aquilo, porque se ele tivesse entrado com o machado, ele teria matado todo mundo.</p> <p>ERNESTO: Rhyllary se livra do agressor usando técnicas de Jiu Jitsu. Um grupo de estudantes surge correndo no saguão. O atacante tenta agarrar alguém, mas não consegue.</p> <p>Essas imagens exclusivas mostram que na correria os estudantes deixam os pratos sobre as mesas. No refeitório, a ação rápida da merendeira Silmara Moraes impede que o massacre seja maior.</p> <p>SILMARA: Nós abrimos a porta da cozinha, colocamos o maior número de crianças que a gente conseguiu colocar</p>	<p>Imagem atual da outra parte da escola. Volta a imagem de “maquete”, que aponta para o pátio da escola. Em cima da imagem, aparecem as fotos dos alunos que lá foram assassinados.</p> <p>Imagem colorida com foco no rosto do pai da vítima.</p> <p>Imagem da câmera de segurança da escola mostra o saguão, uma das vítimas no chão (borrada) e o assassino mexendo na mochila de armas. A imagem foca no assassino e na vítima que passa correndo por ele. Mostra ele a agarrando, agredindo, e ela conseguindo fugir.</p> <p>Imagem da vítima em primeiro plano, do peito pra cima, em depoimento ao repórter.</p> <p>Imagem da câmera de segurança da escola mostra a vítima se livrando do agressor e dezenas de alunos correndo pelo saguão da escola em direção à porta de saída.</p> <p>Imagens do refeitório da escola, em que aparecem pratos de comida sobre a mesa. Foca na porta da cozinha, onde está escrito “cozinha”, e a câmera entra no local, mostrando que lá é que estava a merendeira Silmara no momento do massacre.</p> <p>Imagem da vítima dando entrevista na rua, não só para a Globo, mas para outros veículos da mídia. O foco é no seu rosto, mas a imagem está cheia de</p>
---	---

<p>pra dentro e ali ficamos acolhidos até a polícia vim e tirar nós de lá.</p> <p>ERNESTO: Dezenas de alunos fogem pelo muro da escola.</p> <p>ALUNO LUCAS ALVES: Pulei aquele muro ali, aí eu escorreguei e não vi mais. Só ouvi barulho de tiro.</p> <p>ERNESTO: Os vizinhos também ligam pra polícia.</p> <p>CHAMADA EMERGÊNCIA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tá atirando ali, meu. Tá atirando. O moça, rápido, vai matar muita gente aqui. - Senhor, já tá indo pro local, senhor. <p>ERNESTO: Foram momentos de tensão. O raciocínio rápido de funcionários da escola salvou a vida de muitos alunos.</p> <p>ERNESTO: Essa é a sala da vice-diretora. A senhora ouviu algo diferente que chamou a atenção?</p> <p>LILIAN KELI DE LIMA (vice-diretora): Isso, no primeiro impacto eu pensei que era uma bomba. E aí na hora eu saí, vi a arma.</p> <p>E logo em seguida veio uma aluna que confirmou “tão atirando na escola”. Deixei ela lá, voltei, fechei a porta, peguei meu celular e me escondi aqui no banheiro.</p>	<p>outras pessoas, que também estavam na rua naquele momento. Imagem do estilo “maquete” pinta a cozinha, mostrando que é o local referido pela merendeira e mostra a mesa contra a porta, conforme depoimento dela.</p> <p>Imagens da câmera de segurança da rua mostram os alunos pulando o muro da escola.</p> <p>Imagem do aluno dando entrevista na rua, no dia do massacre, para a Globo e outros veículos.</p> <p>Imagens da câmera de segurança da rua mostram os alunos pulando o muro e fugindo.</p> <p>A tela mostra a ligação telefônica de um morador para a polícia. A tela está dividida em dois. Enquanto a ligação telefônica é reproduzida, a imagem transcreve o que estava sendo dito.</p> <p>Imagem dá zoom em uma marca de tiro em uma parede da escola e na marca de um rasgo em uma porta feito pela machadinha.</p> <p>Imagem da porta da sala da vice-diretora. O repórter a entrevista dentro da sala. A imagem mostra os dois em meio corpo.</p> <p>Durante o depoimento da vice-diretora, surgem as imagens das câmeras de segurança da escola mostrando a correria dos estudantes no saguão.</p> <p>A imagem volta a focar na vice-diretora, que encena as atitudes que tomou durante o massacre. Câmera acompanha a movimentação até chegar no banheiro onde a diretora e uma aluna se esconderam.</p>
--	--

ERNESTO: Por que essa preocupação do celular?

LILIAN: Tentei ligar pra polícia, não consegui, estava tremendo muito, eu e a aluna. Fiquei com medo da aluna gritar, mas a aluna ficou tranquila, né.

ERNESTO: Com medo de se expor, a diretora usou o celular para tirar fotos pela janela. Dá pra ver os estudantes correndo pelo pátio e um dos policiais quando chega na escola.

ERNESTO: E aqui de dentro dava pra ouvir o que tava acontecendo?

LILIAN: Dava pra ouvir. Eu escutei uns 30 tiros.

ERNESTO: A vice-diretora diz que o assassino menor de idade nunca tinha causado problemas na escola.

LILIAN: Ele entrou aqui em 2016, fez o primeiro ano tranquilamente. Em 2017 fez o segundo ano tranquilamente. Eu chamei os familiares uma vez porque ele estava chegando um pouco atrasado e é o único registro que tem no prontuário dele.

ERNESTO: Em outro ponto da escola, mais **sinais da fúria dos assassinos**.

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO: Aqui a porta se fechou com nossos alunos e a professora dentro. O personagem que veio com a machadinha tentou arrombar, quebrar a porta.

ERNESTO: E aqui a sala de aula ficou do jeito que estava, né. Aula de espanhol, como se vê pelo material da professora, os óculos dela ainda aqui.

Vice-diretora de pé em sua sala narrando as atitudes que tomou naquele momento.

Imagens das fotos tiradas pela vice-diretora mostram alunos correndo pelo pátio e um dos policiais no pátio, logo após entrar na escola.

Ernesto e vice-diretora seguem conversando dentro da sala da coordenação.

Imagem da câmera de segurança da escola mostra novamente o momento em que o primeiro assassino entrou no saguão e sacou a arma.

Imagem com foco no rosto da vice-diretora.

Câmera anda pelos corredores da escola até chegar a uma sala de aula.

Imagem se aproxima da porta de uma das salas de aula, onde é possível ver diversas marcas de tiro e de machadadas. Ao entrar na sala, **foco nos pertences dos alunos, como estojos, cadernos, livro e óculos da professora.**

Miércoles, 13 de marzo de 2019. Quarta-feira, em espanhol.

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO: E aqui nós tínhamos de 15 a 20 alunos, mais a professora, que não teriam a oportunidade de encontrar uma outra saída.

ERNESTO: Agora, o que é importante ressaltar, é que é a primeira vez que essa equipe de policiais está entrando de novo, está voltando ao colégio Raul Brasil. Por que vocês vieram pra cá e não foram pro outro lado?

POLICIAIS: Eles foram correndo e nos indicando pra onde tinham corrido, por isso nós tomamos essa direção. Aqui os sinais eram os corpos, existiam mais três corpos. Tinham vários jet loaders espalhados, aquele instrumento pra recarregar rápido o revólver

Os PMS mostram como se aproximaram do centro de línguas, no fundo da escola, onde os assassinos estavam. Naquele dia, eles usaram um escudo à prova de balas.

POLICIAIS: Nós paramos aqui, fizemos a proteção. Pedimos pros adolescentes sair. Quando saiu o último, nós ouvimos os dois tiros. Quando ouvimos os tiros, aí a gente acelerou. A gente acelerou pra chegar.

ERNESTO: Este foi o momento em que o assassino mais novo atirou no comparsa e em seguida se matou.

Repórter aponta para o quadro branco, em que está escrito a data do massacre em espanhol.

Imagem do secretário de Educação dentro da sala de aula. **A imagem volta a focar na porta com marcas de tiro e machadadas.**

Imagem mostra o repórter caminhando em direção ao pátio da escola, acompanhado dos três policiais que estiveram no local no dia do massacre. **Os policiais estão fardados e armados.**

Imagens atuais do pátio da escola, com foco no chão, onde vítimas foram encontradas mortas. **Não há sinais de sangue ou de balas e munição.**

Imagem no estilo “maquete” pinta o Centro de Línguas, local onde os policiais encontraram os assassinos mortos.

Policiais reproduzem a cena de como fizeram a aproximação ao Centro de Línguas. O repórter observa enquanto eles encenam: se abaixam, fazem de conta que estão com as armas na mão. Um dos PM faz um escudo de proteção para os outros que estão atrás. A imagem mostra a ação dos policiais até chegarem ao centro de línguas. Eles correm um atrás do outro, se protegendo, até chegarem ao local.

Imagem mostra o corredor onde os assassinos foram encontrados mortos, já sem marcas de sangue ou qualquer vestígio do massacre.

Policiais encenam o momento em que

POLICIAL: Viu que tava no solo. Eles no solo já não tinham mais o que fazer. Já não tinha mais perigo iminente. É feita uma varredura.

ERNESTO: Para os policiais, no meio de toda a tragédia, um momento em especial foi comovente.

POLICIAL: Teve uma criança que conseguiu parar e nesse momento ele pegou no meu braço, pegou no braço do sargento, e nesse momento ele agradecia intensamente pela nossa presença. E algumas delas gritavam: vocês são nossos heróis. E isso realmente marca a vida da gente. Pra gente isso aí não tem preço.

TADEU SCHMITT: Quando esse dia tão doloroso virar uma triste memória, a gente precisa se lembrar das vítimas que se foram, dos sobreviventes e dos heróis que se arriscaram para evitar mais mortes.

POLIANA ABRITTA: Foram atos de coragem e muitas vezes motivados por um sentimento nobre, o de amizade.

REPORTAGEM MARCELO CANELLAS:

CANELLAS: Diante do assassino armado, Beatriz já se preparava para o pior.

BEATRIZ FERNANDES (ALUNA): Exatamente no momento em que ele deu o segundo tiro, que eu vi que ele tava pegando uma machada, naquele momento eu achei que eu ia morrer.

chegaram ao corredor em que os assassinos estavam mortos. Os três estão em fila, simulando a proteção de um escudo.

Imagem aérea do dia do massacre mostra a população reunida do lado de fora da escola.

Imagem dos três policiais, de corpo inteiro, seguida do depoimento deles. Foco em especial no rosto de um deles, emocionado.

Imagem mostra a foto dos oito mortos na tragédia, coloridas, em formato 3x4. Duas fileiras com quatro fotos cada uma.

Imagem do apresentador em meio corpo.

A tela abre com a imagem dos dois apresentadores em frente ao telão que diz MASSACRE NA ESCOLA, em letras maiúsculas e ocupando toda a tela.

A primeira imagem é do curativo na bochecha da vítima, seguida pela marca de tiro em seu braço.

Imagem percorre o rosto da menina, com curativos, e desce até o seu braço, também com bandagens. Quando ela começa a falar, a imagem mostra ela

CANELLAS: a história dessa garota de 15 anos que sobreviveu aos 3 tiros que levou não é apenas de **coragem e heroísmo**.

É também a história de um **amor profundo entre duas amigas**.

Beatriz e Letícia estavam juntas quando ouviram os tiros na manhã de quarta-feira.

BEATRIZ: Quando eu vi todo mundo correndo na nossa direção e gritando e já chorando, eu já percebi a situação. Mas a minha amiga, ela tem problema de coração.

CANELLAS: Letícia tem uma doença cardíaca que inspira cuidados, e Beatriz sabia disso.

E aí todo mundo tava ali, muitos pulando o muro, e eu sabia que ela não ia conseguir pular o muro.

LETÍCIA: Ela tava segurando na mão, né, pra dar força pra todo mundo. Ela tava segurando a gente, conversando com a gente pra gente ter calma e ela tava conversando com a gente, né.

CANELLAS: Foi quando elas toparam com um dos assassinos.

BEATRIZ: Ele tava atirando na cabeça dos alunos, então o alvo dele também era na nossa cabeça. Foi aí que ele atirou e aí passou por mim, que tá aqui esse machucado, e passou por mim. Era pra ser na minha amiga.

sentada em sua casa, em um sofá, em meio aos pais.

Imagem foca no rosto da menina, que **mostra os curativos e onde as balas entraram e saíram**.

Imagem do repórter entrevistando a outra vítima em sua casa. Ela está sozinha sentada no sofá. A imagem mostra o repórter e a menina conversando.

Imagem foca no **curativo do braço de Beatriz e no seu rosto**. Volta a aparecer o depoimento da menina em meio a seus pais no sofá da casa.

Zoom no rosto de Letícia, que está sorrindo timidamente e olhando para baixo.

Imagens da câmera de segurança da escola mostram os alunos pulando o muro para fugir.

Imagem mostra parte do repórter e a Letícia sendo entrevistada na sala de casa, sozinha. Imagem começa a dar zoom apenas na Letícia.

Imagem foca no rosto de Beatriz e seus curativos e depois esmaece.

Imagem com zoom no rosto de Beatriz. **Quando ela fala do machucado, a câmera faz zoom na marca de bala em seu braço.**

CANELLAS: Você tava de mãos dadas com a Bia?

LETÍCIA: Tava. A gente tava toda hora de mãos dadas.

CANELLAS: Pegou no braço dela?

LETÍCIA: Foi.

CANELLAS: E depois acertou em você. Onde é que pegou o tiro?

LETÍCIA: Foi aqui e passou por dentro e saiu.

BEATRIZ: E na hora eu dei um grito: Letícia! Porque eu vi ela caindo na minha frente. E nisso que ela foi caindo eu fui pra frente dela. E dei a mão pra ela e fiquei de frente e falei: para de fazer isso, ela tem problema no coração. Para. Aí ele olhou pra mim, fez mira pra atirar na minha cabeça, mas ele errou e atirou no meu braço. Aí entrou, mas eu não senti nada hora, tanto é que eu fechei os olhos, mas eu achei que ele tinha errado. Eu continuei brigando com ele e dizendo: para de fazer isso! Você vai acertar ela, para! Aí ele me deu um outro tiro, que foi aqui na boca, mas eu não senti saindo nem entrando.

CANELLAS: Foi nesse momento que elas acharam que iam morrer.

BEATRIZ: Ele tava tirando uma machadinha que ele tinha, e quando ele olhou pra mim ele colocou a machadinha no bolso e correu pra trás. Ele desistiu e foi em direção a outros alunos e aí eu não sei o que aconteceu, porque acho que ele voltou pra secretaria.

CANELLAS: Essa desistência inexplicável não seria o fim da manhã de

Imagem de Letícia em sua casa, no sofá. Do busto pra cima.

Imagem mostra Letícia levantando parte de sua camiseta e apontando a parte das costas em que o tiro a atingiu. Nesse momento, o zoom é apenas no local apontado pela menina.

Depoimento de Beatriz em meio a seus pais, no sofá de casa. Ela aponta o curativo no braço para mostrar o local em que o assassino atirou.

Imagem passa rapidamente em zoom pelo rosto das duas meninas.

Imagem mostra Beatriz em meio aos pais contando mais uma parte da história. Ela mostra onde o assassino estava guardando a machadinha e como ele a sacou e depois desistiu.

Imagens aéreas do lado de fora da escola no dia do massacre.

terror. Elas se trancaram numa sala com outros colegas e uma professora. Beatriz sangrava muito.

BEATRIZ: Aí eu tava com uma camiseta regata e uma blusa em cima dela. Aí eu tirei essa camisa e amarrei aqui pra estancar o sangue, porque tava sangrando demais.

CANELLAS: O outro assassino forçava a porta por fora.

BEATRIZ: Eu segurei a porta e pedia ajuda pro pessoal. Eu comecei a falar: gente ajuda a segurar essa porta, mas eles tavam em choque, então a gente só ficou segurando.

CANELLAS: A gente quem?

BEATRIZ: Eu, essa professora e mais um aluno.

CANELLAS: Foi quando a polícia chegou e os assassinos se mataram. O impulso imediato foi correr para fora da escola e procurar uma ambulância.

BEATRIZ: Eu falei, me ajuda. Eu to toda machucada. E falei ajuda ela, apontando pra ela.

CANELLAS: O tiro acertou sua bochecha em dois lugares, sem quebrar um dente sequer. E o que entrou em Letícia pela lombar atravessou seu corpo de um lado a outro sem atingir a coluna nem órgãos vitais.

Sempre de mãos dadas, até o final.

LETÍCIA: Ah, a gente vê, né, o valor da amizade, né. Porque eu e a Bia a gente tem uma história muito grande.

CANELLAS: Ela disse que não ia largar da sua mão.

Imagem foca no curativo do braço de Beatriz.

Depoimento de Beatriz em meio aos pais, na sala de casa.

Imagem estilo “maquete” mostra a escola vista de cima.

Depoimento de Beatriz em meio aos pais, na sala de casa.

Imagem de câmera de segurança da rua mostra a viatura da polícia chegando à escola. Imagens aéreas do lado de fora da escola no dia do massacre.

Imagem vai dando zoom no rosto de Beatriz.

Imagem foca nos curativos de Beatriz, no rosto e no braço, e de Letícia, na lombar.

Zoom no rosto de Letícia, com sorriso.

Zoom no rosto de Letícia, que sorri emocionada ao lembrar das mãos dadas com Bia.

LETÍCIA: Não ia mesmo. Tivesse que morrer, ia morrer junta. Eu e a Bia a gente é assim mesmo.

CANELLAS: As duas se recuperam em casa, lembrando dos colegas que morreram, da supervisora e da coordenadora, Marilena Umezo, por quem Letícia e Beatriz tinham carinho especial.

BEATRIZ: Ela falava que a educação ia ajudar a gente bastante se a gente se concentrasse nisso. E sempre falava que a violência não era o melhor jeito de resolver nada.

CANELLAS: O filho mais velho de Marilena se despediu da mãe lembrando a forma como ela enxergava a vida.

FILHO: Nós ficaremos com o sorriso da minha mãe e vamos usar esse sorriso pra fazer o bem pro próximo, ao plantar essa semente, ao fazer germinar o trigo na nossa sociedade.

CANELLAS: Marilena Umezo acreditava que um embrião da cultura da paz iria brotar na escola pública, igual a essa onde ela trabalhava enfrentava um cotidiano de desamparo e violência oferecendo a alternativa da educação. Para convencer os alunos, mostrava o seu exemplo pessoal. Queria para os outros, o que conseguiu pra si.

CANELLAS: De família pobre e muito simples, sempre apostou no caminho do conhecimento para alargar o futuro dos filhos.

MICHAEL UMEZU: Era uma pessoa sem o ensino fundamental completo, e conseguiu ter três filhos formados, três engenheiros formados com pós-graduação.

Rapidamente a câmera foca no rosto das duas meninas. Seguem fotos de arquivo das outras vítimas citadas.

Zoom no rosto de Beatriz.

Imagem do rapaz na igreja, falando no púlpito sobre a mãe, em uma missa.

Imagem do rapaz na igreja, com a transcrição do que ele está falando

Imagem do repórter em stand up, em frente ao muro da escola, onde aparece o nome da escola no estilo grafite. Na frente do muro, muitas flores. A imagem começa aberta e depois vai focando no repórter.

Imagens de arquivo com fotos da coordenadora Marilena.

Entrevista com o filho mostra pedaço do repórter de costas e o filho de frente. Ao citar os outros filhos, imagens deles também aparecem.

Foto de arquivo mostra Marilena e amigos.

<p>CANELLAS: Depois de formar todo mundo, achou que era vez dela.</p> <p>MICHAEL: Aí que ela começou a estudar. Foi fazer o supletivo, terminou o ensino fundamental, o ensino médio e aí entrou na faculdade.</p> <p>CANELLAS: Se formou em filosofia com quase 50 anos de idade e foi dar aula em uma escola pública, sem jamais se conformar com falta de recursos.</p> <p>LAURO UMEZU (marido): Ela via muita coisa errada, mas era do tipo que sempre gostava de lutar pra consertar aquilo.</p> <p>CANELLAS: Como coordenadora, foi teimosa até o fim.</p> <p>NATALI COSTA (professora): Ela morreu exercendo a profissão dela, lutando. Ela sempre acreditou mesmo na educação como a única forma de emancipação e combate de desigualdade social, tanto é que a Lena sempre falava que o armamento não era a solução, eram os livros.</p> <p>CANELLAS: Vinícius acha que a memória da mãe continuará sendo uma resposta ao ódio e à violência.</p> <p>VINÍCIUS: Esses meninos que fizeram isso na verdade eles tiveram sorte, porque eles vão chegar no céu junto com a minha mãe. Minha mãe vai sentar do lado deles lá no céu e vai tentar falar pra eles uma coisa boa. Porque pra ela todo mundo tinha jeito, todo mundo. Então eles vão sentar com ela e ela vai dar conselhos e ela vai conseguir fazer eles mudarem. Isso eu tenho certeza.</p> <p>CANELLAS: Aos poucos, a cidade de Suzano mescla lutos, recomeços e reencontros.</p>	<p>Imagem da entrevista do filho, seguida de imagens de arquivo, com fotos de Marilena, amigos e familiares.</p> <p>Zoom em uma foto de arquivo, em que Marilena está com outras duas mulheres.</p> <p>Imagem da entrevista com o marido de Marilena, em primeiro plano.</p> <p>Imagens dos amigos e familiares de Marilena aplaudindo do lado de fora da igreja.</p> <p>Imagem da entrevista da professora, do lado de fora da igreja. Está ao lado de um homem, que não é entrevistado. Na sequência, aparecem dois bilhetes escritos à mão com os dizer: “O céu está em festa” e “Armas nunca foram a solução. Menos agressão”, ambos afixados no muro da escola.</p> <p>Imagem do filho de Marilena em entrevista. Quando ele se emociona, há zoom no seu rosto.</p> <p>Imagens do lado de fora da escola. Do muro e das centenas de flores e mensagens em frente a ele. Câmera filma de perto alguns dos cartazes que</p>
--	--

<p>Como o das duas amigas que não se viam desde a manhã terrível de quarta-feira passada.</p> <p>CANELLAS: E você falou com ela depois disso ou não?</p> <p>LETÍCIA: Eu não falei com ela, porque não consegui falar pelo celular, mas as minhas amigas lá de Suzano foram lá na casa dela, visitaram e me deram notícias ela.</p> <p>BEATRIZ: Oi! Oi, meu amor. Como você tá, você tá bem</p> <p>LETÍCIA: Tô bem.</p> <p>BEATRIZ: Que bom que você tá bem. Você não sabe como eu tô aliviada em saber que você tá bem.</p> <p>CANELLAS: Eu acho que agora não se desgrudam nunca mais.</p> <p>POLIANA: Quatro feridos nesse massacre em Suzano continuam internados. Vamos saber agora sobre o estado de saúde deles com a repórter Elaine Bast. Oi Elaine, o que você tem de informação pra gente?</p> <p>ELAINE BAST: Olá, Poliana, dois pacientes estão internados aqui no hospital das clínicas de São Paulo e outros dois no Hospital das Clínicas de Mogi da Cruzes. Segundos os médicos, o quadro de saúde deles é estável.</p> <p>A escola Raul Brasil está passando por uma reforma e ganhou pintura nova pra que professores e alunos possam voltar</p>	<p>estavam em frente ao local, como: "Nossa família é uma só. Perdemos nossos irmãos e morremos hoje." Imagem mostra ainda pessoas depositando flores no local.</p> <p>Imagem de Beatriz chegando à casa de Letícia para o reencontro.</p> <p>Imagem da entrevista de Letícia, sozinha no sofá de casa.</p> <p>Imagem mostra Beatriz entrando na sala da casa de Letícia de surpresa para o reencontro. Letícia permanece sentada, enquanto Beatriz se aproxima emocionada e a abraça. A imagem mostra a duas se abraçando e chorando. Logo após, o zoom vai para as mãos das duas, que estão se segurando.</p> <p>Imagem mostra as duas de mãos dadas rindo com o comentário do repórter.</p> <p>Imagem da apresentadora, do busto pra cima. A câmera logo abre e mostra no telão a apresentadora em frente ao telão, onde a repórter Elaine Bast, que fará uma entrada ao vivo.</p> <p>Imagem da repórter Elaine Bast em frente ao Hospital de Clínicas de São Paulo.</p> <p>Imagens do portão da escola cheio de mensagens e da escola sendo pintada internamente.</p>
--	---

para um espaço diferente, um espaço novo pra recomeçar.

Aliás, amanhã a escola vai ser reaberta pra funcionários e professores e, na terça-feira, pra alunos, pra que eles possam participar de atividades com acompanhamento de terapeutas e psicólogos. Essas atividades vão ser livres, a presença não é obrigatória. A data de retorno às aulas ainda não foi definida, a diretoria da escola deve decidir isso ainda essa semana. Tadeu, Poliana.

Volta a imagem da repórter em frente ao Hospital de Clínicas de São Paulo.

APÊNDICE B - DECUPAGEM DAS REPORTAGENS DO DOMINGO ESPETACULAR SOBRE A TRAGÉDIA DE SUZANO, NO PROGRAMA DO DIA 17 DE MARÇO DE 2019

<p>OFF Suzano na grande São Paulo, quarta-feira, 13 de março.</p>	<p>Imagem aérea da cidade de Suzano, com foco na escola Professor Raul Brasil.</p>
<p>O último dia de vida de oito inocentes.</p>	<p>Imagem do muro da escola e das centenas de flores em frente. Imagens dos familiares se abraçando e chorando após a tragédia.</p>
<p>Samuel Silva de Oliveira, 16 anos, queria ser ilustrador.</p> <p>PAI DE SAMUEL Esse mundo não merecia o Samuel</p>	<p>Fotos de arquivo de Samuel</p> <p>Zoom no rosto do pai de Samuel, emocionado</p>
<p>OFF Douglas Celestino, também 16 anos, morreu ao tentar proteger a melhor amiga.</p>	<p>Fotos de arquivo de Douglas</p>
<p>OFF Caio Oliveira, 15 anos, estudava italiano e jogava basquete.</p>	<p>Fotos de arquivo de Caio</p>
<p>RHYLLARY BARBOSA: Queria jogar basquete, mais e mais, porque ele falava que amava basquete.</p>	<p>Depoimento de Rhyllary sobre o amigo</p>
<p>OFF O Xará, Kaio Lucas, também tinha 15 anos e adorava todos os esportes</p>	<p>Fotos de arquivo de Kaio</p>
<p>RHYLLARY BARBOSA Ele, com ele fazia piada bastante assim, eu ria muito com ele.</p>	<p>Depoimento de Rhyllary sobre o amigo</p>
<p>OFF Cleiton Antônio Ribeiro, 17 anos, era o estudioso da turma.</p>	<p>Foto de arquivo de Cleiton</p>
<p>PAI DE CLEITON Ele pensava assim em ser um médico.</p>	<p>Depoimento do pai sobre o filho</p>
<p>OFF Marilena Umezu, 59 anos, coordenadora pedagógica.</p>	<p>Fotos de arquivo de Marilena e Eliana, em tela dividida</p>
<p>Eliana Xavier, 38, inspetora. Duas vidas dedicadas à educação.</p>	<p>Depoimento da professora, sem GC,</p>

<p>PROFESSORA Tava fazendo pedagogia porque acreditava na educação.</p> <p>OFF Jorge Antônio de Moraes, 51 anos, dono de uma loja de automóveis, era tio de um dos atiradores.</p> <p>Histórias e sonhos interrompidos.</p> <p>VOZ NO FUNDO Raul Brasil! PESSOAS Pra sempre presente!</p> <p>OFF No muro da escola Raul Brasil, lágrimas, flores, e a incômoda pergunta: por que uma tragédia como essa acontece num ambiente escolar?</p> <p>AFFONSO MONACO (Suzano - SP) Os crimes aconteceram por volta de 9:30 da manhã. Dois rapazes armados e mascarados chegaram de carro. Eles estacionaram o veículo bem ali, naquele portão. E logo em seguida entraram.</p> <p>A câmera de segurança de uma casa em frente à escola registrou a chegada do carro branco. Um carro alugado dois dias antes pelos atiradores. Os rapazes parecem não ter pressa. O primeiro entra na escola. O portão está aberto.</p> <p>É Guilherme Tauci Monteiro, um dos atiradores.</p> <p>Em frente à secretaria da escola, sem dizer nada, ele puxa a arma e atira. Dois adolescentes caem feridos e ele segue atirando. Marilena, a coordenadora pedagógica, caí no corredor. Guilherme segue para dentro, recarrega o revólver, e atira. É possível ouvir o pânico de alunos e funcionários.</p>	<p>falando sobre a colega</p> <p>Foto de arquivo de Jorge</p> <p>Imagem mostra as fotos dos oito mortos no massacre em uma montagem, lado a lado, no tamanho “3x4”</p> <p>Imagem de homenagem feita em frente à escola, em que a câmera percorre o rosto das pessoas emocionadas, segurando rosas, em “meio corpo”</p> <p>Imagem do muro da escola com flores em frente, seguido de imagens em zoom de crianças chorando, escuradas no muro, e de familiares chorando e se abraçando</p> <p>Imagem do repórter em frente à escola fazendo um stand up</p> <p>Imagens das câmeras de segurança, mostram os assassinos chegando de carro à escola</p> <p>Foto de arquivo do adolescente Guilherme, um dos assassinos</p> <p>Imagens das câmeras de segurança da escola mostram o adolescente entrando no saguão, largando a mochila e sacando a arma. A imagem é congelada antes dele disparar. A imagem volta já com o corpo da coordenadora pedagógica no chão, mas borrado. Imagens caseiras de celular mostram a sequência do crime. Apesar das imagens estarem borradas, é possível</p>
--	---

<p>TESTEMUNHA (aluna) Ele descarregava a arma, atirava, descarregava, engatilhava e atirava. Foi horrível, foi horrível.</p> <p>TESTEMUNHA (aluno) O cara veio de frente a frente começou a dar tiro. E nisso que descarregou as bala dele a gente foi a hora de nós correr.</p> <p>AFFONSO MONACO Vários adolescentes são atingidos. Eliana, a inspetora, é baleada e cai de bruços.</p> <p>TESTEMUNHA Eu tava paralisada e tipo, eu tava fazendo fila pra comer. E aí na hora eu só ouvi o disparo. E na hora quando eu saí eu vi ela caída no chão, realmente. Ela era legal, conversava com a gente, dava conselho pra gente quanto mais a gente precisava. Ela chegava, conversava, tudo isso. Cheguei eu achava que ia ser um dia normal pra mim, tudo isso, mas por fim, acontece isso.</p> <p>AFFONSO MONACO Muitos jovens pulam o muro para escapar. Outra câmera da vizinhança mostra a correria.</p> <p>TESTEMUNHA (aluno) Eu vi um muleque ele tava recarregando a arma dele porque tinha disparado todos os tiros eu acho.</p>	<p>ver corpos no chão e manchas de sangue. Além disso, a reportagem mantém o som ambiente, com os gritos dos alunos e funcionários, e barulho dos disparos.</p> <p>Imagem de depoimento de adolescente, nervosa e chorando em frente à escola, logo após o massacre</p> <p>Imagem dá zoom na boca do adolescente que está dando a entrevista</p> <p>Som dos adolescentes gritando em meio à tragédia. A imagem mostra vários adolescentes correndo pelo saguão e o corpo da inspetora de bruços no chão. Apesar de borrada, é possível ver claramente os corpos e o sangue.</p> <p>Imagem mostra o repórter de frente entrevistando uma testemunha, que não tem a imagem ou o nome revelado. A entrevista é feita em frente a alguns cartazes que estão afixados em frente à escola. O enquadramento da câmera faz com que as únicas palavras legíveis nos cartazes sejam sangue e amigos. Enquanto a testemunha fala da inspetora, uma foto de arquivo dela aparece.</p> <p>Imagens das câmeras de segurança da rua e da vizinhança mostram alunos pulando o muro da escola e correndo para fugir.</p> <p>Imagem da testemunha dando entrevista no dia do massacre, em meio a outras pessoas, na frente da escola. Após a fala dele, surgem mais imagens de câmeras de celular que mostram a correria dos estudantes em meio ao massacre, assim como o barulho dos gritos. As imagens são borradas.</p>
---	--

AFFONSO MONACO Paulo é dono desse estacionamento na rua da escola. Os primeiros alunos que fugiram se abrigaram aqui.

PAULO ONGARELLI Começou criança a correr pra no espaço onde nós estávamos. A grande maioria entrou no escritório, algumas pessoas correram pra trás dos carros. Foi quando eu comecei a princípio querer entender. Porque do jeito que eles estavam correndo, o olhar de desespero, o pânico deles, eu achei que a pessoa que estava atirando, estavam atrás deles.

O pouco de gritaria que ouve de cada criança, uns falando com o pai, outros se jogando, que eu entendi que houve morte dentro da escola, era dentro da escola que tava acontecendo.

AFFONSO MONACO Luiz Henrique de Castro,

o outro atirador entra na escola com um arco e flecha e uma besta.

Um instrumento medieval que tem um gatilho e também atira flechas.

Carrega ainda uma mochila e uma pequena bolsa. Assim que vê as pessoas caídas ele tira da bolsa uma machadinha e atinge várias vezes a cabeça de uma das vítimas. Atitude tão violenta que não vamos mostrar.

Imagens do dono do estacionamento conversando com o repórter e imagens do local onde os estudantes se esconderam

Imagem da entrevista da testemunha, do peito pra cima, dentro do seu estacionamento.

Imagens das câmeras de segurança da rua mostram os jovens pulando o muro e correndo.

Imagem de uma foto 3x4 de Luiz Henrique, o outro **assassino**

Imagem da câmera de segurança da escola mostra Luiz Henrique entrando no saguão da escola, onde a coordenadora pedagógica já estava morta no chão. Seu corpo foi borrado nas imagens.

Imagem mostra uma foto, provavelmente tirada pela polícia, em que aparece **a besta utilizada no crime atirada no chão da escola, em meio a marcas de sangue, e um projétil a seu lado.** Ele está circulado de giz branco, marcação que deve ter sido feita pela perícia.

Imagem da câmera de segurança da escola mostra novamente o assassino entrando no saguão. **A imagem mostra ele sacando a machadinha para desferir golpes em uma pessoa que já está morta no chão.** A imagem paralisa antes de ele começar essa agressão.

Em seguida Luiz Henrique se agacha e procura algo na calça. Uma adolescente foge. Ele tenta impedir. Bate na garota que consegue se desvencilhar, abrir a porta e sair. Logo outros jovens aparecem. Todos correm. Com a machadinha na mão, Luiz Henrique tenta agarrar um rapaz pelo capuz. Não consegue, mas no meio da confusão, acaba atingindo o ombro de José Vítor.

SANDRA REGINA RAMOS (mãe de José Vítor) O menino pegou ele, a blusa, e, é, deu uma machadada. E onde ficou, cravou a machada. Não conseguiu. Ficou preso. Só que ele tentou puxar e não conseguiu.

MARCO ANTÔNIO LEMOS (pai de José Vítor) É um negócio que ninguém tava esperando, né. Seu filho sai pra vim à escola, você tem a sensação que tá tudo seguro.

AFFONSO MONACO Com a machadinha presa no ombro, José Vítor correu da escola até o hospital. São cerca de trezentos metros. Ele foi a primeira vítima a ser socorrida.

JOSÉ VÍTOR Já imaginei que teria que ir pro hospital na hora. E eu vim correndo, que eu já conhecia o hospital aqui do lado. Identificaram, já me deram anestesia, já viram como que era, tiraram raio-x, e a gente foi pra cirurgia. E graças a Deus tá tudo bem.

AFFONSO MONACO O ombro de José Vítor está em recuperação. Ele teve alta na manhã de sábado.

SANDRA REGINA RAMOS (mãe de José Vítor) E eu falo pra ele que ele

Imagem da câmera de segurança da escola mostra o assassino pegando algo em sua calça e depois atacando a estudante que tenta fugir. A imagem ainda mostra o corpo da coordenadora no chão, borrado. Mostra também o assassino dando uma machadada em outro aluno, que sai correndo com o machado cravado em seu ombro.

Entrevista com a mãe em frente ao hospital.

Entrevista com o pai em frente ao hospital.

Uma câmera percorre o caminho feito pelo jovem com o machado preso em seu ombro. A imagem é acelerada, para rapidamente mostrar o percurso feito.

Imagem do jovem na cama do hospital. O enquadramento é do peito pra cima, mostrando o **curativo branco em seu ombro**, onde foi dada a machadada. Durante seu depoimento, surgem novamente as imagens da câmera de segurança mostrando o **momento em que o assassino o atinge no saguão da escola.**

A imagem percorre o corpo de José Vítor na cama do hospital, mostrando sua barriga e principalmente o ombro atingido.

Depoimento da mãe da vítima e frente ao hospital.

<p>nasceu duas vezes no mesmo mês e no mesmo hospital.</p> <p>JOSÉ VÍTOR Os primeiros a gente achava que era bombinha.</p> <p>AFFONSO MONACO José Vítor completou 18 anos no início do mês.</p> <p>JOSÉ VÍTOR Depois a gente viu que as pessoas começaram a cair no chão.</p> <p>SANDRA REGINA RAMOS (mãe de José Vítor) É muito complicado, muito difícil. É, ele digerir isso, ele fala "mãe, eles não viveram a vida."</p> <p>AFFONSO MONACO Rhyllary também vai levar tempo para esquecer o que aconteceu na escola. No vídeo é ela quem recebe socos e chutes de Luiz Henrique.</p> <p>RHYLLARY BARBOSA (aluna) Todo mundo ficou em choque, todo mundo ficou morrendo de medo, então ninguém teve a atitude, a iniciativa, de correr comigo. Então eu fui sozinha. Eu pulei o murinho de novo e sai correndo. Nessa que eu sai correndo eu vi que tinha uma pessoa abaixada. Eu não sabia se era um aluno ou se era um corpo que tava caído no meio de tantos corpos ali. Mas mesmo assim eu continuei correndo. Aí quando eu subi os degraus, que eu trombei com ele, eu vi que ele era uma assassino. Que ele também tava ali pra matar.</p> <p>E ele me agarrou pelo braço e foi na hora que eu falei: "por que que você tá fazendo isso? Para com isso. Por que que você tá fazendo isso?" Só que ele não respondia. Ele só tinha uma feição muito raivosa, de muito ódio.</p>	<p>Imagem da vítima sendo entrevistada na cama do hospital.</p> <p>Imagem da vítima sendo entrevistada na cama do hospital.</p> <p>Imagem da vítima sendo entrevistada na cama do hospital.</p> <p>Depoimento da mãe da vítima e frente ao hospital.</p> <p>A imagem começa aberta, mas vai dando zoom no rosto da adolescente, com foco em seus olhos. Quando o repórter cita as imagens, aparece na tela a imagem da câmera de segurança da escola, quando Rhyllary é agredida.</p> <p>Imagem da adolescente sendo entrevistada em casa. Imagem estática, sem zoom, em meio corpo.</p> <p>Surgem as imagens da câmera de segurança da escola, mostrando novamente a agressão do assassino a Rhyllary. O corpo da coordenadora segue no chão, borrado na imagem.</p>
---	---

<p>AFFONSO MONACO Os três anos de aula de jiu jitsu ajudaram Rhyllary a se manter em pé. Ela conta que o professor sempre mandou ter o calcanhar firme no chão.</p> <p>RHYLLARY BARBOSA (aluna) E manter os pés afastados do oponente. Toda vez que ele tentava vir pra cima eu afastava os dois pés. E a gente tem que chacoalhar o oponente pra que ele não fique tão firme e não tenha mais força e agilidade.</p> <p>E foi isso que eu fiz. Deu muito medo, na hora que ele me pegou eu falei "pronto, morri." Só que se eu tivesse vulnerável eu teria morrido. E se eu tivesse morrido, outras pessoas iriam morrer.</p> <p>AFFONSO MONACO Quando os atiradores entraram no colégio, já tinham feito uma primeira vítima.</p> <p>Antes de atacar na escola, Guilherme passou por essa loja de automóveis.</p> <p>A loja é do tio dele.</p> <p>Ele entrou, chegou aqui, o tio estava aqui, no escritório. Ele chegou sem dizer nada. "Jorginho, Jorginho," bum, bum, três tiros em cima do, do tio dele.</p> <p>Paulo, amigo de Jorge Antônio de Moraes, foi testemunha. Os dois tinham tomado café da manhã juntos numa padaria. Estavam conversando no escritório da loja quando tudo aconteceu.</p> <p>PAULO XAVIER Disparou três tiros nele à queima roupa. Do jeito que ele matou</p>	<p>Foto de arquivo mostra Rhyllary com roupa de jiu-jitsu em frente a um quadro verde de uma sala de aula. Segue uma imagem em close do seu rosto, com enquadramento nos olhos, nariz e boca. Música emotiva.</p> <p>A imagem abre, mostrando a aluna em meio corpo, durante entrevista em sua casa.</p> <p>Novamente surge a imagem da câmera de segurança da escola, que mostra a aluna sendo agredida pelo assassino.</p> <p>Imagem de uma foto de arquivo de Jorge, tio de um dos assassinos.</p> <p>Repórter faz um stand up dentro do estacionamento onde o tio do assassino foi morto.</p> <p>Surge uma foto de arquivo do assassino, menor de idade.</p> <p>Repórter vai mostrando o caminho até a sala do estacionamento onde Jorge foi assassinado. Encena com a mão o movimento de "apertar o gatilho", enquanto faz o som "bum, bum, bum", para reproduzir os três disparos do assassino em seu tio.</p> <p>Repórter conversa com o amigo da vítima no seu estabelecimento. Na sequência, aparecem as imagens das câmeras de segurança de uma padaria onde os dois estavam no dia do assassinato.</p> <p>Amigo da vítima em entrevista em frente ao estacionamento, em dois ângulos</p>
---	---

oito lá eu podia ser o nono, décimo, não sei. Podia ser mais uma das vítimas dele, né. Não deu tempo de fazer nada, só chamar o socorro.

AFFONSO MONACO Um dos disparos atingiu o celular de Jorge que morreu no hospital seis horas depois. Ele era casado e deixou três filhos.

RODRIGO CARDI (amigo de Jorginho) 51 anos de idade, o cara ainda era novo, é, tava tudo dando certo, a empresa, a loja tava fluindo, os filhos bem estruturados, estudado.

AFFONSO MONACO Depois de atirar em Jorge, Guilherme encontrou Luiz Henrique no carro. Eles seguiram para a escola. A polícia investiga se eles tiveram ajuda no planejamento do ataque.

Um adolescente de 17 anos, também ex-aluno da escola, prestou depoimento na sexta-feira e foi liberado em seguida. Por causa do Estatuto da Criança e do Adolescente, o processo está em segredo de justiça. Também por causa do Estatuto, ele não será identificado.

Dois dias antes de falar à polícia, o rapaz deu entrevista à Record TV. Na ocasião era tido apenas como amigo dos atiradores.

O rapaz falou sobre as intenções de Guilherme.

diferentes.

Imagem do celular da vítima estilhaçado, com o buraco de bala na tela. Segue uma foto de arquivo da vítima.

Entrevista com mais um amigo da vítima, dentro do estacionamento onde houver o crime.

Imagens da câmera de segurança da rua mostra os assassinos chegando à escola em um carro branco. Imagens da câmera de segurança da escola mostrar o adolescente entrando na escola e efetuando os primeiros disparos. A imagem é cortada antes dos tiros e na sequência já vem a cena dos alunos correndo pelo saguão em direção à saída da escola.

Imagem das mãos de um adolescente mexendo em um celular. Depois o foco vai para seu peito e pescoço, e a imagem foca na sua mão coçando a barba. Logo na sequência a imagem mostra apenas seus olhos, mas borrados e sem definição. Por fim, volta a mostrar as mãos do adolescente mexendo no celular.

Imagem da entrevista do adolescente, que não é identificado. Ele está sentado de frente para o repórter, no terraço de algum prédio. É possível ver o céu azul no fundo e a luz de um dos holofotes levados pela televisão. A imagem do adolescente é preservada, mostrando apenas o contorno do seu corpo. O rosto está totalmente borrado.

Surge a **imagem de arquivo, lado a lado, dos dois assassinos**. Na sequência,

<p>AMIGO DOS ATIRADORES Tudo que ele fez lá, ele já tava planejando fazer. Acho que só a chegada da polícia que ele planejava um pouco mais de atraso. Porque, pelo tanto de munição que ele levou, eu acho que ele queria era matar mais pessoas. Pelo menos fazer 50 mortos.</p> <p>AFFONSO MONACO Guilherme e Luiz Henrique se mataram no momento em que a polícia chegou.</p> <p>Você vai ver mais detalhes sobre o desfecho do massacre daqui a pouco na entrevista exclusiva do primeiro policial a entrar na escola.</p> <p>A prefeitura de Suzano organizou um velório coletivo no ginásio da cidade. Muitos foram prestar as últimas homenagens.</p> <p>Samuel, o ilustrador, levou com ele o desenho que um amigo fez pra ele.</p> <p>GERCIALDO DE OLIVEIRA (pai de Samuel) Ele falou assim: “olha, eu e o Samuel a gente desenhava juntos”, mas eu creio que um desenhava aqui e o outro desenhava lá, mas eles sempre tavam se comunicando. Ele falou: “e a gente desenhava o mesmo personagem”. E era esse personagem. E</p>	<p>aparece uma imagem do atirador adolescente usando uma máscara de caveira e empunhando um revólver, numa foto estilo selfie.</p> <p>Entrevista com o adolescente não identificado. A voz dele é modificada, parecendo com a de uma máquina. Para ficar claro, há o uso de legendas.</p> <p>Novamente surge a imagem de arquivo dos dois assassinos, lado a lado.</p> <p>Imagem da câmera de segurança da escola mostra o assassino adolescente chegando e se preparando para o primeiro disparo. Corta e surge a imagem dos adolescentes correndo pelo saguão. Corta e surge a imagem da câmera de segurança da rua mostrando os alunos saindo da escola. Surge a imagem do policial que vai aparecer na entrevista mais tarde.</p> <p>Imagem aérea da prefeitura de Suzano, seguindo imagens do velório coletivo que ocorreu no local. As imagens mostram seis caixões na prefeitura e uma multidão de amigos e familiares no local, deixando flores, se abraçando, em torno dos caixões.</p> <p>Imagem de arquivo de Samuel.</p> <p>Pai de Samuel mostra o desenho de um mesmo personagem que era desenhado pelo seu filho e pelo amigo que o homenageou. A câmera filma o pai mostrando o desenho e se emocionando ao contar que levantou o véu do filho para que o amigo colocasse</p>
--	--

na hora que eu vi eu lembrei desse desenho que ele fez. E eu falei “claro que pode”. Eu tirei o véu do corpo do meu filho e falei “você coloca nele”, aí ele pôs lá na lapela e o desenho foi com o Samuel.

AFFONSO MONACO A última ilustração de Samuel é esta, um “pandacórnio”, mistura de panda com unicórnio, feita para alegrar uma amiga que estava triste.

GERCIALDO DE OLIVEIRA (pai de Samuel) Ele não era diferente, ele era especial. Esse mundo não merecia o Samuel.

AFFONSO MONACO Diante de jovens e pais fragilizados, como entender o que aconteceu e evitar novas tragédias?

Para este especialista em educação, a explicação é complexa e não se resume só ao ambiente escolar, mas quase sempre está relacionada a três fatores:

famílias desestruturadas, bullying na escola e isolamento social.

LEANDRO BEGUOCI (historiador) Se o aluno tá sofrendo bullying, se o aluno tá tem um comportamento, se isola do restante dos colegas, são dois sinais de que você tem que agir sobre aquele aluno. Isto é prevenção. Você não pode tratar aquele aluno esquisitão como aluno esquisitão, que cê deixa lá no canto e torce pra ele não fazer nada. Quando a gente abandona os nossos alunos, o que a gente tá falando pra ele? Você não é importante, o que acontecer com você não me importa. Essa é então a medida número um. Não posso abandonar aluno. Medida número dois: aproximar com as famílias. Se você perguntar para todos os professores que

o desenho junto a seu peito.

Imagem de arquivo mostra uma foto de Samuel e do pai. Na sequência, a câmera filma o último desenho feito por Samuel, a lápis, e segue com mais uma foto de arquivo sua.

Imagem com zoom no rosto emocionado do pai de Samuel.

As imagens mostram os pais e amigos das vítimas em frente à escola, no dia da tragédia, se abraçando, chorando.

Logo após, a imagem de uma flor branca em cima do muro da escola.

Imagem da entrevista do especialista, em algum escritório e imagens borradas de adolescentes sentados no chão de uma escola qualquer.

Infográfico mostrando o que está sendo falado

Imagem da entrevista do especialista, em algum escritório e imagens borradas de alguma escola genérica, apenas para mostrar adolescentes em um pátio, interagindo.

you know, what is the biggest complaint that they have. Parents only come here to complain, parents only come here to fight with me. If you ask parents about their relationship with teachers, what will they say? The teacher only calls me to talk about my son, only calls me to create a problem.

AFFONSO MONACO Leandro believes that parents and educators need to be attentive to all types of violence that can reach the school.

LEANDRO BEGUOCI (historiador) The school today is a place of attack because it is also the easiest place to attack. It is the place where all frustrations turn into a pressure panel.

AFFONSO MONACO Massacres like the one in Suzano are rare, an exception, but the general data on violence in schools are scary.

Every 15 hours, a weapon or dangerous object is found in the state network of São Paulo.

The reportage from portal R7 had access to a report from the Secretary of Education.

Between 2014 and 2017 there were 2,351 records of finding weapons or dangerous objects in 5,300 schools in the state. In 2015 there were 505 cases. In 2017, 693 cases. A 37% increase. Silmara de Moraes, 49 years old, completed 10 years as a school cafeteria worker at Raul Brasil school.

SILMARA DE MORAES (merendeira) For 10 years of learning and conquest. Because I conquered many friends, I conquered many friends, I conquered many children, because people see the students as our children.

Aerial images of the school and of the gates, mixed with the images of the interviewee's testimony.

Images of a school anywhere and of young people in a classroom, all blurred, to illustrate a school environment. Ends this part with the image of the security camera of Raul Brasil School showing the running of students after the massacre.

image of the security camera of Raul Brasil School showing the running of students after the massacre.

Infographic shows the data that is being said by the reporter off.

Images of a school anywhere and of young people in a classroom, all blurred, to illustrate a school environment.

Infographic shows the data that is being said by the reporter off.

Image shows first the hands of the witness, then focusing on her face. In the sequence, shows the wall of Raul Brasil school, taken by flowers of homage. Image of the interviewee sitting on a sofa, probably in her home.

AFFONSO MONACO Durante o ataque, bem na hora da merenda, a tia Sil, como é conhecida na escola, protegeu mais de 50 crianças.

SILMARA DE MORAES (merendeira)

De lá, daonde nós estamos dá pra ver a escada daonde eles desceram e dali deu pra ver o clarão. E ali quando eles começou esse movimento, a Lizete rapidamente fechou a portinha e eu abri a porta, eu abri a porta e comecei a gritar pros alunos correr pra dentro.

Correr o mais rápido possível, mas aí eles gritando. E eles foram entrando.

Conforme eles foram entrando eles vinham, né, correndo, e eu gritando corre rápido, corre rápido e eles entraram pra dentro e ali a Sandra, que é a outra cozinheira, foi acolhendo, e ele falei pra eles “gente, abaixa, abaixa”

e ali a gente trancou a porta e eu fiquei muito desesperada que a gente via eles andando, né, do outro lado.

E ali por último chegou uma menininha e colocou a mão assim por debaixo da porta que a gente tinha: “tia, pelo amor de Deus, tia pelo amor de Deus!” Aí foi aonde eu consegui abrir e colocar ele pra dentro também. Foi a última menina que entrou.

E ali eles ficaram tudo perto de mim. Aí eu tive a ideia, né, de derrubar a mesa e colocar como escudo e pedi pra um aluno desconectar o freezer, que é um freezer de chão, ele puxar ele da tomada, ele tem rodinha, e aí nós puxamos e

Fotos que devem ter sido tiradas pela polícia mostram os projéteis de revólver no chão da escola, circulados em giz branco. Na sequência, fotos do refeitório da escola após o massacre, com pratos de comida no chão.

Imagem da entrevista da merendeira em sua casa, do peito pra cima.

Imagens do refeitório da escola, em que aparecem os pratos no chão e outros cheios de comida ainda em cima das mesas.

Imagem da entrevista da merendeira em sua casa, do peito pra cima.

Imagem das câmeras de segurança da escola mostram o assassino caminhando pelo saguão da escola. Na imagem a coordenadora pedagógica já está morta no chão, mas seu corpo aparece borrado.

Imagem da entrevista da merendeira em sua casa, do peito pra cima.

Imagens do refeitório da escola, em que aparecem os pratos no chão e outros cheios de comida ainda em cima das mesas, e imagem da entrevista da merendeira em sua casa, do peito pra cima.

fizemos uma proteção ali, uma proteção, e deitamos ali.

REPÓRTER Ficaram todos deitados no chão.

SILMARA DE MORAES (merendeira) Todos deitados e pedia pra eles ficar bem quietinhos.

AFFONSO MONACO Ela fez tudo por instinto e só desabou mesmo ao chegar em casa e olhar para os filhos. A mais nova estudou lá no Raul Brasil.

SILMARA DE MORAES (merendeira) Desespero. Se eu depois que eu cheguei aqui na minha casa, que eu vi eles, vi ela, vi o meu esposo, que eu abracei a minha família. E eu falei “meu Deus, eu não sei o que seria de mim se a Agatha tivesse lá.” Eu sei que eu não ficaria dentro daquela cozinha, eu sairia atrás dela.

AFFONSO MONACO Agatha terminou o ensino médio no ano passado. Conhecia vários adolescentes atingidos e, também, um dos atiradores.

AGATHA DE MORAES (filha de Silmara) Bom, um alívio, um alívio por não estar e tristeza por pessoas que eu conheci, pessoas que estavam comigo a ter falecido, foram atingidas e é até meio difícil de falar.

AFFONSO MONACO Orgulhosa com a força de Silmara, Agatha define a mãe como uma heroína.

AGATHA DE MORAES (filha de Silmara) Uma mulher que batalha para ver o bem de todos, é uma heroína mesmo, uma heroína de todos os dias.

Imagem das câmeras de segurança da rua mostrar os alunos saindo da escola correndo, seguido de uma imagem da merendeira e dos filhos na mesa da cozinha de casa. A filha mais nova está abraçando

Imagem da entrevista da merendeira em sua casa, do peito pra cima.

Imagem de Agatha em entrevista em casa, em meio corpo, e imagem da câmera de segurança do saguão da escola, mostrando a correria dos alunos e o assassino dando a machadada em um deles

Imagem de Agatha em entrevista em casa, em meio corpo, chorando ao final dessa fala.

Imagem da merendeira e da filha Agatha abraçadas na cozinha de casa.

Imagem de Agatha em entrevista em casa, em meio corpo.

AFFONSO MONACO Bem, a heroína agora tem uma missão muito especial:

ajudar a virar esta triste página da história da Escola Estadual Raul Brasil.

SILMARA DE MORAES (merendeira)

Eu acho que ficou um marco, né, na nossa vida, a gente sempre vai lembrar, sempre vamos lembrar, mas a gente vai lembrar com saudade dos nossos amigos que se foram, que foi pessoas muito boa.

[NO ESTÚDIO DO PROGRAMA]

PAULO HENRIQUE AMORIM (apresentador) Olá, tudo bem? Boa noite, Silmara.

Ainda sobre a chacina em Suzano, o que leva dois jovens a cometer um crime dessa gravidade? Será que os traços de personalidade já indicavam algo errado?

THALITA OLIVEIRA (apresentadora)

Em busca de resposta nossos repórteres conversaram com especialistas e também com os pais dos atiradores, Guilherme e Luiz Henrique.

[REPORTAGEM DE RAUL DIAS FILHO]

RAUL DIAS FILHO (narração)

Familiares dos atiradores buscam respostas.

FAMILIAR Eu dei tudo pra ele.

Imagem da merendeira em entrevista em casa.

Zoom em mãos dadas segurando uma flor branca em frente à escola e zoom na flor branca e no muro da escola cheio de flores brancas.

Imagem da entrevista da merendeira em casa. Imagem do muro da escola sendo pintado pelas mãos de um aluno que escreve o nome "Samuel" em tinta verde. **Seguem imagens de meninas de mãos dadas (zoom) segurando flores brancas.** Novamente imagem do muro da escola tomado por flores brancas. Encerra com a imagem de duas **mulheres se abraçando e chorando em frente à escola.**

Abertura do programa no estúdio. Tela aberta em que aparecem os dois apresentadores de corpo inteiro, sentados em um banco moderno. Ao fundo, um telão com o nome do programa Domingo Espetacular.

No telão ao fundo surge a imagem dos dois assassinos, uma ao lado da outra. A câmera aberta vai enquadrando apenas os apresentadores e o telão.

Imagem do pai de um dos assassinos. A imagem filma ele de costas, sentado em uma cadeira no pátio de casa. Na sequência a imagem abre e mostra o repórter e o entrevistado sentados nessas cadeiras.

Enquanto o entrevistado fala "eu dei

<p>REPÓRTER (narração) E os pais se sentem perdidos.</p> <p>FAMILIAR Nada aceita, o coração tá bem pesado mesmo.</p> <p>RAUL DIAS FILHO (narração) Sem saber como reagir.</p> <p>FAMILIAR Infelizmente eu não tenho outra palavra pra falar que foi uma monstruosidade.</p> <p>RAUL DIAS FILHO Seu filho era um monstro?</p> <p>RAUL DIAS FILHO (narração) Guilherme Tauci Monteiro, 17 anos. Luiz Henrique de Castro, 25.</p> <p>Os autores do massacre na escola Raul Brasil.</p> <p>Ex-alunos, que após o crime, se mataram no cenário da tragédia.</p> <p>Segundo testemunhas e os laudos da perícia,</p> <p>Guilherme atirou na cabeça do amigo e depois se matou.</p>	<p>tudo pra ele”, chorando. A câmera foca na expressão do repórter, que olha para baixo, com cara triste, e junta as mãos em gesto de oração.</p> <p>Foco nas mãos inquietas de uma pessoa.</p> <p>O pai de outro assassino dá entrevista a uma outra repórter. Os dois estão sentados de frente para câmera. A repórter segura com as duas mãos a mão do entrevistado.</p> <p>Foco nas mãos inquietas de uma pessoa.</p> <p>Depoimento do pai de um dos assassinos. O foco é no repórter. O entrevistado está de costas e aparece apenas parte de sua cabeça e orelha.</p> <p>Foco no rosto do repórter fazendo essa pergunta. A trilha alta é de “suspense”.</p> <p>Foto de arquivo do adolescente Guilherme e GC com seu nome e idade, seguida da foto 3x4 de Luiz Henrique e GC com seu nome e idade.</p> <p>Imagem da câmera de segurança da escola mostra os momentos em que cada um dos assassinos entrou na escola. Os corpos que aparecem no chão estão borrados.</p> <p>Imagem aérea da escola.</p> <p>Imagem da polícia trabalhando do lado de fora da escola, colhendo provas no carro dos assassinos.</p> <p>Foto de um dos adolescentes morto no chão. A imagem mostra o corpo inteiro, mas da cintura para cima está borrada. Ao redor do corpo há inúmeras manchas de sangue, que não são apagadas. A imagem ainda mostra um pedaço da cabeça do outro assassino</p>
---	--

<p>A repórter Helayne Cortez conversou com o pai e o tio de Luiz Henrique.</p> <p>HELAYNE CORTEZ Nas imagens do circuito de segurança, Luiz Henrique é o segundo jovem que aparece, logo depois de Guilherme, considerado o mentor do crime.</p> <p>O homem de quase 70 anos ficou chocado com a atitude do filho.</p> <p>MIGUEL CASTRO (pai de Luiz Henrique) A gente também tá sentindo que aconteceu, porque o meu filho não era um assassino, não era um bandido, não era, porque eu mesmo estranhei meu filho lá. Nos vídeos que eu vi, não era o meu filho, que ele não era assim.</p> <p>Ele era muito educado. Trabalhava comigo, trabalhador, não tinha maldade com ninguém.</p> <p>HELAYNE CORTEZ Luiz Henrique economizava uma boa quantia do salário e na maior parte do tempo era um rapaz muito reservado.</p> <p>MIGUEL CASTRO (pai de Luiz Henrique) Só que era um menino quieto, quieto, [ininteligível] quieto. E a mentalidade dele era de uma criança. Qualquer um enrolasse ele. Que o que falava ele aceitava.</p> <p>HELAYNE CORTEZ O jovem tímido morava na mesma rua de Guilherme, um amigo inseparável, confirma o tio de Luiz Henrique.</p> <p>TIO DE LUIZ HENRIQUE Quando eu vinha aqui muitas vezes ele estava aí no portão, ele tava com os amigos dele na</p>	<p>morto, borrada.</p> <p>Imagem da repórter conversando com os dois entrevistados em suas casas.</p> <p>Imagem da câmera de segurança da escola mostrando Luiz Henrique entrando no saguão. O corpo da coordenadora, já morta, está borrado.</p> <p>Imagem enfoca a repórter e o pai de um dos assassinos, que chora e é “amparado” pela repórter, que passa a mão em suas costas.</p> <p>Imagem mostra a repórter entrevistando o pai de um dos assassinos, que depõe chorando, enquanto ela segura a sua mão com as duas mãos.</p> <p>Foto de arquivo de Luiz Henrique, sentado em um banco de praça com a vestimenta de obra laranja, como trabalhava com o pai.</p> <p>Foto de arquivo de Luiz Henrique de pé, corpo inteiro, fazendo sinal de “ok”.</p> <p>Imagem mostra a repórter entrevistando o pai de um dos assassinos, que depõe chorando, enquanto ela segura a sua mão com as duas mãos.</p> <p>Foto de arquivo de Luiz Henrique, em pé ao lado de um carro. Seguindo de uma foto selfie de Guilherme.</p> <p>Imagem mostra a repórter entrevistando o tio de Luiz Henrique na cozinha de uma casa.</p>
--	--

calçada conversando. Eles ficavam tudo ali conversando, brincando, sem maldade, sem cochichar também que a gente nunca via.

HELAYNE CORTEZ O passatempo preferido de Luiz Henrique, segundo a família, eram os jogos de videogame.

MIGUEL CASTRO (pai de Luiz Henrique) Jogava, jogava, na lan house, em casa não. Na lan house ele saía todo dia pra jogar. Foi aonde que eu, numa fase que eu brigava com meu filho. Brigava assim, ficava até onze horas, meia noite jogando, outro dia como é que tava pra trabalhar?

HELAYNE CORTEZ Chamava a atenção.

MIGUEL CASTRO (pai de Luiz Henrique) Chamava a atenção. Então isso é a briga que eu tinha com ele.

HELAYNE CORTEZ Na manhã da quarta-feira, dia do atentado, Luiz Henrique acordou às cinco da manhã e seguiu com o pai até a estação de trem. Como de costume, juntos, a caminho do trabalho. O jovem reclamou de dores.

MIGUEL CASTRO (pai de Luiz Henrique) E foi comigo até a estação de Suzano, depois ele voltou. Ele falou que não tava passando bem. Falei “então cê volta em casa, cê toma o medicamento que a mãe vai te dar”, aí ele “tá bom, pai.” Aí eu do meu serviço eu fiquei preocupado. Liguei pra minha casa, liguei pra cá, falei pra minha mulher “o Luiz está aí?” “não, Luiz não veio.” “ué, mas o Luiz foi embora daqui, da estação.”

HELAYNE CORTEZ (narração) Foi a última vez que ele atendeu o celular.

Zoom de uma mão mexendo em um teclado. Imagem escura de pessoas mexendo em computadores e **cenas violentas de jogos de videogame.**

Repórter entrevista o pai de Luiz Henrique, que, nessa cena, já não está chorando, mas a repórter segue segurando a sua mão.

Foto 3x4 de Luiz Henrique e foto dele com roupa de obra laranja em um pátio.

Entrevista do pai de Luiz Henrique. A repórter segue segurando a sua mão.

Foto de arquivo de Luiz Henrique em pé ao lado de um carro.

<p>HELAYNE CORTEZ Ele não deixou nenhum sinal de despedida, nada?</p>	<p>Enfoque na repórter e no entrevistado de frente. Ela segurando a mão dele.</p>
<p>MIGUEL CASTRO (pai de Luiz Henrique) Nada, nada, nada.</p>	<p>Enfoque na repórter e no entrevistado de frente. Ela segurando a mão dele.</p>
<p>HELAYNE CORTEZ Seu Miguel e a esposa, que não teve condições de gravar entrevista, estão a base de calmantes. O senhor conseguiu dormir?</p>	<p>Enfoque na repórter e no entrevistado de frente. Ela segurando a mão dele.</p>
<p>MIGUEL CASTRO (pai de Luiz Henrique) Não, não consigo, só cochilo, mas dormir...</p>	<p>Enfoque na repórter e no entrevistado de frente. Ela segurando a mão dele.</p>
<p>RAUL DIAS FILHO Segundo as funcionárias da lan house que os dois assassinos frequentavam, os jogos preferidos deles eram de futebol</p>	<p>Imagem da entrevistada com o rosto borrado. Seguem imagens dos computadores da lan house.</p>
<p>e jogos online de combate. A personalidade calada da dupla mudava radicalmente lá dentro.</p>	<p>Cena de um jogo de videogame em que o foco é uma metralhadora “em primeira pessoa”. As imagens do jogo mostram a metralhadora matando pessoas. A reportagem mantém o alto som da arma.</p>
<p>FUNCIONÁRIA 1 (lan house) Eles não eram muito chegados a conversar, não conversavam de nada, mas jogando videogame eles eram muito bravos e xingavam o tempo inteiro.</p>	<p>Funcionária em entrevista dentro da lan house, com o rosto borrado.</p>
<p>FUNCIONÁRIA 2 (lan house) Qualquer coisa que acontecia tinha um palavrão ali no meio.</p>	<p>Funcionária em entrevista dentro da lan house, com o rosto borrado.</p>
<p>RAUL DIAS FILHO Guilherme, de 17 anos,</p>	<p>Foto do adolescente empunhando uma arma e vestido com uma máscara de caveira, no estilo selfie.</p>
<p>é o primeiro que aparece disparando contra alunos e funcionários nas imagens do circuito.</p>	<p>Imagem da câmera de segurança da escola mostra o adolescente chegando no saguão e efetuando o primeiro disparo.</p>
<p>Conversamos com exclusividade com o pai do Guilherme, que prefere não se identificar por motivos de segurança. Ele</p>	<p>Repórter entrevistado o pai de Guilherme. O foco é no rosto do repórter, que aparece de frente. O</p>

<p>conta que ficou sabendo do atentado ao receber o vídeo pelo celular.</p> <p>PAI DE GUILHERME Eu vi o vídeo das crianças mortas lá, até xinguei, covardia e tal.</p> <p>RAUL DIAS FILHO O pai de Guilherme ficou surpreso e assustado quando foi informado de que o filho era um dos assassinos.</p> <p>PAI DE GUILHERME Aí meu mundo caiu mesmo assim que</p> <p>eu vi a foto dele assim, normal, né, a foto que até aparece bastante.</p> <p>Que foi onde eu desabei junto.</p> <p>RAUL DIAS FILHO Ele confirma que não era presente na vida do filho. Os pais de Guilherme se separaram logo depois que o menino nasceu e ainda bebê foi entregue aos avós. A última vez que você falou com ele foi, faz quanto tempo?</p> <p>PAI DE GUILHERME Faz, é, foi quando a vó dele morreu, uns quatro meses atrás.</p> <p>RAUL DIAS FILHO O repórter André Tao encontrou a mãe do Guilherme, também em Suzano. Ela é usuária de drogas e não quis gravar entrevista.</p> <p>MÃE DE GUILHERME Falar o que, meu Deus, nem se eu disser todas as coisas do mundo vai confortar ninguém, meu Deus, que é muito triste.</p>	<p>entrevistado está de costas, e é possível ver apenas pedaço da sua cabeça e orelha.</p> <p>O entrevistado está de costas, e é possível ver apenas pedaço da sua cabeça e orelha.</p> <p>Repórter entrevistado o pai de Guilherme. O foco é no rosto do repórter, que aparece de frente. O entrevistado está de costas, e é possível ver apenas pedaço da sua cabeça e orelha.</p> <p>Foto de arquivo de Guilherme.</p> <p>Repórter entrevistado o pai de Guilherme. O foco é no rosto do repórter, que aparece de frente. O entrevistado está de costas, e é possível ver apenas pedaço da sua cabeça e orelha.</p> <p>Apesar da mãe ter se recusado a gravar entrevista, a imagem mostra frontalmente o repórter caminhando ao lado dela em direção a sua casa. O rosto dela está borrado, mas a imagem mostra todo o corpo, visivelmente afetado pelo uso de drogas.</p> <p>Imagem em zoom na mão da mãe na porta, tentando fechá-la para não dar entrevista. Suas unhas com esmalte rosa descascado. A imagem abre e mostra a porta entreaberta, com o repórter em pé do lado de dentro de braços cruzado e o microfone apoiado</p>
---	---

<p>RAUL DIAS FILHO Desde bebê, Guilherme foi criado longe dos pais, sempre sob a guarda dos avós.</p> <p>O avô confirma que o atirador não era de muita conversa. Ele também prefere não mostrar o rosto.</p> <p>O temperamento dele, ele era calado, conversava bastante?</p> <p>AVÔ DE GUILHERME Ele era calado, fechadão do jeito dele, né.</p> <p>RAUL DIAS FILHO Guilherme tinha largado os estudos na escola Raul Brasil.</p> <p>AVÔ DE GUILHERME Ele tinha parado há uns dois atrás, que ele sofria bullying na escola, né. E ele ia voltar esse ano pra fazer o supletivo.</p> <p>RAUL DIAS FILHO Com essa história do bullying ele veio a falar com o senhor que ia parar os estudos?</p> <p>AVÔ DE GUILHERME Veio, veio.</p> <p>RAUL DIAS FILHO O que que eles falavam pra ele, os colegas?</p> <p>AVÔ DE GUILHERME Num sei, porque ele não contava.</p> <p>RAUL DIAS FILHO Não falava.</p> <p>AVÔ DE GUILHERME Não falava.</p> <p>RAUL DIAS FILHO Ele também não trabalhava, mas mensagens de celular obtidas junto a uma tia de Guilherme mostram que ele estava buscando um emprego. No caso, uma vaga de atendente em uma empresa perto de</p>	<p>em um dos braços. A imagem corta e faz um zoom na cara da entrevistada, borrada, mas visivelmente chorando.</p> <p>Imagem de arquivo mostra Guilherme bebê, tomando banho. Também outras fotos suas de criança, em que seu rosto não está borrado, apenas o das outras pessoas nas fotos.</p> <p>Imagem do repórter e do entrevistado sentados em cadeiras no pátio da casa do entrevistado.</p> <p>Foco no rosto do repórter. O entrevistado está de costas.</p> <p>Foco no rosto do repórter. O entrevistado está de costas.</p> <p>Foto de arquivo de Guilherme, em selfie.</p> <p>Foco no rosto do repórter. O entrevistado está de costas.</p> <p>Foco no rosto do repórter. O entrevistado está de costas.</p> <p>Foco no rosto do repórter. O entrevistado está de costas.</p> <p>Foco no rosto do repórter. O entrevistado está de costas.</p> <p>Imagem de print screens da tela do celular de Guilherme mostrando conversas que ele teve em busca de emprego. A trilha sonora parece de adrenalina.</p>
---	--

casa. Guilherme responde com uma pergunta: será que aceitam menor? E adiante se mostra interessado na vaga: “é atendente do que exatamente?” O avô confirma a história.

AVÔ DE GUILHERME De completar 18 anos que ele ia fazer agora em julho e ia trabalhar e me ajudar a criar as irmãs.

RAUL DIAS FILHO Ele falava isso?

AVÔ DE GUILHERME Falava.

RAUL DIAS FILHO No dia do atentado o avô foi pego de surpresa ao receber policiais em casa com uma foto de um dos atiradores.

AVÔ DE GUILHERME E ele abriu lá o celular mostrou a foto dele, aí já entrei em desespero.

Aí ó, dei soco no muro e tudo.

RAUL DIAS FILHO O senhor tá com a mão machucada, de soco no muro?

AVÔ DE GUILHERME É.

RAUL DIAS FILHO Mas isso é de dor, de revolta, tudo misturado?

AVÔ DE GUILHERME De revolta, porque eu dei tudo pra ele. Comprei computador, comprei celular, comprei tudo o que eu podia pra ele.

RAUL DIAS FILHO O avô permitiu que a nossa equipe entrasse no quarto de Guilherme.

Esse é o quarto onde o Guilherme dormia. Aqui tem um pequeno sofá onde ele assistia televisão, que fica bem aqui em frente. Ele dormia nesse beliche aqui, na parte de cima. Carregador do celular,

Foco no rosto do repórter. O entrevistado está de costas.

Imagem do repórter e do entrevistado sentados em cadeiras no pátio da casa do entrevistado.

Foco no rosto do repórter. O entrevistado está de costas.

Zoom na mão do avô de Guilherme, machucada.

Foco no rosto do repórter. O entrevistado está de costas. Quando o entrevistado começa a chorar, o repórter olha para baixo, mexe nas mãos como em movimento de “oração”.

Imagem do repórter e do entrevistado sentados em cadeiras no pátio da casa do entrevistado.

Nessa passagem, o repórter está dentro do quarto de Guilherme e vai mostrando os móveis para a câmera. Ele pega a camiseta que está em cima do beliche e a estica para a câmera, apontando que

provavelmente ficava aqui. Aqui ainda tem roupas pessoais dele, blusa. Essa camiseta é a camiseta que ele vestia quando foi, foi alugar o carro que foi usado durante o ataque. E aqui alguns objetos pessoais. Olha, esse aqui são certificados de cursos que ele fez. É um certificado, Guilherme Tauci Monteiro, de um curso de Marketing Pessoal. Esse outro também um certificado de um curso de computação que ele guardava aqui no quarto.

E do lado de cá é o computador onde ele passava a maior parte do tempo.

No computador Guilherme acessava as redes sociais onde foram encontradas dezenas de fotos dele fazendo gestos obscenos, empunhando um revólver 38 que foi usado no massacre e vestindo uma máscara de caveira.

Muitos desses e de outros itens usados durante o ataque foram comprados pela Internet.

O jovem de 17 anos detido esta semana, suspeito de também ter planejado o ataque, confirmou que os três tinham gostos parecidos.

SUSPEITO A gente gostava bastante de videogame, ele sempre gostou bastante de armas. Basicamente isso.

RAUL DIAS FILHO A ideia de Guilherme, segundo esse amigo, era repetir o que foi feito na escola

foi a camiseta usada no dia em que o adolescente alugou o carro usado no dia do assassinato. Pega em cima da mesa certificados de estudo do adolescente e mostra para a câmera.

Imagens do computador de Guilherme, em dois ângulos.

Imagem de uma selfie e Guilherme usando máscara de caveira e fazendo um gesto obsceno para a câmera. Esse gesto na imagem está borrado. A foto seguinte mostra o adolescente apontando um revólver para a câmera. A última foto é uma selfie do adolescente empunhando a arma e usando a máscara e caveira.

Imagem mostra objetos pessoais do adolescente dentro de sacos plásticos.

Imagens dos carros da polícia em frente à uma delegacia. Imagem do fórum da cidade de Suzano.

Imagem da entrevista de um adolescente, que não é identificado. Ele está sentado de frente para o repórter, no terraço de algum prédio. É possível ver o céu azul no fundo e a luz de um dos holofotes levados pela televisão. A imagem do adolescente é preservada, mostrando apenas o contorno do seu corpo. O rosto está totalmente borrado.

Foto de arquivo de Guilherme, selfie. Seguem imagens de arquivo do massacre da escola de Columbine.

Columbine, nos Estados Unidos, há 20 anos.

SUSPEITO Ele comentava. A gente... ele gostava bastante de um caso nos Estados Unidos, da escola Columbine. Que dois adolescentes entraram lá e fizeram exatamente a mesma coisa. Ele ficava falando: ah, se eu entrar naquela escola eu vou fazer isso, isso e isso, não sei o que. E fez, né. Só que eu não imaginava que ele ia fazer de verdade. Pra mim ele só tava comentando.

RAUL DIAS FILHO Essa foto mostra itens apreendidos pela polícia na casa desse terceiro adolescente. São anotações em código, um coturno preto, pen drives e um cordão com uma suástica, símbolo do nazismo.

As investigações apontam que o atentado estava sendo planejado há um ano e meio.

Apesar de ser oito anos mais novo do que Luiz Henrique, Guilherme era o líder.

Segundo esse especialista isso fica claro pelas imagens do circuito.

ANTÔNIO DE PÁDUA SERAFIM (neuropsicólogo) Você vê um jovem que entra primeiro. Nitidamente um comportamento muito organizado, muito focado. Ele vai lá e faz os disparos. Muito bem planejado. O segundo atirador ele entra e já mostra uma aceleração motora, uma falta de organização, ele não tem um planejamento claro, né.

É nitidamente isso que ele chega com uma série de estímulos ali, de instrumentos que ele poderia tá usando. Para a felicidade dos sobreviventes, esse indivíduo ele não teria essa

Imagem da entrevista de um adolescente, que não é identificado. Ele está sentado de frente para o repórter, no terraço de algum prédio. É possível ver o céu azul no fundo e a luz de um dos holofotes levados pela televisão. A imagem do adolescente é preservada, mostrando apenas o contorno do seu corpo. O rosto está totalmente borrado.

Foto de uma mesa com pertences de Guilherme recolhidos pela perícia na casa do adolescente que depôs logo antes.

Imagens da câmera de segurança da escola mostram o adolescente entrando na escola e desferindo primeiro tiro.

Uma foto do rosto de Guilherme e Luiz Henrique são colocadas lado a lado, editadas em um programa para parecer que estavam na mesma foto.

Imagem do repórter entrevistando o especialista em um escritório.

Imagens da câmera de segurança em que Guilherme entra no saguão da escola e desfere o primeiro tiro. A imagem congela e já aparece a do segundo atirador entrando no saguão da escola para continuar o massacre. o corpo da coordenadora pedagógica está no chão e borrado.

Imagem do repórter entrevistando o especialista em um escritório.

<p>condição mais, mais equilibrada, porque aí o estrago seria maior, né.</p> <p>RAUL DIAS FILHO Para este outro psicólogo,</p> <p>o perfil familiar de Guilherme teve um papel primordial no atentado.</p> <p>CRISTIANO NABUCO (psicólogo) São pessoas que naturalmente já vem se sentindo muito desprotegidas, muito desamparadas. E elas utilizam nessas condições uma tentativa de “dar o troco”, não é? Obviamente que a maioria das pessoas que foi alvejada, que foi morta ali, não tinha nada a ver com a situação, mas não importa. Do ponto de vista emocional é como se essas pessoas tentassem punir alguém pela dor que elas vem sentindo ao longo da vida.</p> <p>RAUL DIAS FILHO O ambiente dos games, segundo o especialista, ajuda a criar uma sensação de realidade paralela, que possibilita deixar os problemas da vida real de lado.</p> <p>CRISTIANO NABUCO (psicólogo) Chega um ponto que o indivíduo fala assim pra ele mesmo: por que que eu vou sair dos jogos se lá eu sou alguém, se na vida real eu não tenho ninguém. Eu tenho espinha, minha mãe não gosta de mim, minha família é toda desestruturada, eu sofro bullying na escola. Ele vai parar de jogar? Não, ninguém pararia.</p> <p>RAUL DIAS FILHO Mas não existe apenas um fator determinante.</p> <p>CRISTIANO NABUCO (psicólogo) Muita gente tá dizendo assim: bom,</p>	<p>Imagem do repórter entrevistando o especialista em um escritório.</p> <p>Surge uma foto de Guilherme, selfie, em que ele simula com a mão estar atirando contra a própria cabeça com uma arma.</p> <p>Imagem das câmeras de segurança da escola mostram estudantes correndo pelo saguão em direção à saída da escola. Logo após, imagem do entrevistado falando em um escritório.</p> <p>Zoom nas mãos de um adolescente jogando videogame., seguido de imagens de um jogo de videogame em que aparece violência: soldados atiram contra várias pessoas com uma metralhadora em meio a uma guerra.</p> <p>Volta a imagem do especialista na entrevista.</p> <p>Imagens de um jogo de videogame em que aparecem metralhadoras “em primeira pessoa” atirando contra pessoas. O som das metralhadoras é mantido na reportagem.</p> <p>Imagem de uma montagem com o rosto dos dois assassinos, uma edição feita</p>
---	--

então esses jovens possivelmente jogavam muito videogame, então por conta disso nós tivemos este desfecho.

Mas não é bem assim. Já existem muitas pesquisas mostrando que não se pode afirmar claramente que jogar mais videogame vai te deixar mais violento.

ANTÔNIO DE PÁDUA SERAFIM (neuropsicólogo) Ah, então um filme violento, um jogo violento, ele vai provocar isso nas pessoas? Em algumas pessoas, não em todas as pessoas. Vai depender dessas configurações de identidade, de juízo de valor, de desejo, de vontade, de como ele entende o outro, de como ele entende a própria vida dele e de como ele entende o ambiente em relação ele.

RAUL DIAS FILHO Um alerta que serve para os pais.

CRISTIANO NABUCO (psicólogo) Esse é o ponto. Você jogou uma hora, acabou, chega. A vida é aqui e agora, na vida real, não na vida digital.

RAUL DIAS FILHO Para as famílias dos atiradores fica a dor da perda dos filhos e dos outros estudantes e o desafio de entender por que foram capazes de tamanha crueldade.

MIGUEL CASTRO (pai de Luiz Henrique) Você perde um filho e perde umas crianças que não merecia aquilo. Isso é pior.

PAI DE GUILHERME Não tem outra palavra pra falar que foi uma monstruosidade o que fizeram com eles.

para parecer que estavam juntos.

Imagem do especialista em entrevista no seu escritório.

Imagens de jogos violentos de videogame, com o som das explosões e metralhadoras, intercaladas com o depoimento do especialista

Imagem de um jogo violento de videogame com o alto som de metralhadoras

Imagem da entrevista do profissional em meio a algumas imagens de jogos

Imagem da entrevista de familiares durante a reportagem, do rosto dos atiradores lado a lado, dos caixões das vítimas saindo de carros funerários e das câmeras de segurança da escola mostrando os atiradores dentro da escola durante o massacre

Imagem da entrevista do pai de Luiz Henrique, emocionado. A repórter segura sua mão. Durante sua fala, aparecem imagens das câmeras de segurança da escola mostrando a correria no saguão durante o massacre.

Entrevista com o pai de Guilherme, que está de costas, só podendo ser visto parte de sua cabeça e orelha. O foco é no rosto do repórter e na pergunta que

<p>RAUL DIAS FILHO Seu filho era um monstro?</p> <p>PAI DE GUILHERME Não digo que era um monstro, mas foi uma monstruosidade isso daí, uma coisa que tipo, não poderia ter acontecido, né.</p> <p>[CORTE SECO PARA O ESTÚDIO]</p> <p>JANINE BORBA (apresentadora) Antes de chamar a próxima reportagem eu quero dizer que a partir de hoje meu querido Edu Ribeiro vai fazer parte do time de apresentadores do DE. Seja muito bem-vindo.</p> <p>EDU RIBEIRO (apresentador) Obrigado, Janine. É uma honra pra mim fazer parte de uma equipe tão especial.</p> <p>E o Domingo Espetacular traz agora dois episódios do passado que vem sempre à nossa mente quando pensamos no que aconteceu em Suzano. O primeiro é o que citamos na reportagem que você acabou de ver, o de Columbine, nos Estados Unidos, onde dois jovens também se uniram pra atacar uma escola.</p> <p>JANINE BORBA (apresentadora) O segundo ataque foi aqui mesmo, no Brasil, há oito anos.</p> <p>[REPORTAGENS SOBRE AS ESCOLAS TASSO DA SILVEIRA E COLUMBINE]</p> <p>[NO ESTÚDIO]</p> <p>JANINE BORBA (apresentadora) Autoridades investigam se os dois assassinos anunciaram o crime dias antes, na Internet.</p>	<p>ele faz.</p> <p>Durante a resposta, a imagem segue com foco no repórter. BRUSCAMENTE a reportagem termina e corta para os apresentadores em estúdio.</p> <p>Apresentadora Janine alegremente cumprimenta o novo apresentador do programa, e os dois com sorrisos e ar de orgulho seguem o programa logo após o brusco corte da reportagem.</p> <p>Alegre e Sorridente.</p> <p>A câmera que estava enquadrando os apresentadores bem de perto vai abrindo e mostra o estúdio todo, incluindo o telão ao fundo dos apresentadores, onde está o nome do programa Domingo Espetacular.</p> <p>T: 49'09"</p> <p>Imagem aberta do estúdio mostra os dois apresentadores sentados em poltronas. Ao fundo, o telão com o nome do programa Domingo Espetacular. Trilha "sombria, de suspense."</p> <p>Imagem aberta do estúdio mostra os</p>
--	---

EDU RIBEIRO (apresentador) Eles fizeram várias publicações num fórum da chamada Deep Web, a parte escondida da Internet mundial. Nela, há pessoas que cometem crimes e disseminam o ódio, protegidas pelo anonimato.

[REPORTAGEM DE MICHAEL KELLER]

OFF O ambiente virtual que desafia as garras da lei. Difícil de rastrear.

Lugar onde criminosos se sentem livres para compartilhar conteúdo ilegal sobre racismo, estupros, pedofilia e assassinatos.

Foi na chamada Deep Web, rede profunda, em português, que Guilherme e Luiz Henrique teriam encontrado incentivo e até mesmo apoio logístico

para planejar o massacre dessa semana.

Numa mensagem compartilhada na Deep Web, seis dias antes do ataque, Guilherme teria escrito a um amigo virtual, identificado como DPR: “muito obrigado pelos conselhos e orientações, DPR.

O contato nos trouxe tudo dentro dos conformes. Ficamos espantados com a qualidade, dignas de filmes de Hollywood. Infelizmente não existe locais para testarmos e tudo acontecerá de forma natural, com a aprendizagem no

dois apresentadores sentados em poltronas. Ao fundo, o telão com o nome do programa Domingo Espetacular. Trilha “sombria, de suspense.”

Imagens de mãos digitando em um teclado, códigos na tela de computadores, imagem com um filtro de “interferência”, como se estivesse perdendo o sinal. Imagens de servidores de computadores.

Imagem de um homem sentado no escuro mexendo em um notebook. Na sequência, imagem em preto e branco de um homem encapuzado mexendo em um computador, sem aparecer o rosto. Imagens borradas de pessoas em ambientes escuros para ilustrar a deep web.

Fotos de Guilherme e Luiz Henrique, uma ao lado da outra. A de Guilherme é uma selfie em que empunha um revólver e está vestindo máscara de caveira, moletom preto e boné. A de Luiz Henrique aparenta ser uma 3x4.

Imagem da câmera de segurança da escola mostra o adolescente entrando para efetuar os primeiros tiros.

Imagens das câmeras de segurança mostra os alunos correndo pelos corredores em meio ao massacre. Imagem aérea mostra a confusão em frente à escola, com carros da polícia e muitas pessoas em torno.

Imagem da tela de um computador mostra a possível conversa que Guilherme teve com outra pessoa na deep web. Tela preta, fundo preto, narração sombria.

momento do ato. Fique com Deus, meu mentor.”

DPR se apresenta como um moderador de um chan, como são chamados os fóruns de disseminação de ódio e incitação a crimes que operam na Deep Web.

Acredita-se que DPR tenha apresentado a Guilherme uma pessoa que forneceu armas e até mesmo as roupas usadas pelos assassinos. Na mesma mensagem Guilherme teria prometido avisar sobre a proximidade do ataque.

Ele escreveu: “o sinal será a música no máximo 3 dias depois estaremos diante de Deus, com nossas 7 virgens.”

Os comentários dos participantes dos fóruns costumam misturar várias referências sem uma base coesa.

No dia 11, dois dias antes do massacre, Guilherme teria publicado uma nova mensagem. O sinal que ele supostamente havia prometido: “Todos os meninos com os seus tênis bonitos é melhor correr bem mais que a minha arma! Todos os meninos com os seus tênis bonitos é melhor correr bem mais do que o meu tiro!”

As frases são trechos de uma música da banda americana, Foster the People. O refrão descreve um ataque em uma escola. Na verdade, a intenção da banda foi fazer uma crítica a falta de estrutura das famílias, a dificuldade delas em criar os filhos e a violência entre os jovens. Muita gente não entendeu. O clipe oficial da música foi alterado.

Em sites populares da Internet, as imagens da banda são substituídas por cenas de um filme inspirado em um massacre real.

Imagens da tela de um computador mostra o fórum da deep web.

Imagem de Guilherme em uma foto de arquivo, de pé, vestindo preto e boné pra trás, e apontando um revólver para a câmera. Muda para outra foto dele, selfie, em que está com a máscara de caveira e empunhando o revólver.

Imagem da tela do computador mostrando o fórum de conversas entre Guilherme e outra pessoa da deep web.

Imagem de mãos digitando

Imagem das câmeras de segurança da rua mostram os adolescentes chegando à escola em um carro branco.

Imagens da tela de um computador mostra o fórum da deep web em que supostamente Guilherme teria escrito mensagens antes do massacre.

Clipe da banda Foster de People, com o som da música Pumped Up Kicks.

Cenas do filme de massacre citado na reportagem.

Quem participa do fórum, não dá o nome. É o contexto das discussões que permite supor que os atiradores de Suzano fizeram comentários antes do massacre.

MICHAEL KELLER O Ministério Público de São Paulo abriu investigação para apurar a relação entre Deep Web e os dois jovens que assassinaram dez pessoas e feriram outras onze no colégio Raul Brasil, em São Paulo. Eles fariam parte de um fórum extremista chamado Dogolachan, notícia dada em primeira mão pelo site R7.com.

Logo depois do massacre os participantes do fórum começaram a especular que os colegas virtuais tinham sido os autores.

Um deles confirmou: “Não fiquem citando, mas eram confrades daqui, sim.” Confrades é como os participantes do fórum são chamados.

Outro internauta compartilhou a última mensagem de Guilherme com a música e escreveu: “temos nossos primeiros atiradores sanctos.”

Santos grafado com a letra C, mais uma vez uma referência religiosa.

A foto de Guilherme foi divulgada ao lado da mensagem: “descobriram o perfil do herói.” E as comemorações duraram o dia todo.

Mas afinal, por que é tão difícil interceptar essas conversas e evitar os crimes anunciados?

Imagem de uma pessoa completamente coberta por roupas pretas, touca e balaclava cinza, e óculos escuros. A câmera vai fazendo zoom no rosto dessa pessoa. Imagens de mãos teclando. Encerra essa parte com segundos da imagem da câmera de segurança da escola quando um dos assassinos agride uma aluna, enquanto o corpo da coordenadora pedagógica está no chão, borrado na imagem.

Stand up do reportem em frente ao Ministério Público de São Paulo.

Imagem da página inicial do site Dogolachan. Seguem imagens dos conteúdos do site, mas esses estão borrados.

Imagem da tela de um fórum da deep web onde anônimos conversam. Imagem de pessoas em lugares escuros mexendo em computadores, digitando.

Imagem da tela de um fórum da deep web onde anônimos conversam.

Silhueta de uma igreja.

Imagem da tela de um fórum da deep web mostra a foto do assassino Guilherme e os comentários de usuários da deep web sobre o massacre.

Imagem de pessoas em lugares escuros mexendo em computadores, digitando.

Imagem lateral do especialista em seu

Este especialista em segurança digital explica.

A Deep Web é uma rede paralela à Internet pública mundial, que nós conhecemos por WWW.

RAFAEL LIBARDI (especialista em Segurança Digital) A Deep Web na verdade são todas as páginas que não estão indexadas, ou seja, que não são possíveis de acessar com buscadores como Google e outros mais.

MICHAEL KELLER Para ter acesso à Deep Web é preciso ter um programa de computador específico. Alguns dos sites só permitem a entrada de convidados e exigem senhas dependendo do nível de segurança deles. Em casos extremos, até mesmo um equipamento especial é necessário para se conectar à rede. Quem tem um conhecimento mínimo de informática até consegue se conectar aos níveis da Deep Web mais superficiais, ou seja, menos seguros. Mas mesmo neles o rastreamento das autoridades é bastante complicado. Isso por causa de uma característica do sistema, que se utiliza de um grupo de computadores em várias partes do mundo para rebater o sinal. Quem explica é o coordenador do Núcleo de Combate a Crimes Cibernéticos do Ministério Público de São Paulo.

PAULO MARCO LIMA (procurador de Justiça - SP) Eu entro na Deep Web aqui, mas o primeiro lugar que aparece é Singapura e não São Paulo. E depois aparece que está no Japão. E depois que está na China. O sinal fica oscilando.

MICHAEL KELLER Não é por acaso que essa é uma rede quase secreta. Ela foi criada nos Estados Unidos cerca de 50 anos atrás, durante a Guerra Fria. O objetivo era proteger espiões no exterior, permitir a comunicação das forças

notebook em uma sala de escritório.

Imagens de servidores de computadores e cabos de rede.

Entrevista do especialista.

Imagem de telas de computadores, servidores, cabos, enfim, salas de computadores para ilustrar o assunto

Entrevista com o profissional em um escritório. Imagens de pessoas caminhando e mexendo em celulares, tablets, teclados.

Imagens do filme Ponte dos Espiões para mostrar o contexto da Guerra Fria.

armadas e evitar que os dados se apagassem por causa de um ataque nuclear, por exemplo.

PAULO MARCO LIMA (procurador de Justiça - SP) A princípio só a Marinha americana usava isso e depois disso as universidades começaram a usar.

A evolução disso levou à criação da WWW, da web, e todo mundo migrou para uma outra rede de computadores, mais moderna, mais rápida.

MICHAEL KELLER Muita gente nem sabe que a Deep Web existe, mas ela ainda representa cerca de 90% de tudo o que é compartilhado virtualmente mundo afora e tem grande importância.

É na Deep Web que estão, por exemplo, os bancos de dados de agências espaciais e órgãos do governo. E muita gente comum se utiliza dessa rede para fins lícitos.

RAFAEL LIBARDI (especialista em Segurança Digital) Pessoas normais que querem mais privacidade nas suas comunicações, que querem investigar alguma coisa mais específica, uma falha de segurança que não pode ser pública, coisas assim. Pessoas que querem mais privacidade por conta de governos autoritários, então, que não tem liberdade de expressão, elas utilizam bastante Deep Web pra poder se expressarem e não serem penalizadas pelos governos.

MICHAEL KELLER O problema é que criminosos descobriram na Deep Web um terreno fértil e seguro.

RAFAEL LIBARDI (especialista em Segurança Digital) Dentro dessa Deep Web, desses programas, tem a Dark Web, que é onde ocorrem principalmente

Imagem da entrevista do especialista em um escritório.

Imagens de servidores, computadores, cabos...

Imagens de pessoas mexendo em computadores, montagem com telas, cabos, teclados...os dados citados pelo repórter vão aparecendo na tela.

Imagens do lançamento de um foguete, de um órgão governamental dos EUA, pessoas caminhando na rua.

Imagem da entrevista do especialista em um escritório.

Imagens escuras de pessoas mexendo em computadores, teclando.

Imagem de um homem encapuzado, com efeitos de "interferência no sinal", mexendo em um computador

Entrevista do especialista em um escritório.

os crimes, incitação a ódio, pedofilia e todas essas coisas mais complexas aí.

MICHAEL KELLER Esse rapaz de 25 anos não quer aparecer. Ele conta que conheceu a Deep Web quando tinha apenas 14 anos, por intermédio de sites de jogos eletrônicos e se assustou com o que encontrou por lá.

RAPAZ Venda de armas, [ininteligível] venda de crianças pela Internet, venda de drogas, pessoas encomendando assassinatos. Hoje em dia você consegue por exemplo marcar um sequestro de alguém por lá facilmente, questão de dois ou três dias.

MICHAEL KELLER Você era um menino ainda.

RAPAZ Exato, morava com os meus pais e tudo.

MICHAEL KELLER Os seus pais sabiam?

RAPAZ Não, nunca tiveram contato assim. Até porque eles não entendiam quase nada de computador.

MICHAEL KELLER E até hoje eles não sabem?

RAPAZ Não.

MICHAEL KELLER O rapaz conta que apesar de achar o conteúdo chocante, voltava sempre aos mesmos fóruns por causa da curiosidade de adolescente.

RAPAZ Você vê as pessoas falando, comentando sobre coisas, você quer saber o que aconteceu, quer entender, quer ver alguma coisa diferente e às vezes sente até desafiado: “será que eu consigo descobrir isso sozinho, em casa?”

Imagem do repórter entrevistando uma fonte em um quarto branco. O repórter aparece na câmera, de frente, e a fonte de costas, apenas a sua silhueta.

Imagem do repórter entrevistando uma fonte em um quarto branco. O repórter aparece na câmera, de frente, e a fonte de costas, apenas a sua silhueta. Imagens de pessoas mexendo em computadores, teclados...

Imagem do repórter entrevistando uma fonte em um quarto branco. O repórter aparece na câmera, de frente, e a fonte de costas, apenas a sua silhueta. Imagens de pessoas mexendo em computadores, teclados...

<p>MICHAEL KELLER Depois de ouvir de um paciente sobre a Deep Web, o psiquiatra Rodrigo Machado decidiu conhecer o lado oculto da rede.</p>	<p>Imagem do especialista em seu consultório, intercalando com imagens de pessoas mexendo em computadores, teclados, celulares.</p>
<p>RODRIGO MACHADO (psiquiatra) O que me deixa também extremamente preocupado é que da mesma forma como eu entrei pela curiosidade, você imagina que crianças, né, de 10, 15 anos, podem entrar facilmente nesse meio, movidos ali pela curiosidade, mas no momento em que ainda não tem os conceitos morais e éticos bem estabelecidos. Estão numa fase de desenvolvimento em que absorver conteúdos de alta violência, de facilidade quanto a informação de drogas, pode ser extremamente deletério pra elas.</p>	<p>Entrevista do especialista em seu consultório.</p>
<p>MICHAEL KELLER Rodrigo acredita que os sinais foram dados, mas ninguém conseguiu compreender o que Guilherme e Luiz Henrique passaram.</p>	<p>Imagens aéreas da movimentação da polícia e população em frente à escola Raul Brasil após o massacre. Imagem da foto de Guilherme e Luiz Henrique, uma ao lado da outra, sendo a de Guilherme aquela em que ele está com máscara de caveira e empunhando um revólver.</p>
<p>RODRIGO MACHADO (psiquiatra) A grande mensagem que fica desse crime é que essas pessoas dão sinais e muitos desses sinais, tanto em redes sociais,</p>	<p>Imagem da entrevista do especialista e seu consultório.</p>
<p>a gente viu a foto dele com arma de fogo na mão, então esses sinais a gente não pode fechar os olhos pra eles, a sociedade não pode fechar os olhos pra eles. A gente tem que saber identificar sinais precoces porque isso é</p>	<p>Imagem da foto de Guilherme e Luiz Henrique, uma ao lado da outra, sendo a de Guilherme aquela em que ele está com máscara de caveira e empunhando um revólver.</p>
<p>um paralelo muito comum em todos os massacres dos Estados Unidos existiam sinais que mostravam que esses crimes poderiam ter sido evitados antes.</p>	<p>Imagem das câmeras de segurança da rua mostram a correria dos estudantes da rua depois do massacre.</p>
<p>MICHAEL KELLER O rapaz concorda. Pra ele muita gente desses fóruns já tem problemas emocionais prévios.</p>	<p>Imagem do repórter entrevistando uma fonte em um quarto branco. O repórter</p>

RAPAZ Acho que é basicamente um meio que as pessoas pra elas conseguirem ser a parte mais ruim delas. Por exemplo, ela não consegue tratar ruim na vida real, porque ela tem trabalho, tem família, ou elas tem ou sofrem algum tipo de preconceito com raça, com classe, bullying por exemplo, e ela despeja todo o ódio dela em lugares assim, onde ela sabe que nunca vai ser encontrada.

MICHAEL KELLER O jovem acredita que o convívio diário com a violência virtual pode sim afetar a adolescentes ainda em formação e acha que só não se perdeu na vida por causa da família super estruturada.

RAPAZ Minha família sempre foi muito amorosa, cuidou bastante de mim. Eu acho que quando eu tive problemas, olha as coisas que eu tava pesquisando na Internet. Minha família sempre me tratando superbem, eu me sentia acolhido em casa, que talvez não seja o mesmo que o Guilherme sentiu.

MICHAEL KELLER Após a chacina em Suzano, internautas no fórum dos assassinos começaram a falar em novos ataques. Preocupado com a superexposição e com a imprensa, o administrador do fórum resolveu mudá-lo de endereço. Lá as ameaças continuaram, com direito a fotos de armas e munição.

O coordenador do Núcleo de Combate a Crimes Cibernéticos do Ministério Público de São Paulo afirma: “a Deep está sendo investigada e é uma questão de tempo até autoridades identificarem as pessoas envolvidas na incitação da violência.”

PAULO MARCO LIMA (procurador de Justiça - SP) Existem técnicas de se

aparece na câmera, de frente, e a fonte de costas, apenas a sua silhueta. Imagens de pessoas mexendo em computadores, teclados.

Imagens de pessoas mexendo em computadores, teclados, telas de celular.

Imagem do repórter entrevistando uma fonte em um quarto branco. O repórter aparece na câmera, de frente, e a fonte de costas, apenas a sua silhueta. Imagens de pessoas mexendo em computadores, teclados.

Imagens da tela de um computador mostram a página de um fórum da deep web em que outras pessoas revelaram querer cometer crimes em escolas e universidades.

Imagens de armas e munição, oriundas da deep web.

Imagem da entrevista do especialista em seu escritório. Imagens de computadores e servidores.

Imagem da entrevista do especialista em seu escritório. Imagens de

rastrear quando de repente a informação surge na web, alcançável. Apesar dessa ideia de que existe uma Internet intocável, não é verdade.

MICHAEL KELLER O especialista em segurança digital confirma.

RAFAEL LIBARDI (especialista em Segurança Digital) Existem já vários países, Estados Unidos, Rússia, que já monitoram ativamente a Deep Web, a Dark Web, e eles já conseguem se infiltrar nas operações, tudo mais, pra conseguir encontrar esses suspeitos.

MICHAEL KELLER Ele garante que no Brasil já existem policiais qualificados para a tarefa.

RAFAEL LIBARDI (especialista em Segurança Digital) Acredito que tem tecnologias novas que estão vindo aí que podem ajudar bastante nisso.

[NOS ESTÚDIOS]

PAULO HENRIQUE AMORIM (apresentador) Exclusivo! Você vai conhecer agora outro herói da tragédia de Suzano. Ele é um policial militar que estava de folga e foi o primeiro a chegar à escola, ainda durante o ataque.

THALITA OLIVEIRA (apresentadora) Na entrevista à repórter Thatiana Brasil, ele conta que ficou cara a cara com um dos atiradores.

[ENTREVISTA DO POLICIAL MILITAR EDUARDO ANDRADE, POR THATIANA BRASIL]

THATIANA BRASIL Eduardo Andrade recebeu a nossa equipe na casa onde

computadores e servidores.

Imagem do repórter e do especialista conversando no escritório.

Entrevista do especialista em seu escritório.

Entrevista do especialista em seu escritório.

Imagem das câmeras de segurança da escola mostram Guilherme entrando no saguão da escola e desferindo o primeiro disparo. Para finalizar a reportagem, imagem de jovens chorando em frente à escola, flores brancas e cartazes em frente à escola.

Imagem dos apresentadores no estúdio, tela aberta mostrando os telões ao fundo com o nome do programa Domingo Espetacular

Imagem do entrevistado saindo da sua casa, caminhando pelo pátio e abrindo a porta para a repórter. Imagem aérea da

<p>mora, na mesma rua do local do massacre. Ele é vizinho da escola.</p> <p>Eduardo foi a primeira pessoa a entrar na escola no dia do ataque. Ele é policial militar, estava à paisana e naquele momento acompanhou tudo. Teve um papel decisivo pra que a tragédia não fosse ainda maior. É a primeira vez que o Eduardo fala pra uma equipe de TV. Eduardo, o que que aconteceu exatamente naquele dia?</p> <p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Eu tava sentado do lado de fora da minha casa numa cadeira, olhando a rua.</p> <p>THATIANA BRASIL A poucos metros da escola.</p> <p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Poucos metros da minha casa, não dá dois minutos da porta da escola.</p> <p>É, comecei a ouvir o que parecia ser disparos de armas de fogo. Um, dois, três, no quarto eu saí, olhei na rua e falei: “o que tá acontecendo, da onde vem?” Mas o que me levou a ser preciso na minha ação foi o pessoal do prédio do lado gritando: “é dentro da escola, tiro dentro da escola!” Aí eu não tive dúvida.</p> <p>A minha arma sempre fica perto de mim, de pronto emprego. Eu peguei a arma e a única coisa que eu lembrei de pegar o distintivo e colocar, pro pessoal entender que eu era um policial entrando e não mais um participante do que houve.</p> <p>THATIANA BRASIL Eduardo está afastado do trabalho por licença médica desde janeiro.</p> <p>Esse vídeo gravado pela câmera de segurança de uma casa em frente ao colégio, mostra o policial em ação.</p>	<p>escola Raul Brasil.</p> <p>Imagem da repórter e do entrevistado sentados em uma sala, ambos de frente para a câmera.</p> <p>Imagens da movimentação policial pelas ruas no dia do massacre.</p> <p>Câmera foca apenas no entrevistado, em meio corpo.</p> <p>Imagens da câmera de segurança da escola mostram Guilherme entrando no saguão e efetuando os primeiros disparos. Seguido das imagens do segundo atirados entrando no saguão, o corpo da coordenadora pedagógica já no chão, mas borrado na imagem.</p> <p>Imagem do entrevistado mostrando seu revólver e o distintivo da polícia.</p> <p>Imagens de arquivo do policial usando farda da polícia de São Paulo.</p> <p>Imagem de uma câmera de segurança da rua mostra o policial à paisana se deslocando para a escola.</p> <p>Imagem da entrevista do policial,</p>
--	---

EDUARDO ANDRADE (policial militar)

Nisso começou a passar gente na porta da minha casa já sangrando, desesperada, gritando “socorro, socorro!” E eu perguntei “o que tá acontecendo?” Falaram: “tem dois, dois dentro da escola!

Tá de máscara de caveira, todo de preto!” Aí eu comecei a ir. Fui pelo canto, fui com calma, fui olhando, e o pessoal vindo, vindo, vindo e eu mandando “vem, vem, é a polícia!” Tinha muito aluno pulando, caindo, se machucando no chão.

THATIANA BRASIL Repare, ele protege a arma com a mão. Eduardo teve medo de assustar os alunos.

EDUARDO ANDRADE (policial militar)

O meu cuidado foi o que? Porque que eu tava com a mão do lado? Pra não mostrar a arma pros alunos, porque eu poderia empurrar eles de volta pro colo do assassino. Então coloquei a arma meio... escondi, porque a intenção não era criar pânico, era tirar dali, evacuar a área.

E comecei a dar a volta no entorno do prédio, gritando “tá cercado, é a polícia!” E eles continuaram efetuando os disparos.

THATIANA BRASIL Ao conseguir entrar pelo portão principal da escola, Eduardo se deparou com as primeiras vítimas do ataque.

EDUARDO ANDRADE (policial militar)

Eu já me deparei com corpos no chão. Foi aonde aí eu tomei ciência da gravidade do que tava acontecendo?

seguido por mais imagens da câmera de segurança mostrando os alunos correndo pela rua.

Foto de arquivo de Guilherme usando a roupa preta, a máscara de caveira e empunhando um revólver. Seguem mais imagens das câmeras de segurança que mostram a correria dos alunos.

A reportagem congela a imagem da câmera de segurança em que o policial protege a arma com a mão. Toda a imagem fica escura, com foco de luz apenas no policial.

Entrevista do policial. Na imagem, a repórter e o policial. Intercalam imagens das câmeras de segurança mostrando a correria dos alunos pela rua.

Imagens das câmeras de segurança da escola mostram corpos pelo chão, borrados nas imagens, e a movimentação dos assassinos ao redor.

Imagem gravada por uma câmera de celular mostra corpos no chão, borrados, manchas de sangue, e o áudio do local.

Entrevista do policial intercalada com as imagens dos corpos pelo chão, borrados nas imagens, com manchas de sangue ao redor.

THATIANA BRASIL Qual foi a primeira imagem que você viu?

EDUARDO ANDRADE (policia militar) Foi a inspetora, mais dois alunos, um em cima do outro. Provavelmente eles já estavam sem vida, porque eu falei com eles, eu falei “olha pra mim, olha pra mim, responde!” Ninguém se mexeu.

THATIANA BRASIL Neste momento, Eduardo percebeu que uma das vítimas ainda estava viva.

EDUARDO ANDRADE (policia militar) Foi aonde eu vi a Eliane ali.

THATIANA BRASIL Eliana era inspetora da escola. Uma das oito pessoas assassinadas durante o massacre.

EDUARDO ANDRADE (policia militar) E ela tava respirando ainda e tava baixinho, tava falando.

THATIANA BRASIL O que que ela falou?

EDUARDO ANDRADE (policia militar) “Me ajuda.” Ela tava pedindo ajuda. Ela só falava bem baixinho, a vizinha baixinha: “eu vou morrer, me ajuda.” Eu falei: “calma, a polícia chegou, calma a polícia chegou!” E eu falei: “tá bom, não vou sair daqui!” E ela falou: “fica aqui, fica aqui, não sai” Bem baixinho, não conseguia ter voz pra falar, ela tava se esvaindo, literalmente.

THATIANA BRASIL O policial conta que os disparos eram constantes, mas ele não conseguia ver os atiradores.

Apenas corpos espalhados pelo chão e alunos desesperados tentando escapar com vida.

Entrevista do policial intercalada com as imagens dos corpos pelo chão, borrados nas imagens, com manchas de sangue ao redor.

Imagem gravada por uma câmera de celular mostra corpos no chão, borrados, manchas de sangue, e o áudio do local, nessa parte com gritos de uma aluna.

Entrevista do policial

Imagem de arquivo com fotos da Eliana

Entrevista do policial

Entrevista do policial em que aparece também a repórter, por vezes a câmera foca no policial.

Imagens da entrevista do policial.

Imagens das câmeras de segurança da escola mostram a correria pela escola e os corpos no chão, borrados na imagem

EDUARDO ANDRADE (policial militar)

Foi o momento que eu vi a gritaria, aluno correndo pra lá e pra cá, aí eu abaixei a arma de novo e eu escutei mais tiro. Páu, páu, páu. Aí o pessoal começou a vir de encontro a mim. Aí eu mostrei o distintivo e falei: “vem, é a polícia, vem, vem, vem, saí, saí, saí daí, saí daí!” Pessoal confuso, aí depois entendeu, aí eu comecei a coordenar “vem, vem, vem!” a evacuação rápida naquele momento.

THATIANA BRASIL Ele não chegou a ver Luiz Henrique, mas ficou cara a cara com Guilherme, o outro atirador.

EDUARDO ANDRADE (policial militar)

A única vez que eu vi ele ali, o único contato visual que eu tive com ele. Ele já tava bem lá próximo do Centro de Línguas.

THATIANA BRASIL Como que ele tava?

EDUARDO ANDRADE (policial militar)

Ele tava dando tiro nos alunos assim, veio uns quatro, cinco, seis alunos, correndo, aquele desespero, aquela gritaria e eu escutei mais tiro. Aí na hora que eu escutei mais tiro, quando eu já tava ali, eu gritei “pára! Pára, é a polícia! Pára agora, tá cercado o prédio!” E ele veio correndo, aí ele olhou, foi o único momento que eu vi a face desse, desse cara.

THATIANA BRASIL O policial conta que Guilherme disparou contra ele.

\

EDUARDO ANDRADE (policial militar)

Ele olhou assim pra mim, arregalou o olho, virou de costa e pá, deu um tiro a esmo. Acho que ele tentou dar na minha direção. Graças a Deus não pegou, recuei. Quando o Guilherme deparou comigo ele voltou daonde veio, que era lá no corredor, no canto, não voltou mais

Entrevista do policial intercalada com imagens das câmeras de segurança da escola mostrando a correria dos alunos na escola.

Imagem de arquivo de Luiz Henrique e Guilherme, com a máscara de caveira.

Entrevista do policial

Entrevista do policial

Imagem de arquivo em que Guilherme está de pé em um quarto, apontando um revólver para a câmera.

Entrevista do policial

e ficou em silêncio. Aí eu comecei gritar “vem, vem com a mão pra cima, joga a arma no chão e vem os dois com a mão pra cima!” Porque falaram pra mim que era dois. Eu não conseguia avançar mais porque eu não sabia se era só dois ou era mais. Se eu for pra lá e vier mais uns quatro, cinco, podem me matar. Se me matar, é uma arma a mais pros caras continuar usando. O local onde eu tava era um campo aberto, era o pátio principal.

Tem a cantina de frente. Nessa cantina de frente eu vi os alunos ali olhando,

tentando e a senhora que trabalhava ali em estado de choque, tentando se esconder.

Eles não voltaram mais, então a minha ação foi mais enfática no quê? De conter eles ali onde eles tavam. Eu fiz o contato visual, depois eu fiz o contato verbal. Estabeleci o contato, eles não respondiam, mas dali eles não saiam.

THATIANA BRASIL Eles ficaram encurralados.

EDUARDO ANDRADE (policia militar) Precisamente foi isso. Eles não tinham espaço pra agir mais. E o detalhe é, duas salas no corredor onde eles tavam, trancadas e barricadas. Os professores jogaram as cadeiras, seguraram pra eles não entrar. O corredor ali. Aí ele falou o quê? Eu vou entrar pra sala, eu vou tentar matar todo mundo lá, só que ele se deparou com as portas embarricadas. Falou, agora se eu voltar eu vou encontrar o polícia que eu vi e ele falou que tá cercado.

THATIANA BRASIL Foi nessa hora que os PMs chegaram. E aí Eduardo se viu na mira da polícia.

Imagem da cafeteria

Imagem da cozinheira chorando.

Entrevista do policial

Entrevista do policial

Imagens aéreas da movimentação de policiais na escola

<p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Eu olhei do lado e vi o fuzil na minha cara. E ele “e aí, e aí?” Eu falei “eu sou polícia!” Ele viu o distintivo, graças a Deus ele viu esse distintivo pendurado, porque eu poderia ter ali, naquele momento ali ter sido morto como um deles ainda, porque eu tava paisano, tava de camiseta regata vermelha, tava de boné e bermuda. Aí eu falei “ó, os dois tão ali!” Aí ele falou “Eduardo, fica aí, fica aí, continua evacuando, continua tirando esse pessoal daqui.” Aí passou Sgt Camargo e a equipe e foi em direção aonde eles tavam. Aí eu falei “graças a Deus, agora a gente tem apoio” porque até então eu tava sozinho. Porque do tempo que eu cheguei até ele chegar foi no máximo uns cinco minutos. Quando ele começou a ir em direção eu escutei os dois estampidos. Provavelmente foi os dois que eles se mataram.</p>	<p>Entrevista do policial</p>
<p>THATIANA BRASIL Você viu?</p>	
<p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Não, o exato momento do...</p>	<p>Entrevista do policial</p>
<p>THATIANA BRASIL Ou você só ouviu?</p>	
<p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Ouvi. Eu não tive o contato visual.</p>	<p>Entrevista do policial</p>
<p>THATIANA BRASIL Eles se mataram ou a polícia atirou?</p>	<p>Imagem de arquivo mostra um dos assassinos em uma foto ao lado de um carro</p>
<p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Se mataram. Eu tava vendo o sargento indo. Enquanto ele tava indo eu escutei os dois disparos, depois disso não teve mais.</p>	<p>Imagens de arquivo dos assassinos. Entrevista do policial.</p>
<p>Aí eu comecei a ir, aí eu vi o Guilherme, vi o outro, já no chão, já morto.</p>	<p>Imagem provavelmente tirada pela polícia mostram os assassinos mortos no chão, um de corpo inteiro, e do outro aparece apenas a cabeça. A imagem é borrada, mas é possível ver toda a silhueta do corpo e as manchas de</p>

<p>Aí quando a gente abriu a sala de aula veio aquele monte de aluno. Eu fui no banheiro, acho que de um banheiro eu tirei uns 40 alunos. Não dava pra abrir a porta. Eles tavam um empurrando o outro contra a porta. Não tinha espaço pra eles respirar praticamente ali.</p> <p>THATIANA BRASIL Qual a reação desses alunos quando você foi até eles?</p> <p>EDUARDO ANDRADE (policia militar) Primeiramente aquela cara de susto, porque eu tava paisano, com a arma, mas quando eu gritei “é a polícia, chegou, saí daí!” Eles não queriam vim, eles tavam assim, com estado de choque. Eu falei “é a polícia, saí! Saí logo daí!” Aí aquela sensação de graças a Deus. O brilho no olhar de cada um que passou por mim ali, num tem preço.</p> <p>THATIANA BRASIL Eduardo guarda a roupa e a arma usadas no dia do massacre e ao lado a farda que se orgulha de usar há 10 anos na corporação.</p> <p>EDUARDO ANDRADE (policia militar) Quando eu escolhi ser policia militar eu honrei o meu juramento.</p> <p>THATIANA BRASIL O PM está afastado do trabalho há dois meses por causa de um acidente. Em janeiro a arma do policia disparou sozinha quando ele chegava em casa. O tiro atravessou a perna. Desde o acidente o PM se pergunta por que isso havia acontecido com ele.</p> <p>Agora encontrou a resposta.</p>	<p>sangue.</p> <p>Imagens aéreas da escola e entrevista do policia</p> <p>Entrevista do policia</p> <p>Imagem mostra a roupa usada pelo policia no dia do massacre em cima da sua cama, estendida. Em cima, o revólver que estava usando, as algemas e o distintivo. Ao lado, a farda cinza da policia de São Paulo.</p> <p>Entrevista do policia</p> <p>Imagem de arquivo do policia. Na foto, ele está de pé, mirando com o revólver contra um alvo. Seguem imagens do policia mostrando o tiro que acidentalmente deu contra sua perna, a marca do tiro ele sentado em uma cadeira no jardim com uma muleta.</p> <p>Imagem das câmeras de segurança da rua mostram o policia chegando na escola à paisana.</p>
--	---

<p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Hoje eu não tenho dúvidas que Deus existe, porque se eu não tivesse tomado esse tiro talvez eu não tava sentado aqui na hora. Se eu não tivesse... se isso não tivesse acontecido comigo eu não ia tá presente aqui no momento dos disparos.</p>	Entrevista do policial
<p>THATIANA BRASIL Ainda muito abalado e emocionado ele relata o encontro que teve com o pai de um aluno que escapou do massacre.</p>	Imagem foca no rosto do policial emocionado, enxugando os olhos enquanto fala com a repórter.
<p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Abriu a porta assim, desceu um rapaz assim gritando “é você, é você, é você! Eu não acredito, eu te achei!” Eu falei “o que foi?” E ele “é você o polícia de vermelho, aí ó, você tá de vermelho.” Eu tava com a roupa ainda que eu tinha entrado. Ele “é você?” Eu falei “é, porque, o que aconteceu?” E ele assim “aqui ó, o meu filho, aqui ó, você salvou ele, se não fosse você ele não ia tá aqui agora!”</p>	Entrevista do policial
<p>Eu falei pra ele “isso não tem preço, isso num tem preço, eu fiz, faria de novo.”</p>	Imagem do policial chorando enquanto fala
<p>THATIANA BRASIL Um herói também dentro de casa. Eduardo é pai de uma menina de sete anos.</p>	Entrevista do policial mostra ele enxugando os olhos
<p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Eu voltei pra casa eu vi minha filha dormindo. Ela dormiu. E os pais que não viram os filhos dormir?</p>	Entrevista do policial emocionado
<p>THATIANA BRASIL A sua filha é muito nova, só tem sete anos, ela falou o que pra você?</p>	
<p>EDUARDO ANDRADE (policial militar) Ela teve um acesso de, de carinho por mim, de me abraçar, de falar ainda bem que eu to vivo, por que que eu fiz isso? Mas ela falou feliz, ela falou “meu pai, faz de novo, porque você é um herói!”</p>	Entrevista do policial. Conforme ele vai se emocionando ao falar da filha, a câmera vai dando zoom em seu rosto.

THATIANA BRASIL Obrigada, Eduardo, muito obrigado e parabéns pelo seu ato de coragem, viu?!

[DE VOLTA AOS ESTÚDIOS]

EDU RIBEIRO (apresentador) A repórter Thatiana Brasil está conosco ainda, agora ao vivo, ela está no Hospital das Clínicas, em São Paulo, porque lá estão internadas duas das vítimas desse massacre. Outras duas estão no HC de Mogi das Cruzes. Thatiana, boa noite pra você, qual é o estado de saúde dos estudantes?

[NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE SÃO PAULO - AO VIVO]

THATIANA BRASIL Boa noite, Eduardo, boa noite a todos. Olha, de acordo com o último boletim médico divulgado, o estado de saúde das quatro vítimas é considerado estável. Olha só, a Adna Isabella Bezerra de Paula, de 16 anos e Anderson Carrilho de Brito, de 15 anos, permanecem aqui no HC, ela na enfermaria e ele na UTI. Já Jennifer da Silva Cavalcante, de 15, e o Leonardo Martinez, de 16, estão no Hospital de Mogi das Cruzes. O estado de saúde do Leonardo é um pouquinho mais delicado. Ele passou ontem por uma cirurgia, né, mas sem complicações até agora.

EDU RIBEIRO (apresentador) Thatiana, outra dúvida, de Suzano e de todo o Brasil, é sobre a própria escola Raul Brasil. Quando é que ela vai reabrir, o que é que tem sido feito lá?

Imagem lateral da repórter e do entrevistado. Ela agradece pela entrevista e toca nele para confortá-lo. A reportagem finaliza mostrando novamente a imagem da câmera de segurança da rua quando o policial à paisana se deslocava para a escola.

Imagem do apresentador em frente ao telão com o nome do programa Domingo Espetacular. Na sequência, e tela divide a imagem do apresentador com a da repórter que está em frente ao hospital.

Stand Up da repórter em frente ao hospital de Clínicas de São Paulo.

Imagem da tela dividida do apresentador e da repórter em frente ao hospital.

THATIANA BRASIL Então, em nota, a Secretaria Estadual de Educação divulgou que a escola Raul Brasil vai ser reaberta amanhã pra professores e funcionários, e na terça-feira pra alunos e familiares. Nesses dois dias vai ser feito um acolhimento psicológico, com atividades ao ar livre, terapias em grupo, rodas de conversa, tudo, claro, acompanhado por psicólogos, psiquiatras e até médicos. Além disso, toda a estrutura da escola está sendo modificada. A ideia é realmente mudar o ambiente escolar depois desse terrível massacre. É com você, voltamos ao estúdio do Domingo Espetacular.

Stand up da repórter em frente ao Hospital.

JANINE BORBA (apresentadora) Obrigada, Thatiana, pelas informações. E também nessa semana um segundo massacre de inocentes assombrou o mundo. Na Nova Zelândia, um ex-professor de academia matou 50 pessoas e feriu outras 50 no maior massacre da história do país.

Imagem da apresentadora no estúdio.

[REPORTAGEM SOBRE O MASSACRE NA NOVA ZELÂNDIA]

[REPORTAGEM SOBRE O ENSINO DE ROBÓTICA EM ESCOLA PÚBLICA - PROFESSORA DÉBORA GAROFALO]

[REPORTAGEM SOBRE OS DESDOBRAMENTOS DO CASO BERNARDO]

[REPORTAGEM SOBRE A PRESENÇA DO PRESIDENTE NOS ESTADOS UNIDOS]

[REPORTAGEM SOBRE O ASSASSINATO DA VEREADORA MARIELLE FRANCO]

[REPORTAGEM SOBRE O IMPACTO DAS CHUVAS E ENCHENTES NO RIO

<p>DE JANEIRO, SÃO PAULO E CIDADES DO NORDESTE]</p> <p>[REPORTAGEM SOBRE ESPELHOS TECNOLÓGICOS]</p> <p>[REPORTAGEM SOBRE A GRAVIDEZ DA THALITA OLIVEIRA - APRESENTADORA DO PROGRAMA]</p> <p>[QUADRO COM DESAFIOS PARA AS FABÍOLAS]</p> <p>[50 POR 1 COM ÁLVARO GARNERO - FAZENDAS DE BAUNILHA E DE RUM NA POLINÉSIA FRANCESA]</p>	
--	--



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br